

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**RODRIGO SILVA SANTOS**

**Limites e possibilidades do processo de orientação  
profissional e de carreira como estratégia emancipatória para  
Estudantes de cursinhos populares nos formatos presencial e  
on-line em tempos de pandemia**

São Paulo

2022

**RODRIGO SILVA SANTOS**

**Limites e possibilidades do processo de orientação  
profissional e de carreira como estratégia emancipatória para  
Estudantes de cursinhos populares nos formatos presencial e  
on-line em tempos de pandemia**

**VERSÃO CORRIGIDA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva Santos, Rodrigo

Limites e possibilidades do processo de orientação profissional e de carreira como estratégia emancipatória para Estudantes de cursinhos populares nos formatos presencial e on-line em tempos de pandemia / Rodrigo Silva Santos; orientador Marcelo Afonso Ribeiro. -- São Paulo, 2022.

207 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. orientação vocacional. 2. intersubjetividade. 3. materialismo dialético. 4. trabalho. 5. resistência. I. Afonso Ribeiro, Marcelo, orient. II. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Rodrigo Silva Santos  
Título: Limites e possibilidades do processo de orientação profissional e de carreira como estratégia emancipatória para Estudantes de cursinhos populares nos formatos presencial e on-line em tempos de pandemia

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social  
Área de concentração: Psicologia Social

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha esposa Patrícia por todo apoio, carinho, compreensão e Amor, colega de graduação, companheira de iniciação científica, namorada e mulher dos meus sonhos realizados, sem você nada seria possível, obrigado, minha querida.

Meu filho Théo por ensinar a ser pai, me apresentar uma outra forma de ver as coisas simples da vida e me desculpe pelos momentos em que não pude brincar contigo.

Minha mãe Gercina e meu pai Francisco por todos os sacrifícios que fizeram para me ajudar a chegar aqui.

Meu irmão Fabiano pelo seu carinho.

Ao companheiro Carlos Mendes por ter mostrado como abrir as portas do mestrado.

À Rede Emancipa Movimento de Educação Popular, por fazer parte da minha vida, e em especial aos/às estudantes Aurora, Ana, Felipe, Meyri e Mônica, aos/às educadores/as populares Altamir, Bertha, Sarah e Tiago, ao/às psicólogos/as André e Pandora, por participarem dessa pesquisa.

À todas as pessoas que construíram e constroem o GEMPS (Grupo de Estudos para Mestrado em Psicologias), em especial aos pioneiros João Antônio e Camila Tereno.

Ao meu orientador, Prof. Marcelo Afonso Ribeiro pela paciência, compreensão e ajuda em proporcionar que esse trabalho fosse o menos angustiante possível, assim, eu pude *curtir* o pesquisar.

Muito obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

*Sinto-me longe do mundo.*

*Aurora*

19/09/20

## RESUMO

Santos, R. S. (2022). *Limites e possibilidades do processo de orientação profissional e de carreira como estratégia emancipatória para Estudantes de cursinhos populares nos formatos presencial e on-line em tempos de pandemia*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Compreender se, e como, um processo de orientação profissional e de carreira (OPC) on-line e presencial dentro de um cursinho popular pré-universitário pode se constituir numa estratégia orientada para a emancipação de seus estudantes é o objetivo desta pesquisa qualitativa. Realizou-se entrevistas individuais on-line com seis orientandos/as sendo cinco mulheres, e um homem, entre 17 e 34 anos, destes, dois jovens passaram pelo processo de orientação de forma presencial e os/a demais no modelo on-line. Também foram feitas duas rodas de conversas, uma com professores/as e coordenadores/as dos cursinhos, para conhecermos suas percepções sobre a OPC, e outra roda de conversa com a dupla de psicólogos/as responsáveis pela OPC dos cursinhos. As narrativas foram analisadas pela abordagem sócio-histórica através da construção de indicadores e categorias analíticas. A OPC demonstrou capacidade estratégica para auxiliar na conscientização crítica dos/as orientandos/as sobre si e o mundo, na construção do esperar e no acesso à outras realidades. Os resultados ainda apontaram que a pandemia da COVID-19 e os retrocessos protagonizados pelo então, presidente da república, aprofundaram as desigualdades sociais e os principais obstáculos encontrados nos processos emancipatórios dos/as orientandos/as foram: dificuldades financeiras, desemprego, conflitos familiares, conjuntura política, precarização do ensino público, violências, preconceitos, evasão escolar, exclusão digital, negligências e falta de conscientização racial. As principais formas de enfrentamento e de resistência encontradas estão nas áreas do estudar e trabalhar. Como resultado e produto da pesquisa apresenta-se uma proposta de estratégia de OPC orientada à emancipação, onde as categorias Relação Intersubjetiva, Reconhecimento Intersubjetivo e Informação Dialogada despontaram como centrais nessa proposta.

**Palavras-chaves:** orientação vocacional, intersubjetividade, materialismo dialético, trabalho, resistência.

## ABSTRACT

Santos, R. S. (2022). *Limits and possibilities of the career guidance and counseling process as an emancipatory strategy for Students of popular courses in face-to-face and online formats in times of pandemic*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Understanding whether, and how, an online and face-to-face professional and career guidance (OPC) process within a popular pre-university course can constitute a strategy aimed at the emancipation of its students is the objective of this qualitative research. Individual online interviews were carried out with six advisees, five women and one man, between 17 and 34 years old, of these, two young people went through the orientation process in person and the others in the online model. Two rounds of conversations were also held, one with teachers and coordinators of the courses, to get to know their perceptions about the OPC, and another round of conversation with the pair of psychologists responsible for the OPC of the courses. The narratives were analyzed using a socio-historical approach through the construction of indicators and analytical categories. The OPC demonstrated strategic capacity to help in the critical awareness of the advisees about themselves and the world, in the construction of hope and in the access to other realities. The results also pointed out that the COVID-19 pandemic and the setbacks carried out by the then president of the republic, deepened social inequalities and the main obstacles encountered in the emancipatory processes of the advisees were: financial difficulties, unemployment, family conflicts, political conjuncture, precariousness of public education, violence, prejudice, school dropout, digital exclusion, negligence and lack of racial awareness. The main forms of confrontation and resistance found are in the areas of studying and working. As a result and product of the research, a proposal for an emancipation-oriented OPC strategy is presented, where the categories Intersubjective Relation, Intersubjective Recognition and Dialogued Information emerged as central to this proposal.

**Keywords:** vocational orientation, intersubjectivity, dialectical materialism, work, resistance.



## LISTA DE SIGLAS

ABOP	Associação Brasileira de Orientação Profissional
ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CIEE	Centro de Integração Empresa-Escola
DEGASE	Departamento Geral de Ações Socioeducativas
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EaD	Ensino à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	Educação Popular
ETEC	Escola Técnica Estadual
FEI	Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana "Padre Sabóia de Medeiros"
FIES	Financiamento Estudantil
GGB	Grupo Gay Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
OE	Orientação Educacional
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONGs	Organizações Não-Governamentais
OPC	Orientação Profissional e de Carreira
OV	Orientação Vocacional
PIA	População em Idade Ativa
PL	Projeto de Lei
POP	Processo de Orientação Profissional
PROUNI	Programa Universidade Para Todos

PUC	Pontifícia Universidade Católica
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Plataformas e descritores utilizados no levantamento bibliográfico.....	45
Tabela 2. – Processo de Seleção do Levantamento bibliográfico.....	45
Tabela 3 - Características sociodemográficas dos cursinhos por distrito.....	63
Tabela 4 - Descrição do Processo de Orientação Profissional (POP).....	65
Tabela 5 - Caracterização dos/as participantes da pesquisa.....	71
Tabela 6 - Formato e ano do POP realizados pelos/as participantes.....	72
Tabela 7 – Perfil socioeconômico dos/as participantes.....	74
Tabela 8 – Caracterização dos genitores dos/as estudantes.....	75

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR E DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>OBJETIVOS DA PESQUISA .....</b>	<b>17</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO I - O TRABALHAR E O ESTUDAR.....</b>	<b>23</b>
1.1 O mundo do trabalhar e a classe trabalhadora.....	24
1.2. O Estudar da população pobre.....	26
1.3. Os sentidos e significados do trabalhar, das profissões e da universidade para os/as jovens da classe oprimida .....	28
<b>CAPÍTULO II - CURSINHOS POPULARES PRÉ-UNIVERSITÁRIOS E EDUCAÇÃO POPULAR.....</b>	<b>31</b>
2.1 Cursinhos populares pré-universitários: locais psicossociais de resistência e luta <i>das e pelas</i> periferias.....	32
2.2. Educação Popular: Uma educação libertadora.....	34
<b>CAPÍTULO III - ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA (OPC) PARA JOVENS DA CLASSE TRABALHADORA .....</b>	<b>36</b>
3.1. O campo da(s) Orientação(es) Profissional(is) e de Carreira(s): Breve resgate histórico, implicações terminológicas e desafios contemporâneos .....	37
3.2. A OPC como processo, estratégia e meio de intervenção psicossocial para justiça social .....	39
3.2.1. A proposta da Psicologia sócio-histórica para a OPC e a importância do contexto..	40
3.3. O problema de uma boa escolha profissional.....	41
3.4. Algumas pesquisas de OPC junto à jovens da classe trabalhadora e em cursinhos populares.....	42
<b>CAPÍTULO IV - CONSCIÊNCIA E CONSCIENTIZAÇÃO .....</b>	<b>47</b>
4.1. Consciência.....	48
4.2. Conscientização.....	49
<b>CAPÍTULO V - PERCURSO METODOLÓGICO INVESTIGATIVO .....</b>	<b>51</b>
5.1. A Abordagem qualitativa de pesquisa .....	52
5.2. A Psicologia sócio-histórica como referencial teórico para análise.....	53
5.2.1. Sentido e significado .....	54
5.2.2. Indicadores e Categorias .....	55
5.3. Rede Emancipa - Movimento Social de Educação Popular .....	56
5.3.1. As Unidades Vladimir Herzog e Leolinda Daltro .....	57
5.3.2. O Processo de Orientação Profissional (POP) .....	60

5.3.2.1. POP On-Line .....	63
5.4. Contexto sócio-histórico quando da realização da pesquisa .....	63
5.5. Participantes da pesquisa: Seleção, caracterização, quem são? Onde estão? O que fazem? .....	66
5.6. O trabalho em Campo, Instrumentos e Ferramentas utilizadas .....	72
5.6.1. Entrevistas dialogadas semiestruturadas e rodas de conversas.....	73
5.6.2. Narrativas .....	74
5.6.3. Plataformas de Encontros Virtuais, Diário de campo, Mixer virtual de áudio “Voicemeeter 1.0.7.3.”, Google documentos, e-mail e WhatsApp e Software NVIVO .....	75
5.7. Procedimentos éticos e metodológicos e forma de análise das informações.....	76
<b>CAPÍTULO VI - EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES .....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO VII - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E UMA PROPOSTA DE OPC.....</b>	<b>148</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E MAIS ALGUMAS PROPOSTAS .....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>192</b>
<b>ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>193</b>
<b>ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>195</b>
<b>ANEXO III - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>196</b>
<b>ANEXO IV - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA (ESTUDANTES DO CURSINHO).....</b>	<b>198</b>
<b>ANEXO V - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA (ESTUDANTES DO CURSINHO) .....</b>	<b>199</b>
<b>ANEXO VI - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA (COORDENADORES/AS, PROFESSORES/AS DO CURSINHO) .....</b>	<b>200</b>
<b>ANEXO VII - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA (COORDENADORES/AS, PROFESSORES/AS DO CURSINHO) .....</b>	<b>201</b>



## **APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR E DA PESQUISA**

Ser pesquisador foi um desejo que nasceu na primeira semana de graduação de Psicologia, ouvir professores/as falando de pesquisas era algo que me encantava, mesmo sem entender direito aquele novo mundo, que era muito diferente da minha realidade de homem negro e periférico.

A paixão pela Orientação Profissional e de Carreira (OPC) nasceu durante os estágios de Orientação Vocacional, época em que conheci a Rede Emancipa de Movimento de Educação Popular e não parei mais de atuar voluntariamente nos cursinhos.

Na busca de construir uma práxis orientada à emancipação, se tornaram constantes os desafios de repensar e reinventar práticas do campo da OPC a partir da realidade dos/as estudantes, e essa pesquisa a princípio tinha o objetivo de investigar a partir de uma perspectiva crítica se esses objetivos estavam sendo alcançados, porém, os impactos da pandemia da COVID-19 impuseram ao mundo uma conjuntura mais dura, complexa e desigual, alterando os caminhos da pesquisa, levando para lugares que serão apresentados nas próximas páginas.



## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

Compreender se, e como, a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) realizada em um cursinho popular pré-universitário pode se constituir numa estratégia orientada para a emancipação de seus/suas Orientandos/as é o objetivo desta pesquisa.

Dentre os objetivos específicos estão:

- Investigar se, e como, a OPC auxilia na construção de uma conscientização crítica dos/as Estudantes de cursinhos populares sobre os determinantes de suas escolhas profissionais ao projetarem o próprio futuro;

- Investigar as convergências, disparidades, limites e possibilidades da OPC realizada em cursinhos populares, nos formatos presencial e on-line;

- Compreender os sentidos e significados das aspirações sobre a escolha profissional dos/as Estudantes, relacionando-a com sua história de vida e como fruto de seu processo de desenvolvimento psicossocial;

- Investigar quais seriam os obstáculos que impedem a emancipação dos/as Estudantes no aqui-e-agora.

# INTRODUÇÃO

Destaca-se como principais desafios contemporâneos para os profissionais da área da Orientação Profissional e de Carreira (OPC), auxiliar na elaboração de projetos de vida em um mundo marcado pela instabilidade, descontinuidade, incertezas e flexibilidade (Blustein, Masdonati, & Rossier, 2017; Lop, Nau, Tiedemann, Silva, & Silva, 2018; Ribeiro, 2014) e atuar junto à população pobre (S. Bock, 2010; Dias & Soares, 2007; L. Silva, 2016).

Com base em autores/as críticos/as do campo geral da Psicologia, Sociologia, Filosofia e da Educação como Aruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), Fanon (2008), González Rey (2005, 2007, 2010), Freire (1983, 1992), Freire e Shor (1986), Lane (1981), e Martín-Baró (1996), e da área específica da OPC, como Blustein (2006), S. Bock (2010, 2013), Bohoslavsky (1983), F. Silva (2010), Hooley e Sultana (2016), Rascován (2005), Ribeiro (2014, 2016) e Sultana (2017), a presente pesquisa pretende problematizar a forma tradicional que a OPC vem se desenvolvendo, atendendo, principalmente, jovens de classe média e alta, e busca analisar possibilidades de ampliação de seu alcance para jovens moradores/as de periferias, produzindo resultados que possam expandir o campo de conhecimento e intervenção da OPC no atendimento desta população como apontam Blustein (2006), Maree (2015), Nota, Soresi, Ferrari e Ginevra (2014), Rascován (2005), Silva, Vieira, Cardoso e Campos (2015), Sultana (2010) e Valore e Cavallet (2012) como tarefa urgente para a OPC do século XXI, no combate à injustiça social, especialmente nos países do hemisfério sul, como é o caso do Brasil.

O Pesquisador estava em vias de ir à campo quando o mundo foi tomado pela pandemia da COVID-19, uma doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, popularmente chamada de *pandemia do novo coronavírus*, acometendo brasileiros/as de forma muito heterogênea, evidenciando a estratificação da sociedade brasileira, aprofundando as desigualdades sociais já existentes e impondo novas formas de ser e se relacionar com outros/as pessoas e com a tecnologia.

Dessa forma foi necessário refazer o projeto de pesquisa e passamos a incluir em nossos estudos a modalidade on-line da OPC junto aos/às estudantes dos cursinhos populares pré-universitários.

Buscando proporcionar uma melhor compreensão dos capítulos dessa dissertação, tentamos utilizar uma linguagem escrita que supra as expectativas do que se espera de um trabalho acadêmico e também não seja totalmente estranha para pessoas fora desse meio, em especial os/as participantes desta pesquisa, pois, são coautores/as do conhecimento produzido.

Apresentamos a seguir de forma introdutória alguns conceitos e termos utilizados nesse trabalho.

Os/as participantes da pesquisa se identificam com o termo “*periféricos/as*”, e serão assim referenciados/as.

Em nossa perspectiva ontológica de ser humano, de base sociointeracionista, entendemos que toda pessoa humana se constitui *pelos e nas* relações, sem determinação social ou psicológica absoluta e sem mediação social, cultural e histórica, uma unidade heterogênea e complexa, opondo-se a naturalização e universalização dos fenômenos (Vygotsky, 1991, 2001); por essa razão, preferimos o termo *psicossocial* por entendê-lo como superação da dicotomia entre pessoa e sociedade e defendermos a indissociabilidade entre subjetividade/objetividade, entre a psique e o social e sim um *híbrido psicossocial* (Ribeiro, 2017).

A partir da leitura dos trabalhos de autores da Teoria Crítica da Sociedade como Axel Honneth (2003, 2017), Adorno (2000) e de outros/as pensadores/as como o educador e filósofo Paulo Freire (1983, 1986), psicólogos sociais e professores/as universitários/as como Luís Guilherme Galeão-Silva (2017) da Universidade de São Paulo (USP) e Juracy Armando Mariano de Almeida (2017) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), compreendemos a *emancipação* como um processo socio-histórico-político plural e coletivo das classes dominadas, que envolve a conscientização, autonomia e libertação das pessoas a partir das lutas de movimentos sociais, as quais passam provisoriamente a viverem de forma plena seus projetos de vidas em uma realidade qualitativamente diferente daquela experienciada até então, porém, devido ao seu caráter pluralista e de novas tensões de opressão, sua completude é utópica, sendo possível somente a realização de transitórios fragmentos emancipatórios para as diversas perspectivas e sentidos de emancipação.

Com relação à estrutura desta dissertação, apresentamos a revisão bibliográfica levantada sobre os temas/títulos que compõem a pesquisa, divididos nos primeiros quatro capítulos. No primeiro capítulo, discorremos sobre o mundo do trabalho e a classe trabalhadora, o estudar da população pobre, e os sentidos e significados do trabalho, das profissões e da universidade para os/as jovens da classe oprimida. No segundo capítulo, abordamos os cursinhos populares pré-universitários e a educação popular. No terceiro capítulo, apresentamos um breve resgate histórico do campo da OPC, suas implicações terminológicas e desafios contemporâneos, para, em seguida discutirmos sobre as possibilidades da OPC como estratégia e meio de intervenção psicossocial para justiça

social, apresentamos a proposta da Psicologia sócio-histórica para a OPC e a importância do contexto, abordamos o problema do que seria uma boa escolha profissional, e encerramos o capítulo expondo algumas pesquisas de OPC junto à jovens da classe trabalhadora e em cursinhos populares. Concluímos a primeira parte com um capítulo sobre os aspectos psicossociais da formação da consciência e da conscientização de acordo com a abordagem sócio-histórica.

O quinto capítulo “O Percurso Metodológico Investigativo” ocupa-se da descrição rigorosa do método de pesquisa.

O sexto capítulo apresenta a Exposição dos Resultados de Análises, o sétimo a Discussão dos Resultados e uma Proposta de OPC, e por fim as Considerações Finais e Algumas Propostas, entre essas a de uma estratégia de OPC orientada à emancipação dos/as estudantes de cursinhos populares como resultado e produto final da pesquisa.

A partir do Capítulo V - Método, optamos por utilizar os substantivos com letras maiúsculas como forma de reconhecimento dos/as participantes da pesquisa.

## **CAPÍTULO I - O TRABALHAR E O ESTUDAR**

*O mundo não é,  
o mundo está sendo.*

*Paulo Freire, 1996*

Nessa primeira parte abordaremos algumas perspectivas teóricas sobre o Trabalhar e o Estudar, cursinhos populares pré-universitários, OPC para população pobre, consciência e conscientiza.

Não se buscou explicar os temas de forma profunda, mas o suficiente para auxiliar na melhor compreensão dos Resultados das análises e Discussão.

Preferimos adotar a ideia de trabalhar e estudar ao invés de trabalho e educação, como propõe Blustein (2011), por implicar na análise de vida de pessoas que trabalham ou almejam trabalhar e estudam em dado momento dentro de um contexto sócio-histórico.

### **1.1 O mundo do trabalhar e a classe trabalhadora**

Nessa pesquisa, trabalhadores/as são todas as pessoas que vendem, ou querem vender sua força de trabalho.

O mundo do trabalhar, ou mundo do trabalho “é composto por diversas formas de relações possíveis com o mundo por meio do trabalho, abrangendo tanto o trabalho reprodutivo . . . quanto às produções culturais, o desenvolvimento político, e o trabalho produtivo e remunerado” (Ribeiro, 2014, p. 32).

O mundo do trabalhar no Brasil é caracterizado por mudanças constantes em sua dinâmica, estrutura e organização; processos contínuos de complexificação, fragmentação, flexibilização, heterogeneidade, precariedade, informalidade, instabilidade e fortemente marcado pelas vicissitudes da escravidão (Lop et al., 2018; Ribeiro, 2014; Ribeiro & Fonçatti, 2017).

Trabalhar não é apenas aplicar conhecimentos e habilidades para satisfação das próprias necessidades, é *a priori* a transformação da realidade, através da qual a pessoa pode se (re)encontrar ou se alienar (Martín-Baró, 1997).

O trabalhar é um elemento estruturante e fundante da sociedade, tem caráter de ação, implicando na ideia de relação, da pessoa no mundo com outras pessoas, possuiu aspectos psicológicos, psicossociais, culturais e socioeconômicos. As pessoas, em geral, organizam sua vida em torno do trabalhar para possuírem uma renda mínima para suprirem as condições básicas necessárias para sobrevivência, dessa forma as demais atividades nascem a partir desta.

O sistema capitalista a partir da transição do século XIX para XX, trouxe inovações tecnológicas que passaram a produzir mercadorias em massa com interesse no



aumento da produção e no acúmulo e concentração de riquezas, aumentando consequentemente as desigualdades sociais, tendo o fordismo e taylorismo como principais representantes.

A forma de trabalhar modifica-se de acordo com o contexto sócio-histórico, onde cada época possui seus próprios meios de produção e distribuição de riqueza, e devem assim serem analisados, e a globalização e o neoliberalismo são os atuais meios de realização capitalista (A. Oliveira, 2009).

Para Blustein (2011), o significado do trabalhar é construído via discursos nas relações e nos contextos culturais. Compreender o trabalhar como ato relacional implica pensar que toda decisão, experiência e interação no mundo do trabalhar é impactada pelas relações dentro e fora do trabalho, uma impactando a outra.

Ainda de acordo com autor, o trabalhar possui três funções na experiência humana: a) possibilita meios de sustento e gera poder (garantia de sobrevivência, aquisição de uma posição social e econômica); b) possibilita conexão social, e c) possibilita a autodeterminação, essa última está relacionada com a possibilidade de escolha, sua competência e seus relacionamentos nos contextos de trabalho (Blustein, 2011; Blustein et al., 2017).

Para Marx (2011), trabalhar possui duas dimensões distintas: uma refere-se à interação entre pessoa e natureza, na qual, ao agir sobre a natureza, a pessoa se humaniza, ou seja, no processo de transformação da natureza, ocorre a humanização das pessoas e a produção de produtos para satisfação de necessidades biológicas e sociais. A outra dimensão seria a apropriação do trabalhar pelo sistema capitalista que despersonaliza os/as trabalhadores/as visando a mais-valia e o lucro.

A valorização social de uma pessoa dentro do sistema capitalista tem relação direta com a posição que o seu trabalho ocupa na sociedade (Honneth, 2003; Marx, 2011).

Pela perspectiva do materialismo-histórico e dialético, a produção da exploração da força de trabalho reifica as pessoas em mercadorias e estratifica a sociedade em duas classes sociais antagônicas, uma detentora dos meios de produção (classe dominante/opressora/burguesa) e outra que *vende* sua força de trabalho (classe trabalhadora/oprimida/proletariado). A primeira classe explora e domina a segunda que trabalha para o acúmulo de lucro e manutenção do poder da classe dominante, ou seja, as relações sociais são mediadas pelo poder (Lane, 1981; Marx, 2011).

Gonçalves (2007) aponta a contradição da liberdade apregoada pelo capital, pois o/a trabalhador/a enxerga-se livre para vender sua força de trabalho, mas, na realidade,

ele/a submete-se as e leis que servem aos interesses do capital, assim, “ao mesmo tempo em que se afirma o sujeito, afirma-se o objeto” (p. 114).

A partir da leitura de trabalhos como Blustein (2011); Ribeiro (2014); Rosado e Maria (2012), compreendemos que a construção da subjetividade, da cognição e da identidade ocorre através do trabalho, e as condições para a organização e realização do trabalho podem ser:

- a) Ação de emancipação, construção de si e do mundo, conferindo humanidade; e/ou
- b) Ação de sofrimento, alienação de si e do mundo, retirando humanidade, as dificuldades de acesso ao trabalho com o mínimo de dignidade podem levar as pessoas a uma posição marginal na sociedade, gerando desprazer e não se identificando com a função exercida

É ideal que o trabalhar forneça um senso de importância que possa ajudar a dar propósito à vida. Assim, o trabalho digno e decente deveria proporcionar acesso a condições de seguras e saudáveis de trabalho, respeito aos direitos humanos e à diversidade, proporcionando saúde psicológica e bem-estar (Blustein, 2011).

Abramo (2010) aponta que o conceito de trabalho decente, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), integra as dimensões quantitativa e qualitativa do emprego e seria o ponto de convergência “entre quatro objetivos estratégicos, a saber: princípios e direitos fundamentais no trabalho, emprego, proteção social e diálogo social” (OIT, 1999, p. 1).

Vale salientar que, juntamente ao trabalho formal, o trabalho informal é parte da estrutura do país, a informalidade não é uma exceção temporária, derivada de um período transitório de crise, pelo contrário, grande parte da população brasileira sempre trabalhou na informalidade, não possuindo estabilidade e segurança de renda (Ribeiro & Fonçatti, 2017).

Concluimos que o trabalhar é estruturador da existência humana, construtor da subjetividade, da identidade, possuindo dimensões psicológicas, socioeconômicas, psicossociais, carregando uma dualidade ontológica, faz a mediação entre pessoa-mundo, necessita da legitimidade do/s outro/s, demonstrando, assim, seu aspecto intersubjetivo, e altera seu modo e sua forma de acordo com o contexto sócio-histórico de cada época.

## **1.2. O Estudar da população pobre**

Quando o assunto é Ensino Superior para a população periférica, o trabalhar e o estudar são dimensões que, quando analisadas de forma isoladas, podem deixar lacunas

e/ou escamotear fatos que dificultam uma análise mais aprofundada da realidade destes/as jovens.

Compreendemos o estudar como um ato relacional, dialógico, dialético e transformador (Demo, 2007; Freire, 1983; Freire & Shor, 1986). O estudar para alguns jovens das periferias é um obstáculo em si, tratando-se de Ensino Superior os desafios são maiores.

Santos e Ataíde (2019) realizaram uma revisão bibliográfica sobre o processo de democratização do Ensino Superior, os resultados apontaram que as principais adversidades enfrentadas pelos/as jovens da classe oprimida são:

dificuldades financeiras, ensino médio deficitário, filtro seletivo dos vestibulares, falta de moradia estudantil e estarem geograficamente distante das universidades públicas, havendo casos em que os jovens são obrigados a se separarem de suas famílias para se graduarem em universidades federais de outros estados, partindo sem trabalho, sem dinheiro, munidos somente de sonhos e esperança (Santos & Ataíde, 2019, p. 18).

Desde da época colonial, estudar era um privilégio de uma pequena parcela da população, no caso, filhos/as dos/as grandes latifundiários/as, ou seja, da classe dominante e, ao longo das décadas, o Ensino Superior manteve seu caráter aristocrático, porém, com o processo de ampliação de acesso através de políticas públicas afirmativas como Programa de Inclusão social e racial (COTAS); o Programa Universidade para Todos (PROUNI) em 2004, o Financiamento Estudantil (FIES) em 1999, Programa INCLUIR, dirigido às pessoas portadoras de deficiência; Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) de 2007, além do aumento da oferta de Ensino a Distância (EAD). Assim, o Ensino Superior passou a ter um/a *novo/a aluno/a* pertencente a uma parcela da população que vinha sendo historicamente excluída (Santos & Ataíde, 2019).

Contudo as desigualdades sociais existentes entre os/as jovens da classe dominante e das periferias continuam preservadas e dificultam a permanência estudantil nas universidades, sendo a conclusão da graduação uma esperança de mudança no futuro através do exercício da profissão (F. Silva, 2010; L. Silva, 2016).

O Brasil é um país marcado pelas desigualdades sociais que está entre os cinco países da América Latina com maior índice de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, propiciando a mercantilização da educação, assim, a democratização do Ensino Superior, passa a ser vista como uma massificação, pois mesmo que haja “uma redução

nas discrepâncias de acesso . . . concomitantemente acentua-se as desigualdades internas do sistema educativo e nem todos os grupos sociais usufruem desse fenômeno, sendo a classe média a mais beneficiada” (Santos & Ataíde, 2019, p. 19).

A massificação do Ensino Superior culminou em uma demanda que o Estado não vem conseguindo suprir, de acordo com o Censo da Educação de 2019, entre 2008 e 2018 houve um aumento de 44,6% no número de matrículas de graduação chegando a 8,45 milhões de estudantes, sendo que 75,4% estão no setor privado que representam 88,2% das IES (Brasil, 2019; Santos & Ataíde, 2019), porém, somente 16,5% da população brasileira de 25 anos segundo a PNAD de 2018, está inserida no Ensino Superior (E. Oliveira, 2019).

Por essa perspectiva é possível perceber que o Estado finda por reproduzir as desigualdades sociais que promete abolir, pois não proporciona a ascensão social prometida pelos macros discursos sociais (Santos & Ataíde, 2019). Concordamos com Lane (1981), sobre a educação ser institucionalizada e ter o objetivo de manutenção do *status quo*.

A educação tem forte multideterminações no trabalhar que, por sua vez, se faz imperativo no presente dos/as jovens das periferias como meio para produzir as condições materiais necessárias para a sobrevivência, porém, a educação exige um mínimo de tempo para atravessar o Ensino Fundamental, Médio, Superior e especializações ulteriores, tempo esse, muitas vezes inconciliável com a urgência de suprir as condições básicas que se fazem presente no aqui-e-agora destes/as jovens. O mundo do estudar tem demonstrado suas contradições com por exemplo, a mercantilização da educação e o seu descrédito por parte de figuras do Poder Público.

### **1.3. Os sentidos e significados do trabalhar, das profissões e da universidade para os/as jovens da classe oprimida**

Cada pessoa construirá seu próprio sentido de trabalhar e estudar, que pode ser experienciado como emancipador ou penoso, o ideal seria que o trabalhar ajudasse a dar propósito à vida, mesmo naqueles casos em que a atividade é incongruente com os interesses, habilidades e valores da pessoa (Blustein, 2011).

S. Silva (2014) realizou uma pesquisa com objetivo de conhecer os sentidos e significados acerca da escolha profissional de dois universitários bolsistas do Programa Bolsa Universidade desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Manaus, e o autor

concluiu que os estudantes realizaram uma escolha ocupacional com pouca crítica do mundo do trabalhar, sem aprofundamento das profissões, influenciados pela ideologia neoliberal e percebem a educação como ponte para a ascensão profissional e social.

Figueiredo e Barbosa (2015) realizaram uma pesquisa-ação com 20 estudantes, sendo 10 homens e 10 mulheres, com idades entre 16 e 36 anos, de um cursinho popular pré-universitário com o objetivo de conhecer os fatores que influenciavam a escolha profissional e as expectativas sobre o futuro após a conclusão da universidade. Os resultados mostraram que o grupo acreditava que a conclusão do Ensino Superior poderia proporcionar acesso a um bom emprego ou possibilidade de galgar cargos, demonstrando maior interesse pelas profissões mais reconhecidas, valorizadas e prestigiadas.

Para esses/as estudantes, a conclusão do curso universitário representava a possibilidade de alcançar a independência econômica e melhorar o padrão de vida, significando um momento de satisfação pessoal pela escolha realizada e converge com os resultados das pesquisas de S. Bock (2010), Whitaker (2010), e Whitaker e Onofre (2006).

Essas pesquisas também apontaram que devido as condições materiais e educacionais os/as estudantes findam por escolherem cursos menos concorridos, de menor prestígio social, econômico, com baixa remuneração, contudo, com mais chances de aprovação.

Whitaker e Onofre (2006) apontam que as profissões de cursos de menor duração e de inserção mais rápida no mercado de trabalho são as mais escolhidas pelos/as estudantes de baixa renda que contam com uma baixa qualidade do Ensino Médio público e buscam por profissões que possibilitem um rápido retorno financeiro.

Valore e Cavallet (2012), ao realizarem uma atividade sobre a função social das profissões com estudantes de cursinhos populares, perceberam um fenômeno que tem sido alvo de discussão dentro e fora da esfera acadêmica: o obscurecimento do compromisso social das profissões pelo individualismo e fomentado pela meritocracia e o neoliberalismo, os quais servem aos interesses da classe dominante.

Ainda de acordo com as autoras, para esses/as estudantes, o trabalhar é atravessado pela divisão sexual dos corpos, naturalizando algumas ocupações como femininas (enfermeira) e masculina (engenheiro), evidenciando atributos de cuidados à mulher e trabalho intelectual ao homem e ressaltaram que os cursos de licenciatura são mais buscados pelos/as estudantes, principalmente por mulheres.

Os sentidos atribuídos e os significados apreendidos sobre trabalho, profissão e universidade para os/as estudantes de cursinhos populares são por estes/as construídos de

forma dialética através de suas relações interpessoais, mediatizadas por seu contexto sócio-histórico e faz necessário conhecê-los para a efetividade das intervenções de OPC.

## **CAPÍTULO II - CURSINHOS POPULARES PRÉ- UNIVERSITÁRIOS E EDUCAÇÃO POPULAR**

## **2.1 Cursinhos populares pré-universitários: locais psicossociais de resistência e lutas e pelas periferias**

Os cursinhos populares pré-vestibulares diferenciam-se de forma quase radical dos cursinhos populares pré-universitários, enquanto, os primeiros focam suas atividades de forma quase exclusiva no processo vestibular, os outros buscam auxiliar seus/as estudantes de forma mais global, por entenderem, que estão buscando ajudar jovens adentrarem em um lugar onde possivelmente as dificuldades não encerram no acesso, pelo contrário, a permanência estudantil pode ser um desafio constante na vida dos/as jovens das periferias.

As universidades são locais de poder, de desenvolvimento do conhecimento, formação de mão de obra qualificada e caminho natural da continuação dos estudos dos/as jovens da classe dominante e, mesmo com o processo de ampliação de acesso ao Ensino Superior, observa-se de forma contraditória o distanciamento dos/as jovens das periferias das universidades públicas, e não obstante, de forma ideológica é atribuído ao Ensino Superior o *status* de mobilizador social.

Desta forma, muitos destes/destas jovens almejam o sonho da ascensão social através do exercício da profissão adquirida por meio do Ensino Superior, pois o trabalho pode possibilitar a aquisição e realização de sonhos que se apresentam distantes, trazer a felicidade, independência econômica e melhorar o padrão de vida de forma geral (Silva, Cardoso & Campos, 2015).

Os cursinhos populares pré-universitários auxiliam jovens e adultos/as das periferias a ingressarem no Ensino Superior, buscando contribuir na formação de pessoas conscientes de suas determinações históricas e sociais, capazes de agir sobre o mundo transformando-o e assumindo o protagonismo da própria vida (Carvalho, 2017; Kato, 2015; Mendes & Rufato, 2015).

Pereira, Raizer e Meirelles (2010) realizaram um levantamento bibliográfico sobre cursinhos populares pré-universitários, e em sua pesquisa sobre a inclusão no Ensino Superior de grupos sociais historicamente excluídos dos cursos de graduação, os autores contam que os cursinhos populares surgiram no final de década de 1970, mas somente a partir de 1990 que passaram a se expandir inspirados na experiência do movimento popular Pré-Vestibular para Negros no estado do Rio de Janeiro.

Ainda de acordo com esses autores, os cursinhos populares pré-universitários são marcados pela informalidade e o idealismo de alguns/mas estudantes universitários/as



que compõem o corpo docente e de colaboradores/as, com as mais diferentes concepções políticas e pedagógicas.

Essa pluralidade desponta duas vertentes, aqueles/as que se veem como militantes e aqueles/as que não reconhecem a dimensão política de sua atuação nesses espaços e se ocupam exclusivamente dos conteúdos pedagógicos (Mendes & Rufato, 2015; Pereira et al., 2010).

Escolas públicas, Centros Educacionais Unificados (CEU), associação de moradores, salões paroquiais são alguns dos locais, entre outros, em que os cursinhos se acomodam e utilizam para ministrarem suas aulas, o que limita suas ações, mas não diminui suas potencialidades e, talvez, o maior mérito que carregam seja a crítica ao processo meritocrático e injusto do vestibular.

Em média, um/a estudante de cursinho popular leva dois anos para conseguir a aprovação e entrar na universidade pública (Pereira et al., 2010).

Whitaker (2010) acrescenta que o idealismo das Organizações Não-Governamentais (ONGs), a chegada dos partidos de esquerda ao poder, os movimentos sociais, a criação de ações afirmativas e a luta contra a exclusão auxiliaram na criação dos cursinhos populares.

Os cursinhos populares parecem se constituir como um paradoxo, fazendo uso da Educação Popular (EP) como ferramenta e arma de resistência e combate ao *status quo*, o objetivo de suas lutas é um futuro de acesso livre às universidades públicas, onde não haja a necessidade da existência de cursinhos populares (Carvalho, 2017).

Diversos/as autores/as concordam que o espaço sócio-econômico-cultural no qual as pessoas estão inseridas, ou seja, o território, tem relação direta com igualdade e desigualdade social (S. Bock, 2010; Blustein, 2011, 2017; Freire, 1967, 1983; Freire & Shor, 1986; Galeão-Silva, 2017; S. Almeida, 2018; J. Almeida, 2017; Lane, 1981; Martin-Baró, 1996, 2009a, 2009b; Ribeiro, 2014) e os cursinhos populares buscam através da EP trabalhar a intersecção entre território e o protagonismo dos/as estudantes visando a superação dos obstáculos que impedem a emancipação.

São inúmeros os obstáculos enfrentados pelos/as Estudantes de cursinhos populares quando o assunto é Ensino Superior: além das dificuldades financeiras e Ensino Médio deficitário, há também o vestibular como barreira social, preconceito, racismo, universidades localizadas a longas distâncias do território, implicando até no deslocamento de jovens para outros estados brasileiros a fim de se graduarem em universidades federais de outros estados brasileiros e não em sua terra natal, partindo,

muitas vezes, sem trabalho, sem dinheiro, munidos somente de sonhos e esperança (Carvalho, 2017).

Torna-se imperativo construções de espaços críticos e dialógicos onde as relações sociais possam ser questionadas e reformuladas, proporcionando a formação de pessoas conscientes de suas determinações históricas e sociais capazes de agir sobre o mundo transformando-o e tornando-se protagonistas da própria vida (Freire, 1983; Freire & Shor, 1986; Kato, 2015; Lane, 1981; Pereira et. al., 2010; Silva et. al., 2015).

Os cursinhos populares pré-universitários objetivam a materialização desse espaço, buscando auxiliar jovens e adultos/as das periferias ao ingresso pseudodemocrático no Ensino Superior.

## **2.2. Educação Popular: Uma educação libertadora**

Apresentaremos nessa seção um breve resumo sobre a EP com base na pesquisa da Profa. Conceição Paludo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre a origem e desenvolvimento e contribuições da EP.

O levantamento bibliográfico feito pela pesquisadora expõe que a EP surgiu entre 1930 e 1960, onde desenvolveu seus alicerces sendo fortemente expandida após a onda das ditaduras ocorridas entre 1960 e 1980 nos processos de redemocratização das sociedades latino-americanas; construída nos processos de luta e resistência das classes oprimidas, constitui-se como campo de conhecimento e de prática educativa em permanente crítica ao sistema societário vigente; está fortemente enraizada e presente na América Latina; e defende a indissociabilidade entre educação e política, buscando contribuir nos processos emancipatórios da classe trabalhadora.

Suas principais fontes teóricas vêm da teoria marxista; de autores latino-americanos como Paulo Freire; das matrizes da Teologia da Libertação; do sindicalismo; dos movimentos urbanos, rurais e comunitários; do socialismo; da revolução; das artes, com o Teatro do Oprimido; e da comunicação (Paludo, 2015).

De acordo com Paludo (2015), a EP se faz como mediação entre a realidade objetiva e o projeto de futuro em construção de seus/suas estudantes, articulando processos de luta e resistência, se delineando como movimento social, ético e político, ou seja, uma educação como prática social para a transformação da sociedade.

Sendo uma fonte de inspiração, os trabalhos de Paulo Freire como *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como Prática da Liberdade*, apontam que a educação é uma prática

da liberdade dos/as oprimidos/as a partir da real conscientização destes/as de sua própria situação presente, existencial e concreta. Também defende que educação é política, por essa razão, a educação é sempre diretiva e, portanto, postula uma educação dialogada e crítica em detrimento de uma educação bancária a favor dos interesses das classes dominantes (Freire, 1967; Freire, 1983; Freire, 1992; Freire & Shor, 1986).

Dessa forma, a EP é uma Educação Libertadora, por seu caráter ético-político-estético e sua orientação à emancipação problematizando a realidade (Paludo, 2015; Freire, 1967; Freire, 1983; Freire & Shor, 1986).

**CAPÍTULO III - ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE  
CARREIRA (OPC) PARA JOVENS DA CLASSE  
TRABALHADORA**

Nesse capítulo, nos ocuparemos em apresentar um breve resgate histórico do campo da OPC somente para contextualizar as características do que seria a OPC como processo, estratégia e meio de intervenção psicossocial no combate à injustiça social.

Apresentaremos também a proposta de OPC pela abordagem sócio-histórica, algumas definições sobre o que seria uma boa escolha profissional e, por fim, algumas pesquisas de OPC junto à jovens de cursinhos populares ou em situações de vulnerabilidades psicossociais.

O resgate histórico mais profundo e detalhado do campo geral da OPC foge dos objetivos dessa pesquisa, em caso de interesse pelo tema recomendamos a leitura dos livros *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira: Volume 1- Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos*; e *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira: Volume 2- Enfoques teóricos contemporâneos e modelos de intervenção*, ambos organizados pelos Professores/as Marcelo Afonso Ribeiro e Lucy Leal Melo-Silva (Ribeiro & Melo-Silva, 2011a,b) e *Orientação Profissional – A abordagem sócio-histórica* do Prof. Silvio Bock (S. Bock, 2013), os quais serviram de base para as explicações do tema.

### **3.1. O campo da(s) Orientação(es) Profissional(is) e de Carreira(s): Breve resgate histórico, implicações terminológicas e desafios contemporâneos**

A possibilidade das pessoas realizarem suas próprias escolhas sofreu transformações no decorrer do tempo, por exemplo, na Grécia Antiga, o destino era determinado pelos Deuses, já os filósofos do Período Clássico acreditavam serem os únicos capazes de construir seu futuro através da reflexão, enquanto os/as demais (os nobres, soldados/as e escravos/as) já nasciam com o destino traçado (Ribeiro & Melo-Silva, 2011a).

Só com a chegada do Renascimento, surge a possibilidade da experiência subjetiva, ou seja, a pessoa assumindo as rédeas da própria vida e escolhendo para si, o que acha certo ou errado. Até o século XV não havia escolha profissional propriamente dita, pois a origem da família determinava hereditariamente o futuro trabalho das pessoas, não havendo mobilidade social ou possibilidade de inserções diversas no mundo do trabalhar, somente passando a ocorrer a partir dos séculos XVIII e XIX, por conta da mudança dos meios de produção (passagem da relação manual e mecânica para uma especializada), das doutrinas liberais (valorização do esforço pessoal) e do surgimento da

Psicologia trazendo a contribuição científica de poder identificar as capacidades individuais e de auxiliar na inserção no mundo do trabalho (Ribeiro & Melo-Silva, 2011a).

De acordo com Ribeiro e Melo-Silva (2011a), ao longo das primeiras décadas do século XX, o campo da OPC foi inicialmente dividido em três grandes áreas: a Orientação Educacional (OE), a Orientação Vocacional (OV) e a Orientação Profissional (OP).

OE e OP são áreas distintas, na qual a primeira estaria inserida no ambiente escolar, e sua principal tarefa seria auxiliar o/a educando/a nas diversas dimensões de sua vida: pessoal, sexual, profissional, social, familiar, etc.; enquanto a segunda auxiliaria o/a jovem em sua entrada no mundo do trabalho. Já a OV se propõe a auxiliar o/a jovem a ingressar em um curso superior (Ribeiro & Melo-Silva, 2011a).

Frank Parsons (1854-1908) é conhecido como o precursor da área, por ter sido o primeiro a usar o termo *Vocation Guidance* (orientação vocacional) além do desenvolvimento do seu trabalho no *Vocation Bureau* dentro do *Civic Service House* (EUA) e de seu livro *Choosing a Vocation*, lançado em 1909.

Rodolfo Bohoslavsky (1942-1977) foi um importante psicólogo argentino, cujos livros *Orientação Vocacional: Uma Estratégia Clínica* (Bohoslavsky, 2015) e *Vocacional: teoria, técnica e ideologia* (Bohoslavsky, 1983) influenciaram fortemente o campo da OPC no Brasil. Seu objetivo era trabalhar a relação da pessoa com si, com o seu futuro e com os/as outros/as, compreendia que identidade ocupacional e identidade vocacional deveriam ser entendidas como uma contínua relação entre fatores internos e externos à pessoa, ou seja, psicossocial (Bohoslavsky, 1983, 2015).

A contemporaneidade trouxe novas demandas para a OPC, por exemplo, como responder adequadamente a novas questões sociolaborais? Como introduzir uma visão contextualista na teoria e prática da OPC?

Sultana (2018), aponta que há uma tendência de privilegiar *universalismos* sobre *localismos*, exigindo *adaptação* e *ajuste* de *teorias universalizantes* para locais socioeconômico e culturalmente diferentes daqueles em que foram elaboradas.

Para Ribeiro e Fonçatti (2017), teorias descontextualizadas produzidas em países caracterizados por estabilidade econômica e existência de um estado de bem-estar social, findam por manter o *status quo*, apoiam as agendas neoliberais e diminuem a capacidade do campo de combater a injustiça social. Apontam, como uma possibilidade viável, a produção de teorias por meio do diálogo entre o conhecimento dominante do campo com o conhecimento cotidiano contextualizado da realidade brasileira e, partir disso, construir

novas contribuições teóricas, desconstruindo, reconstruindo e coconstruindo conceitos importados.

### **3.2. A OPC como processo, estratégia e meio de intervenção psicossocial para justiça social**

As teorias do campo da OPC de cunho psicométrico, desenvolvimentista e clínico, focadas no sujeito psicológico, criadas em contextos sócio-históricos muito discrepantes da realidade brasileira e que desconsideram em suas análises elementos como classe social, gênero, raça/etnia e orientação sexual, apresentam limites significativos no tocante a auxiliar de forma psicossocial os/as jovens vulnerabilizados pelo contexto no qual encontram-se (Bhargava, 2013; Blustein et al., 2017; S. Bock, 2010, 2013; Figueiredo & Barbosa, 2015; Rascován, 2005; Ribeiro & Fonçatti, 2017).

Uma das principais críticas à OPC em termos de compromisso à justiça social é seu foco nos indivíduos, e sua falha em reconhecer a diversidade em termos de classe social, raça/etnia, gênero, orientação sexual e suas intersecções (Ribeiro & Fonçatti, 2017). A falta de preocupação com a diversidade está intimamente ligada à opressão e à injustiça social e uma OPC socialmente justa seria aquela que não oprime (Blustein, 2006; Hooley & Sultana, 2016; Rascován, 2005).

Justiça social seriam ações que possibilitam a transformação social e a equidade de acesso às oportunidades de estudar e trabalhar (Hooley & Sultana, 2016).

Galeão-Silva (2017), Lane (1981), Lane e Codo (1984) e Martín-Baró (1996), defendem que o compromisso social da Psicologia seria de lançar trabalhos que não estão a serviço de categorizar, adequar, ajustar e adaptar as pessoas ao convívio social e sim de conscientização, emancipação e luta contra a discriminação, preconceito e estigmatizações e a OPC possui os recursos teóricos e técnicos para essas ações.

Compreendemos estratégia como um meio (uma forma) para um determinado fim (objetivo) e a OPC junto a população pobre ganha a forma de estratégia por ter o objetivo de não somente auxiliar na escolha profissional, mas também de proporcionar uma visão crítica da própria realidade, questionando tradições, determinismos, naturalismos, promovendo uma reflexão sobre o sentido da vida, sobre a escolha profissional; almejando a conscientização sobre os determinantes do contexto sócio-histórico que os cercam, instrumentalizando-os/as para a ação e transformação do contexto (S. Bock, 2010; Figueiredo & Barbosa, 2015; Rosado & Maria, 2012).

A OPC se apresenta como uma estratégia que auxilia na construção de projetos de futuros, contribuindo na luta contra a injustiça social, na diminuição da vulnerabilidade ao desemprego, subemprego ou escolhas profissionais baseadas em estereótipos socioeconômicos e de gênero (F. Silva, 2010).

Como intervenção psicossocial, a OPC pode promover a compreensão dos determinantes envolvidos no processo de escolha profissional, ao trabalhar, de forma articulada, as dimensões: subjetivas; social (valores culturais, gênero, raça/etnia, religião); programática (política, direitos, possibilidades de acessos); proporcionando que seus/suas orientandos/as lancem um novo olhar crítico sobre a própria realidade, vislumbrando as possibilidades de transformação (Blustein, 2006; S. Bock, 2010; Bohoslavsky, 2015; F. Silva, 2010; Hooley & Sultana, 2016; Rascován, 2005).

Concluindo, concordamos com Bohoslavsky (2015) em sua compreensão da escolha profissional como um processo, por envolver a elaboração de conteúdos subjetivos, objetivos, seleção, escolha propriamente dita e decisão.

### **3.2.1. A proposta da Psicologia sócio-histórica para a OPC e a importância do contexto**

Os termos sócio-histórico, histórico-cultural e sociocultural são comumente utilizados para referir-se à teoria construída pelo bielorusso advogado de formação e renomado psicólogo por atuação Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), porém, cada termo possuiu suas particularidades.

De acordo com González Rey (2007), o termo sociocultural tem sido mais usado por autores americanos, como Wertsch e Michel Cole e também por brasileiros Smolka e Angel Pino; já o termo histórico-cultural teria sido postulado pelo próprio Vygotsky; enquanto, que o sócio-histórico é o mais utilizado no Brasil e refere-se ao “campo da Psicologia Crítica inspirada na obra de Vygotsky, Luria e Leontiev, mas que já recebeu contribuições que ampliam esse campo para além da psicologia russa” (González Rey, 2007, p. 193).

Em um mundo repleto de diversas realidades, a OPC em uma abordagem sócio-histórica se propõe a construção de uma área crítica da OPC que visa superar as teorias que possuem uma visão de pessoa dissociada da sociedade ou de reflexo desta (Aguiar, Bock & Ozella, 2007; S. Bock, 2010, 2013; S. Bock & A. Bock, 2005).



Nessa abordagem, a vocação pode ser definida da seguinte forma: “a vocação do ser humano é exatamente não ter outras vocações. Isto é, ele nasce determinado biologicamente para nenhuma atividade específica” (S. Bock, 2013, p. 78/84), o contexto sócio-histórico é um dos múltiplos determinantes no processo de escolha profissional e a Psicologia sócio-histórica o incorpora em suas análises, não dissociando pessoa e contexto.

A abordagem sócio-histórica compreende as pessoas como sínteses multideterminadas, sem determinação social ou psicológica absoluta e sim mediação social, cultural e histórica, opondo-se a naturalização e universalização dos fenômenos (Vygotsky, 1991, 2001).

De acordo com S. Bock (2013), a abordagem sócio-histórica questiona os valores neoliberais que defendem a aproximação das pessoas às ocupações devido a caracteres inatos ou meritocráticos e compreende as profissões como mutáveis ao decorrer do tempo. Nessa perspectiva, as pessoas constroem suas representações e imagens (signos) das profissões através das interações que estabelecem ao longo da vida (S. Bock, 2010, 2013; S. Bock & A. Bock, 2005).

Por seu caráter histórico e dialético, a abordagem sócio-histórica compreende as desigualdades sociais como fenômenos construídos historicamente pela ação humana e, portanto, passíveis de mudança, e se ocupa em compreender e analisar a pessoa “na sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética” (S. Bock, 2013, p. 70/84)

### **3.3. O problema de uma boa escolha profissional**

Essa pequena seção serve para destacar um ponto fundamental dentro da OPC, a escolha propriamente dita.

Para a Bohoslavsky (2015, p. 83), “uma boa escolha depende de identificações não distorcidas nas quais surja, da análise dos sistemas de atitudes, um confronto entre fantasia e a realidade”.

De acordo com S. Bock (2013):

A melhor escolha profissional é aquela que consegue dar conta (reflexão) do maior número de determinações para, a partir delas, construir esboços de projetos de vida profissional e pessoal. Utiliza-se o termo projeto para firmar a possibilidade de transformação/mudança da pessoa e por que não, também de toda a sociedade na qual a ela está inserida (S. Bock, 2013, p.18/18).

A partir da leitura do levantamento bibliográfico e buscando uma síntese sobre o que cada autor/a, compreendemos uma boa escolha profissional, como aquela feita a partir de uma análise crítica de si, da sociedade e do trabalho, realizada por uma pessoa que se sente participante ativa na construção de si, da sociedade, consciente sobre as multideterminações envolvidas em seu processo de escolha, e que seja capaz de articular suas condições materiais com seus sonhos, viabilizando formas de alcançá-los (Aguiar et. al., 2007; S. Bock, 2010, 2013; Dias & Soares, 2007; Bohoslavsky, 1983, 2015; Figueiredo & Barbosa, 2015; Lop et. al., 2018; A. Oliveira, 2009; Rascován, 2005; Ribeiro, 2014; Souza, Menandro, Bertollo & Rolke, 2009; F. Silva, 2010; J. Silva, 2014; L. Silva, 2016; Valore & Cavallet, 2012).

### 3.4. Algumas pesquisas de OPC junto à jovens da classe trabalhadora e em cursinhos populares

A função básica da OPC é auxiliar o/a orientando/a em seu processo de escolha profissional, porém, quando este/a pertence à classe oprimida, essa função torna-se mais complexa e a fim de conhecer a produção científica existente sobre o tema, foi realizado um levantamento bibliográfico nas plataformas da *Red de Educación Artística en Línea del Instituto de Cultura de Yucatán (REDALYC)*, na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), na Base de dados de teses da USP, da PUC-SP, na Base de dados de teses da CAPES, Anais da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), nos Anais da Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP), e no Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram: ascensão social, cursinhos, cursinhos populares, orientação profissional, orientação profissional on-line, orientação vocacional e *career guidance*. No Google Acadêmico foi aplicada a consulta avançada e o uso de aspas (“”) nos descritores.

**Tabela 1 - Plataformas e descritores utilizados no levantamento bibliográfico**

Plataformas	Descritores						
	Ascensão Social	Cursinhos	Cursinhos Populares	Orientação Profissional	Orientação Profissional On-Line	Orientação Vocacional	Career Guidance
ABOP	02	02	0	12	01	09	0
ABRAPSO	03	0	02	04	0	03	0
CAPES	56	0	35	40	01	27	0

Google	135	0	30	474	01	44	20
Acadêmico							
<i>PePSIC</i>	27	0	05	12	0	04	21
PUC-SP	45	02	18	24	0		0
<i>REDALICY</i>	24	0	04	03	0	03	0
<i>SciELO</i>	46	01	06	30	0	12	16
USP	23	0	15	25	0	05	0
<b>TOTAL</b>	<b>361</b>	<b>5</b>	<b>115</b>	<b>624</b>	<b>03</b>	<b>107</b>	<b>57</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os critérios de inclusão adotados para elaboração da Tabela 1, foram: i) estudos cujos objetivos ou hipóteses se aproximassem ao tema desta pesquisa; ii) escritos em português, inglês e espanhol; e iii) publicados entre 2009 e 2019. Livros sobre o tema também foram consultados. A Tabela 2 mostra como ocorreu o processo de seleção dos trabalhos escolhidos para uma leitura aprofundada.

**Tabela 2 -Processo de Seleção do Levantamento bibliográfico**

<b>Descritores</b>	<b>Trabalhos encontrados</b>	<b>1º Fase Descartados após leitura dos títulos</b>	<b>2º Fase Descartados após leitura dos resumos</b>	<b>3º Fase Leitura aprofundada</b>
Ascensão social	361	321	35	5
Cursinhos	5	2	0	3
Cursinhos populares	115	107	1	7
Orientação profissional	624	509	100	15
Orientação profissional on-line	3	1	1	1
Orientação vocacional	107	57	45	5
Career guidance	57	44	3	10

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados demonstraram uma alta produção nacional e internacional de pesquisa do campo da OPC voltada à área psicométrica, processo de primeira escolha, testes psicológicos, estudantes universitários/as, porém constatou-se de forma preocupante a escassez de produção científica envolvendo a população oprimida e, especificamente, estudantes de cursinhos populares, o que despertou algumas inquietações: o pouco trabalho encontrado deveu-se a uma falta de interesse de Psicólogos/as e/ou Orientadores/as profissionais em atender essa população? Ou aqueles/as que estão trabalhando nesses espaços não estão produzindo material científico?

As poucas pesquisas que se ocuparam de estudar as possibilidades da OPC junto a população pobre concordam que as condições materiais e econômicas são os principais obstáculos encontrados dentre as multideterminações existentes no processo de escolha, por essa razão, cursos de curto prazo, de pouca concorrência, conseqüentemente de menor prestígio social e econômico, são preferidos por essa população. E o vestibular não é visto de forma ansiogênica, pois entrar no Ensino Superior já seria em si um *plus*, por ser visto como algo distante e, por vezes, utópico (Aguiar et al., 2009; S. Bock, 2010; Dias & Soares, 2007; Figueiredo & Barbosa, 2015; F. Silva 2010; Santos & Ataíde, 2019; Valore & Cavallet, 2012).

Toda escolha profissional é multideterminada por questões objetivas e subjetivas, portanto, se faz necessário que a OPC proporcione meios para que os/as Orientandos/as tomem consciência desses fatores; desmitificando as ideologias neoliberais que dificultam a percepção e reduzem a visão da realidade; auxiliando no conhecimento de si e do mundo como construções sócio-históricas, nas quais as particularidades de suas questões sociais, econômicas, políticas, culturais e individuais fazem mediação no processo de escolha (A. Oliveira, 2009; Souza et. al., 2009).

Diversos/as autores/as concordam que, no trabalho junto à jovens da classe trabalhadora, a OPC deveria ocupar-se de: evidenciar as contradições da sociedade em todas suas esferas, mas principalmente no contexto dos/as próprios/as Orientandos/as; desnaturalizar possíveis sentimentos de exclusão; discutir os impasses na realização do sonho de ascensão social via ensino superior e as questões concretas de sobrevivência; e discutir o compromisso social das profissões (Aguiar et al. 2007; S. Bock, 2010; Dias & Soares, 2007; F. Silva, 2010; Valore & Cavallet, 2012).

Pessenda, Mascotti e Cardoso (2018), elaboraram uma revisão de narrativas sobre OPC realizadas em escolas públicas e concluíram que a OPC deve proporcionar discussões sobre a sociedade, mundo, trabalho e os significados da escolha profissional, preparando, assim, os/as estudantes para adentrarem no mundo do trabalhar de uma forma mais crítica e consciente.

Para A. Oliveira (2009), os/as Orientador/es/as Profissionais devem ter a consciência da dimensão social e política do seu trabalho, das condições discrepantes de escolha entres as classes sociais, devendo desenvolver uma *práxis* comprometida com a transformação da realidade social, buscando a conscientização dos/as Orientandos/as do contexto sócio-histórico em que se encontram.

De acordo com Rosado e María (2012), a OPC deve desconstruir os estereótipos de gênero das profissões através de reflexões críticas, questionando tradições, culturas, ampliando o diálogo, denunciando os aspectos de gênero reificados e mantidos pelo interesse de manutenção do *status quo*.

Uma pesquisa realizada por S. Bock (2010) com jovens de baixa renda expôs que as maiores expectativas destes/as eram a aquisição de bens materiais (carro e moto) e terminar de construir a casa própria, ou seja, questões relacionadas a melhoria de condições de vida e ascensão social.

Essa pesquisa ainda apontou que os/as participantes tinham um medo genérico do futuro incerto, almejavam profissões mais próximas a sua realidade, percebiam o mundo social como altamente exigente, assimilavam o discurso neoliberal meritocrático naturalizando suas condições socioeconômicas e apresentavam uma incongruência entre discursos e ações, prestando vestibulares para cursos diferentes daqueles que apareceram durante a OPC, demonstrando que, para esses/essas jovens, o mercado de trabalho é um dos influenciadores na escolha profissional.

Segundo Figueiredo e Barbosa (2015), a OPC deve preparar os/as estudantes para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), apontando as limitações que já conseguiram superar, contribuir na melhora da autoestima, na construção de projeto de vida factível com as condições materiais destes/as, evitando uma futura evasão na graduação, e ressaltam que a OPC deve ser realizada em conjunto com reflexões sobre as políticas públicas educacionais e de proteção social.

Para Valore e Cavallet (2012), a OPC em cursinhos populares deve proporcionar informações condizentes ao mundo do trabalho, desmitificando mitos, estereótipos e incentivar a elaboração de projeto de vida no trabalho.

Whitaker (2010) vê na OPC a possibilidade de conscientização das gêneses estruturais dos obstáculos impostos historicamente na ascensão social dos/as jovens estudantes de cursinhos populares, combatendo dessa forma a meritocracia, o discurso neoliberal, favorecendo a melhoria da autoestima, e atenta para o fato de que o conjunto de informações históricas e dados socioeconômicos faz crescer o capital cultural dos/as estudantes.

Dias e Soares (2007) apontam que, para a OPC cumprir a sua finalidade, é necessário que opere de maneira mais coerente possível com as circunstâncias sócio-históricas e o contexto de seus/suas Orientandos/as.

O contexto dos/das jovens em situação de vulnerabilidades psicossociais envolve carentes condições materiais de sobrevivência; um mundo do trabalhar, muitas vezes, percebido como pré-definido, estático e enigmático do qual não possuem uma visão crítica; mundo social sentido como complexo, ameaçador e punidor; tudo isso envolto de um discurso neoliberal meritocrático, por muitas vezes assimilado e naturalizado por esta população, assim, como suas condições socioeconômicas, e uma das funções da OPC seria o desvelamento da alienação produzida pelo sistema capitalista (S. Bock, 2010; Dias & Soares, 2007; A. Oliveira, 2009).

F. Silva (2010) apresenta o universo dos/das jovens de uma escola da periferia do município de Osasco em São Paulo que participaram de um processo de OPC e pode constatar alguns elementos culturais importante da realidade dessa juventude: como o lugar do homem no mundo público, no trabalho, no tráfico, enquanto a mulher realiza atividades ligadas simbolicamente às tarefas da casa, como o trabalho de cuidadora ou de empregada doméstica; a gravidez pode ser entendida como o desejo de um projeto de vida, de um lugar social no futuro diferente do atual; e o subemprego e desemprego estão presentes na rede de apoio desses/dessas jovens.

Ainda de acordo com F. Silva (2010), a OPC, desde que auxiliada por políticas públicas, pode se tornar um importante instrumento para a emancipação; contribuindo na construção de projetos de vida, e auxiliando jovens na construção de projetos profissionais que rompam com a situação de opressão em busca de um trabalho decente.

Por fim, acreditamos que um aumento quantitativo de produções científicas sobre OPC em cursinhos populares pode resultar em um aumento qualitativo do campo.

## **CAPÍTULO IV - CONSCIÊNCIA E CONSCIENTIZAÇÃO**

## 4.1. Consciência

Tendo como um dos objetivos específicos da pesquisa investigar se, e como, a OPC auxilia na construção de uma conscientização crítica dos/as estudantes de cursinhos populares sobre as multideterminações de suas escolhas profissionais, nos ocuparemos de discutir nesse capítulo o conceito de consciência e conscientização pela abordagem sócio-histórica.

Em seu livro *Formação Social da Mente*, Vygotsky (1925/1991) apresenta seu posicionamento sobre a inseparabilidade entre os mundos internos e externos, tendo o socio-interacionismo características de suas teorias, elege como *objeto* da Psicologia *a consciência*, a qual em última instância seria em si, a própria aquisição das funções psicológicas superiores (pensamento, linguagem e comportamento volitivo), mediada pelo contexto social, cultural, histórico e por signos (linguagem e/ou instrumentos).

A consciência é um processo complexo do psiquismo humano e do comportamento social, representando a totalidade das experiências vividas, como abreviado por Vygotsky (1925/1991) um “reflexo de reflexos” (p. 59) ou “vivência de vivências” (p. 50), ou seja, a socialização, a linguagem, a cultura fazem a mediação na aprendizagem, desenvolvimento e subjetividade das pessoas, e a consciência seria o acúmulo todas as experiências intersíquicas vivenciadas pelas pessoas, que quando internalizadas passam para a dimensão intrapsíquica.

O pensamento do filósofo e matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938), sobre “toda consciência é consciência *de algo*”, influenciou os trabalhos de Vygotsky e na abordagem sócio-histórica toda consciência “não é apenas consciência de algo (aspecto cognitivo), mas sempre consciência de alguém com relação a algo (aspecto afetivo)” (Delari, 2012, p. 7).

Nessa perspectiva, a consciência não é inata, surge a partir do externo *pelos e nas* relações intersíquicas, ou seja, é constituída nas atividades humanas surgindo a partir do externo, não sendo imutável, passiva, cristalizada, estando sempre em movimento, passível de transformação (Aires, 2006; Santos & Aquino, 2014).

Para o Psicólogo Alexis Leontiev (1903-1979), colaborador dos trabalhos de Vygotsky, a consciência refere-se ao compartilhamento de conhecimento, dessa forma, a consciência individual precede de uma consciência social, na qual a linguagem seria o seu substrato, ou seja, “a consciência é o produto subjetivo da atividade dos homens com



outros homens e com objetos dessa maneira a atividade constitui a substância da consciência” (Santos & Aquino, 2014, p. 82).

A consciência não é “simplesmente desenvolvida; ao contrário, é resultado de um processo constituído histórica e socialmente, um processo relacionado à totalidade dos fatos, da realidade e depende das experiências, das histórias de vida e do conteúdo emocional de cada indivíduo” (Martins, 2015, p. 13462). É somente partir do/a/s Outro/a/s que a pessoa pode ter consciência de si.

Construindo suas teorias com base no materialismo histórico-dialético, o conceito de signo surge como análogo ao de instrumento do pensamento marxista, onde suas similaridades repousam em suas funções mediadoras pessoa-mundo, porém, enquanto o instrumento tem “a função de orientador externo, ou seja, de modificar o objeto, o signo possui a função de orientador interno, sendo voltado para o controle do funcionamento interno, o que é a base da formação da consciência” (Cabral, Ribeiro, Silva, & Bomfim, 2015, p. 416-417).

Diante de todo o exposto, compreendermos que a palavra (signo) para Vygotsky é por excelência a fundamental unidade de análise para compreensão e desvelamentos dos processos psicossociais.

A consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água. A palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana (Vygotsky, 2001a, p. 486).

## 4.2. Conscientização

Castro e Alves (2012), estudando os escritos de Vygotsky, apontaram que o autor não se referia à consciência simplesmente como fenômeno do psiquismo humano, pelo contrário, em seus trabalhos é possível encontrar o uso de duas palavras distintas escritas em sua língua nativa para referir-se à consciência, a primeira é “*Soznanie*”, cuja tradução seria a “consciência em si”, já a segunda palavra é a que mais interessa e se adequa aos objetivos de nossa pesquisa é a palavra russa “*Osoznanie*”, que significa o “despertar da consciência crítica”, algo como uma “tomada de consciência”.

Portanto, entendermos que o termo conscientização crítica não é inadequado e nem estranho ao pensamento vygotskyano, mesmo sem o autor tê-lo utilizado frequentemente em seus trabalhos.

O Pesquisador realizando uma busca encontrou o termo conscientização uma vez em *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (Vygotsky, 2001a); uma vez em *Teoria e Método em Psicologia* (Vygotsky, 2004); duas vezes em *Pensamento e Linguagem* (Vygotsky, 2001b); e não aparece nenhum momento em *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (Vygotsky, Luria, & Leontiev, 2010).

Cabral et. al. (2015), após uma revisão bibliográfica sobre Vygotsky com o intuito de buscar em suas obras o conceito de conscientização, apontaram que a conscientização em Vygotsky seria um tipo específico de “tomada de consciência” e de forma didática ocorreria em três momentos: no primeiro haveria a formação da consciência a partir das relações sociais; em seguida há uma ampliação do conhecimento, por exemplo, através de “situações nas quais os sujeitos entram em contato com visões críticas da realidade, abandonando explicações mágicas ou fatalistas” (p. 421); e, no terceiro momento, “a partir do diálogo, do contato com a própria realidade histórica, da aquisição de conteúdos mais abstratos” (p. 421) ocorreria a própria conscientização.

Diante do exposto, portanto, definirmos que nessa pesquisa a conscientização crítica do/as Estudantes sobre as multideterminações de suas escolhas profissionais, refere-se à conscientização crítica de si *no* e *do* mundo.

## **CAPÍTULO V - PERCURSO METODOLÓGICO INVESTIGATIVO**

*Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo.  
Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro.  
(Fanon, 2008, p. 29).*

Nas próximas seções, buscou-se descrever de forma rigorosa o método. Concordamos com definição de Molon (2008) para método como o “elo epistemológico entre o fenômeno, o problema, a teoria, os procedimentos metodológicos, as análises e reflexões” (p. 56), o seja, é a *descrição* de “o que” ou “quem” pesquisar com o “como” realizar essa ação. O método é, portanto, a própria *práxis* do/a pesquisador/a, onde os objetivos da pesquisa e o compromisso ético-político do/a pesquisador/a devem estar em congruência.

Serão apresentados a seguir os pressupostos ontológicos e epistemológicos adotados; o tipo de abordagem de pesquisa escolhida; descrição dos/as participantes, do referencial teórico, das ferramentas e instrumentos empregados no método investigativo.

Adotou-se como pressupostos ontológicos, ou seja, a forma como “vemos” o fenômeno a ser investigado, a concepção de que a realidade é construída “*pelos*” e “*nas*” relações sociais dentro de um movimento histórico e dialético, e, portanto, passível de mudanças; é fundamentalmente constituída pela linguagem e cultura; e sua essência é impossível de ser acessada pelos órgãos dos sentidos, sendo necessário ser desvelada.

Compreende-se os pressupostos epistemológicos como a “*forma de fazer*” ciência, possuindo, portanto, um caráter ético-político na forma de “*produzir*” e “*comunicar*” o conhecimento científico, motivo pelo qual, os/as participantes desta pesquisa não são considerados/as somente interlocutores/as e informantes do fenômeno investigado, mas também coprodutores/as do conhecimento produzido.

### **5.1. A Abordagem qualitativa de pesquisa**

A abordagem qualitativa foi escolhida por sua característica de se ocupar em delinear, detalhar, analisar e aprofundar na compreensão dos fenômenos psicossociais; possibilitando a exploração dos significados atribuídos pelas pessoas em suas experiências intersubjetivas; privilegiando o contexto; não admitindo regras e incluindo a subjetividade do/a pesquisador/a na análise e interpretação das informações coletadas (Marconi & Lakatos, 2008).

Demo (2000) aponta que a pesquisa qualitativa possui um caráter político, dialético, e “caracteriza-se por perguntas abertas, rejeita-se respostas fechadas e dicotômicas, busca o aprofundamento por familiaridade, convivência, comunicação, tenta preservar a dinâmica do fenômeno enquanto analisa-o” (p. 151) e ressalta que a palavra qualitativa vem do latim *qualitas* e significa essência, no sentido da parte mais relevante

e central dos fenômenos sinalizando uma perfectibilidade (o que se pode melhorar) das coisas e sobretudo dos seres humanos, com um caráter de intensidade no sentido de profundidade, plenitude e realização.

Para Gonzalez Rey (2005, p.23) “a pesquisa qualitativa é uma nova epistemologia”, que não se define de forma instrumental, mas sim pelos processos implicados na forma de produção de conhecimento, e apoia-se em três princípios de importantes consequências metodológicas:

- 1º) o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa, neste processo o/a pesquisador/a desconstrói, integra, reconstrói e apresenta em construções interpretativas os indicadores obtidos em campo;
- 2º) o conhecimento é produzido na relação pesquisador/a-participante;
- 3º) a legitimação da singularidade da experiência subjetiva.

Por suas características a abordagem qualitativa demonstrou ser uma decisão coerente com o tema desta pesquisa.

## **5.2. A Psicologia sócio-histórica como referencial teórico para análise**

A Psicologia sócio-histórica tem como base a teoria de Vygotsky, o qual afirmava que o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações sociais em que a pessoa mantém no decorrer de sua vida, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem se desenvolve por meio das interações sociais.

Vygotsky (1991; 2001a; 2001b; Vygotsky, Luria, & Leontiev, 2010) se ocupou em estudar os processos de constituição da pessoa humana e de subjetivação nas relações e práticas sociais e pedagógicas em diversos contextos culturais; entendendo que a pessoa só é pessoa humana, enquanto processo relacional, social e histórico; afirmando a indissociabilidade entre subjetivo e objetivo, biológico e histórico, cognitivo e afetivo, social e cultural.

Por essa perspectiva, a pessoa humana é um ser ativo e social, uma unidade complexa devido a sua diversidade, multiplicidade e contradições; estando em continuo movimento histórico e dialético buscando superar o que é, sem eliminar por completo as diferenças e as especificidades do que era e contemplando o que pode vir a ser (Molon, 2008), não existindo uma natureza humana que obrigue a realização de determinadas tarefas e sim condições humanas (A. Bock, 2007; S. Bock, 2013).

Desta forma, a Psicologia sócio-histórica supera a perspectiva dicotomizada de tradicionais teorias empíricas, mecanicistas, idealistas, não dissociando pessoa e sociedade, e possibilitando a percepção das contradições da unidade de contrários, compreendendo que “cada pessoa é maior ou em menor grau um modelo da sociedade, ou melhor da classe em que pertence já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (Vygotsky, 2004 p. 368).

Com relação à metodologia, Molon (2008) aponta que para Vygotsky “não há dissociação entre teoria e método, na elaboração teórica evidencia-se a construção do método e na discussão do método aprofunda-se a reflexão teórica . . . o método é simultâneo ao conhecimento” (p. 58-60), ou seja, “método é pré-requisito, produto, instrumento e o resultado” (Vygotsky, 1991a, p. 46).

De acordo com A. Bock (2007), a Psicologia sócio-histórica “adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método” (p. 17) entendendo que o mundo está em constante movimento e construção.

Nessa abordagem, de bases marxistas, o objetivo do/a pesquisador/a é de reproduzir em sua mente o movimento real do objeto, partindo das aparências do que é apreendido pelos órgãos dos sentidos e buscando a essência, desta forma a pesquisa deve chegar nas mediações mais simples do fenômeno, onde o concreto é uma síntese de multideterminações (Netto, 2016; Yamamoto, 2020).

### **5.2.1. Sentido e significado**

Na Psicologia sócio-histórica, a linguagem é compreendida como mediadora das relações intersubjetivas, sendo “fundamental no processo de mediação das relações sociais, por meio do qual o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico” (Aguiar, 2007, p. 130).

A mediação entre a pessoa e o meio pode ocorrer de duas formas, uma seria a mediação semiótica quando é realizada através de signos (palavras, linguagem, símbolos, etc.), e a outra seria a pedagógica quando é feita pelo/a Outro/a (cuidadores/as, Professores/as, etc.), ambas mediações ocorrem concomitantemente (Vygotsky, 2001a).

Assim, as palavras (signos) carregam em si aspectos cognitivos/afetivos/volitivos constitutivos da subjetividade, e para conduzir as análises para além das aparências, deve se ir atrás das multideterminações históricas e sociais que impactam os interesses, as

necessidades e as motivações de cada pessoa, sendo a tarefa do/a pesquisador/a, a partir do significado, apreender os sentidos expressos nos discursos (Aguilar, 2007).

Sentido e significado são categorias diferentes, interdependentes, não podendo ser compreendidas separadamente, estão intrinsicamente ligadas entre si como uma unidade contraditória do simbólico e emocional.

Para Vygotsky (1991, 2001a, 2001b, 2004), o sentido seria a somatória de todos os eventos psicológicos despertados na consciência pela palavra/signo, o qual é construído de forma subjetiva por meio de vivências coletivas; formado nas relações interpessoais, é singular, dinâmico, fluído, inconstante, instável, não está subordinado a uma lógica racional, é imprevisível, variando de acordo com o contexto, sua constituição é complexa, possui diversas zonas de estabilidade, repleto de emoções.

Já o significado é uma produção histórica e social, um amálgama de pensamento e linguagem, os significados facilitam a comunicação e a socialização, são construções sócio-históricas apropriadas pela pessoa a partir de suas experiências interpessoais, sendo difícil afirmar se trata de um fenômeno da fala ou do pensamento, seria uma das zonas do sentido, reconhecido socialmente, imóvel, de caráter relativamente estável independente das mudanças de sentido da palavra ou do contexto, ou seja, a palavra/signo tem um único significado, porém, pode possuir diversos sentidos para cada pessoa (Vygotsky, 1991, 2001a, 2001b, 2004).

### **5.2.2. Indicadores e Categorias**

Utilizamos em nosso método a técnica de análise proposta por Gonzales Rey (2010) de construção de indicadores e categorias.

Ressaltamos que Gonzales Rey atua pela abordagem histórico-cultural, porém, seu método de investigação contempla os objetivos de nossa pesquisa.

Indicadores são construções feitas a partir de um elemento ou um conjunto de expressões relacionadas com o mesmo sentido interpretativo, que gera um significado estabelecido pelo/a pesquisador/a partir dos objetivos da pesquisa; possuem finalidade explicativa e não descritiva; devem ser compreendidos de forma relacional entre si, e não de forma estática e isolada, sempre buscando uma perspectiva global do conjunto de indicadores (Gonzales Rey, 2010).

O processo de definição de indicadores é uma “construção teórica de complexidade crescente, em que o indicador se torna elemento de relação entre os

diferentes níveis da produção teórica e as zonas de sentido do objeto a que os ditos níveis dão acesso” (Gonzales Rey, 2010, p.114), e dessa forma o desenvolvimento de categorias surge a partir da definição dos indicadores.

### **5.3. Rede Emancipa - Movimento Social de Educação Popular**

Na luta contra a dominação, meritocracia e as desigualdades de acesso ao Ensino Superior, surge em 2007 a Rede Emancipa – Movimento Social de Cursinhos Populares, nascida de ações sociais pelo resgate do Cursinho do Grêmio Politécnico da USP, que desde 1987 tinha se constituído como espaço singular na preparação da juventude para o ingresso em faculdades públicas, mas havia perdido suas características, como a gratuidade e ganhando os contornos de um cursinho de mercado (Carvalho, 2017; Mendes & Rufato, 2015).

No decorrer dos anos, os cursinhos foram se multiplicando através dos/as próprios/as estudantes que retornavam voluntariamente como Educadores/as Populares, chegando a ultrapassar a quantidade de 50 unidades em mais de 30 cidades em nove estados brasileiros, estando inclusive dentro de comunidades quilombolas no Maranhão; no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE) no Rio de Janeiro; em 2012, por conta de todo o seu engajamento social, alterou-se o nome para Rede Emancipa - Movimento Social de Educação Popular assumindo, assim, a amplitude de suas ações, como, por exemplo: apoio ao Movimento Sem Terra (MST), ao Movimento Passe Livre em 2005; forte presença junto os/as estudantes secundaristas nas Manifestações de Junho de 2013; e na ocupação das escolas públicas em 2016.

Nas comemorações dos 10 anos de existência, em 2017, foram inaugurados o Emancipa Sem Fronteiras voltado no atendimento a imigrantes e a Universidade Emancipa que vem realizando parcerias com outras instituições nacionais como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto Paulo Freire, e também de instituições internacionais como a Universidade de Cambridge.

Em 2019 foi lançada a Campanha de Solidariedade Ativa da Rede Emancipa com o intuito de arrecadar doações de cestas básicas, produtos de limpeza e livros para famílias brasileiras das periferias.

No ano de 2021 foram inauguradas três unidades fora do território brasileiro, cada uma recebendo o homônimo de seus país lusófono que passou a entregar a Rede



Emancipa, a primeira unidade inaugurada foi o Emancipa Cabo Verde localizado no noroeste da África, e em seguida o Emancipa Angola e Emancipa Guiné-Bissau situados ao sul do continente africano.

A Rede Emancipa anualmente recebe os/as novos/as Estudantes Orientando-os/as através de seus três fundamentos: I) É preciso conhecer o que é o vestibular; II) É importante cada Estudante formular seu projeto de vida individual; e III) É importante cada Estudante fazer parte de um projeto coletivo (Carvalho, 2017).

O planejamento pedagógico conta com um espaço chamado de *Círculo*, inspirado nas rodas freireanas onde são debatidos dialogicamente entre os/as Estudantes temas pertinentes a realidade destes/as, e há também um tempo livre onde os/as discentes e docentes podem socializar-se. O projeto político-pedagógico visa um espaço inovador de debate e de (re)criação do saber acerca do mundo e da vida.

A Rede Emancipa realiza suas práticas acreditando na gratuidade do saber, na solidariedade em detrimento à competição e ao individualismo, no reconhecimento da educação como direito, sendo que, paradoxalmente, constrói cursinhos para que cursinhos não sejam necessários. Propõe uma educação pré-universitária e não pré-vestibular, na qual o objetivo é preparar o/a Estudante das periferias não somente para uma prova, mas sim para a universidade, local onde encontrará inúmeras dificuldades para a conclusão da sua graduação. Nos cursinhos, os/as Estudantes são estimulados/as a refletirem sobre o conteúdo exigido pelos vestibulares do ponto de vista do contexto em que se encontram e é priorizada a educação transformadora que ofereça o máximo de instrumentos para que pensem as próprias realidades de forma crítica e emancipadora (Carvalho, 2017; Mendes & Rufato, 2015).

### **5.3.1. As Unidades Vladimir Herzog e Leolinda Daltro**

Foram selecionados dois cursinhos para o campo desta pesquisa, a unidade Vladimir Herzog e a unidade Leolinda Daltro.

O Pesquisador atua na primeira como um dos coordenadores, está localizada no CEU Vila Rubi na região do Grajaú, extremo sul do município de São Paulo a 31,6 km da USP, seus/uas estudantes são residentes dos bairros do Grajaú, Varginha, Parelheiros e adjacências. Fundada em 2013, já foi uma das unidades mais requisitadas da Rede Emancipa, tendo uma média anual de 500 inscritos/as no início do ano e 300 no segundo semestre, porém, durante a pandemia iniciou suas atividades com 313 inscrições e no

último dia de aula havia somente dois estudantes acompanhando as aulas, tendo sido essa a média de participação no decorrer do ano letivo, com máximo de quatro estudantes.

A segunda unidade Leolinda Daltro foi fundada em 2018 na zona norte da capital paulista, no bairro do Lauzane Paulista, distrito do Mandaqui localizado a 23 km do campus da cidade universitária. Neste cursinho também são desenvolvidas atividades voltadas para o pré-vestibulinho para os /as estudantes que possuem interesse em ingressar em Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) e/ou Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

Em seu ano de inauguração, a unidade iniciou suas atividades com mais ou menos 50 inscrições para as turmas do pré-vestibular e mais 50 para pré-vestibulinho, encerrando o ano com aproximadamente com 20 estudantes nesta categoria e 5 no pré-vestibular. Em 2019 repetiu-se a média de inscrições no pré-vestibulinho, e diminuindo para 20 os/as inscritos/as para o pré-vestibular, ambas as turmas encerraram o ano com média de 5 estudantes. Em 2020, a turma do pré-vestibulinho contava com 32 inscritos/as e pré-vestibular com 50, destes entre 10 e 15 participaram das aulas no decorrer do ano letivo que encerrou com somente 2 estudantes em cada turma.

Ambas as unidades comportam um público diversificado com idade de 13 a 50 anos (ou mais), a maioria estão na faixa dos 16 a 19 anos, muitos/as têm uma rotina semanal conturbada com trabalho, ensino regular e afazeres domésticos (cuidar da casa, dos/as irmãos/ãs mais novos/as ou dos/as próprios/as filhos/as) sobrando pouco tempo para criarem e se dedicarem a um plano de estudo com rigor e alguns/mas ainda sofrem com violência doméstica (Carvalho, 2017).

Para uma melhor compreensão do território dos cursinhos participantes da pesquisa elaboramos a Tabela 3. a partir de informações extraídas da última atualização do Mapa da Desigualdade na época das entrevistas (disponível em [https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa\\_Desigualdade\\_2019\\_tabelas.pdf](https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf)).

**Tabela 3 - Características sociodemográficas dos cursinhos por distrito**

Tema	Descrição	Vladmir Herzog (Grajaú)	Leolinda Daltro (Mandaqui)
Habitação	Proporção de domicílios em comunidades, em relação ao total de domicílios (%)	16,77%	3,35%
Raça	Proporção da população preta/parda, em relação ao total da população	56,81%	24,35%
Expectativa de vida	Média de idade com que as pessoas morreram (anos)	58,64	72,44
Emprego Formal	Taxa de emprego formal, por dez habitantes participantes da PIA (população em idade ativa) com idade igual ou superior a quinze anos	0,6	2,36
Mulheres	Proporção da população feminina em relação ao total da população (%)	51,46%	53,18%
Violência contra mulheres	Proporção de ocorrências de violência contra a mulher (todas as categorias), para cada dez mil na faixa etária de 20 a 59 anos	206,8	190,6
Violência LGTBQPQA+	Número total de ocorrências de violência homofóbica e transfóbica	5	0
Gravidez na adolescência	Proporção de nascidos vivos cujas mães tinham 19 anos ou menos, em relação ao total de nascidos vivos (%)	13,57%	6,82%
Saúde	Tempo médio (dias) para atendimento com clínico geral na rede pública	37,98	11,93
UBS	Número de unidades básicas públicas de atendimento em saúde, para cada dez mil habitantes	0,39	0,28
Cultura e Lazer	Centros culturais, casas e espaços de cultura para dez mil habitantes	0,03	0

Fonte: *Mapa da Desigualdade* (2019, pp. 12,13,23-26, 28,29,33,35-39,43,45,49,50,59,60).

De acordo com a Tabela 3, o subdistrito do Grajaú em relação ao Mandaqui comporta o dobro de pessoas pretas/pardas, encontra-se em estado de maior vulnerabilidade psicossocial; possui um território de comunidades cinco vezes maior; uma taxa de emprego formal quatro vezes menor; uma morosidade três vezes maior para agendamento para consulta médica, um índice maior de violência contra mulheres mesmo e o dobro de casos de gravidez na adolescência.

A falta de equipamentos de lazer, cultura, saúde e a dificuldade para obtenção de vagas em creche afetam os dois territórios, porém, o Mandaqui possui uma expectativa

de vida maior em comparação ao Grajaú; e sobre a ausência de caso de violência contra a população LBTPQIA+ alertamos para a possibilidade de subnotificação conforme apontado pelo relatório do “Observatório das Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020” realizado em parceria pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) e Acontece Arte e Política LGBT+, de Florianópolis (disponível em <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/2020-1> ).

No ano de 2020, o período de quarentena começou antes do início das ações pedagógicas, fazendo com que os/as Educadores/as Populares de todos os cursinhos da Rede Emancipa remanejassem suas aulas para o formato on-line e as primeiras atividades foram realizadas no mês de março.

### **5.3.2. O Processo de Orientação Profissional (POP)**

O Processo de Orientação Profissional (POP) é uma estratégia de OPC oferecida desde 2015, por um grupo de Psicólogos/as no cursinho Wladimir Herzog, do qual o Pesquisador faz parte desde o início.

A gênese do POP ocorreu durante o estágio obrigatório de graduação do Pesquisador, desde do seu início até o momento da pesquisa, ocorreram muitas mudanças teóricas, técnicas e metodológicas e de nome no programa, os trabalhos de Bohoslavsky (1983, 2015), S. Bock (2010), Lucchiari (1993), Mahl, Soares e Neto (2005) serviram de inspiração durante essa trajetória.

Dinâmicas de grupo como Dinâmica das Cores, Planeta OLL, Passa ou Repassa das profissões, Procedimento do Sorvete, Tribunal das Profissões; técnicas de relaxamento como Um dia no Futuro, Velho Sábio, Vivências sobre Aprovação do Vestibular; atividades individuais como Chuva de Ideias, Entrevista Bate-Bola, Curtograma, Autobiografia, Genoprofissiograma; Frases para completar, Declaração à Sociedade, Diário de Anotações, além de rodas de conversas, dicas de filmes, análise de letras de músicas ou poesias, técnicas de relaxamento, são exemplos das atividades desenvolvidas.

O POP é apresentado como estratégia no sentido de ser um meio para determinado fim (estratégia focal) e é configurado como um processo, por ser um conjunto de ações realizadas de forma sistematizadas dentro de um determinado espaço de tempo (estratégia breve), constituído por um conjunto de técnicas psicossociais na forma de jogos, brincadeiras, teatro, dinâmicas grupais, entrevistas clínicas e rodas de conversas, que

visam novas construções narrativas de seus/as Orientados/as, prestando informações sobre cursos técnicos, de Ensino Superior e mercado de trabalho.

Vocação aqui não é utilizada no sentido de algo inato, mas sim de construção ao longo da vida da pessoa, mediante suas relações com si mesmo, com o/a/s Outro/a/s e o mundo, a ocupação profissional não seria definida a partir *de dentro*, nem *de fora*, mas a partir da relação eu-outro/a (Blustein, 2011; S. Bock, 2010; Bohoslavsky, 2015; Ribeiro, 2014).

O POP no formato presencial estava semiestruturado através de cinco módulos de encontros independentes, sendo cada módulo formado por dois encontros de 60 minutos de duração cada. Os cinco temas-títulos trabalhados eram: Autoconhecimento; Formação e Escolha; Mundo das Profissões; Sociedade, Cidadania e Ética; e Síntese.

Os encontros eram quinzenais, semiestruturados, podendo sofrer alterações, e estão descritas na Tabela a seguir :

**Tabela 4 - Descrição do Processo de Orientação Profissional (POP)**

Encontros	Objetivo	Atividades	Tarefa para casa
1- Apresentação do POP e do Grupo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer os membros do grupo se conhecerem rapidamente, num ambiente descontraído para melhor integração grupal;</li> <li>- Levantar as expectativas do grupo em relação ao POP e esclarecer a nossa proposta;</li> <li>- Estabelecer o contrato de trabalho, deixando claro que o/a Orientando/a responsável por sua escolha;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contrato</li> <li>- Rodas de conversa</li> </ul>	Solicitar que os/as Orientandos/as escrevam uma carta para si mesmos, sobre como estão se sentindo no momento atual e como imaginam estar no final do POP, a carta deve ser entregue em envelope lacrado e será devolvida no final do processo
2 – Processo de Escolha	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar os critérios e os graus de escolha;</li> <li>- Possibilitar a expressão das emoções e sentimentos diante do processo de escolha;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolher as cartas e indagar como foi fazer a atividade e sua relação com o POP.</li> <li>- Procedimento do Sorvete ou outra dinâmica</li> </ul>	
3 – Possibilidades após o Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Expor o máximo de possibilidades existentes após a conclusão do ensino médio;</li> <li>- Debater quais as possibilidades reais para os alunos, se possível mostrando cases de sucesso;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Roda de Conversa</li> <li>-Dinâmica a escolher</li> </ul>	Gosto e Faço
4 - Eu e as Profissões	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Permitir um contato com o maior número possível de profissões;</li> <li>-Desconstruir mitos e estereótipos das profissões;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Fazer junto com os Orientandos/as a análise crítica da tarefa de casa</li> </ul>	

		- Discutir os sentidos das profissões	
		- Dinâmica a escolher	
5 – Sonhos, Família e Sociedade	- Discussão sobre projeto de futuro; - Possibilitar a expressão dos sentimentos com relação ao futuro; - Discutir sobre a influência que sofrem da família, amigos/as, namorados/as e da sociedade na escolha profissional - Debater sobre a viabilidade da realização dos sonhos;	- Roda de Conversa - Discussão sobre Projeto de Vida e Plano de Ação	Entrevistar alguém importante em sua vida e questionar como foi a para essa pessoa seu processo de escolha profissional
6 – Profissões	- Proporcionar uma visão global das profissões em seus diversos campos de conhecimento, bem como as relações de afinidade entre aquelas que pertencem a um mesmo grupo; - Propiciar uma reflexão sobre as profissões e as habilidades específicas requeridas por elas	- Verificar como foi fazer a atividade de casa e debatê-la correlacionando com o POP; -Dinâmica a escolher - Chuva de Ideias	- A partir das profissões selecionadas na Chuva de Ideias, verificar se as características dessas estão mais próximas de quais quadros do Gosto e faço. - Entrevistar e pesquisar os profissionais (ou ver vídeos no YouTube), os cursos (grade, duração, disciplinas), e faculdades das profissões selecionadas
7 – Trabalho e Desemprego	- Debater os temas: Trabalho, Emprego, Desemprego, Profissão, Carreira e Identidade	- Verificar como foi fazer a atividade de casa e debatê-la correlacionando com o POP - Roda de Conversa e Elaboração do Projeto de Vida	
8 – Gênero e Profissões	- Debater o conceito de gênero através das profissões	- Verificar como foi fazer a atividade de casa e debatê-la correlacionando com o POP; - Roda de Conversa - Dinâmica a escolher	
9 – Eu a Universidade	- Auxiliar o/a Orientado a expressar seus sentimentos e expectativas em relação vestibular e suas fantasias e idealizações a respeito da universidade; - Discutir sobre a realidade da universidade, a importância do vestibular e as implicações da política educacional do país em toda essa situação.	Roda de Conversa - Dinâmica a escolher	

10 Encerramento	- - Auxiliar o/a Orientando a imaginar-se no futuro, por um planejamento dos passos que deverão ser dados para alcançar os objetivos;  - Esclarecer situações individuais que estejam interferindo na escolha e que, por alguma razão, não foram trazidas para discussão no grupo  - Feedback dos/as Orientandos/as e encerramento	- Devolução das cartas;
--------------------	--	-------------------------

---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 4 é possível observar as atividades semiestruturadas do POP em 2019, e que sofreram alterações durante sua aplicação em 2020 por conta da pandemia da COVID-19.

### **5.3.2.1. POP On-Line**

Durante os anos de 2020 e 2021, os cursinhos passaram a atender no formato remoto e conseqüentemente o POP migrou também para essa modalidade, permanecendo as atividades que eram possíveis de serem realizadas nesse formato, os encontros eram feitos através de salas de bate-papo virtuais e diante do alto índice de evasão, de forma articulada com outros Psicólogos/as de outros cursinhos, optou-se em focar as atividades do POP no auxílio dos/as estudantes na elaboração de Projeto de Vida<sup>1</sup> e Plano de Ação, através de encontros independentes.

## **5.4. Contexto sócio-histórico quando da realização da pesquisa**

As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro a dezembro de 2020, momento histórico onde o mundo estava tomado pela pandemia da COVID-19, os índices de pessoas infectadas e de mortes cresceram de forma acelerada e o combate contra o novo coronavírus ocorreu de forma heterogênea ao redor do globo, alguns países agiram

---

<sup>1</sup> De acordo com Ribeiro (2014), o Projeto de Vida como processo e produto em si mesmo, é uma ação articulada no presente que permite uma apropriação do futuro pela reconstrução do passado, esta ação compreende a elaboração de um Projeto (Planejamento) e de Plano de Ação para a realizá-lo, possuindo, duas dimensões constitutivas: a) operacional e instrumental (concepção dos Planos de Ações), e b) subjetiva e identitária (concepção das construções identitárias). O Projeto de Vida objetiva projetar no futuro sonhos e ambições através de metas e prazos para realizá-los, dentro de um processo gradual, lógico e reflexivo, sem um final propriamente dito, pois, sendo processo, é desenvolvido durante toda vida e revisto periodicamente.

precocemente, outros atuaram de forma mais tardia, e, por vezes, contraditória como o caso do Brasil.

Nessa época o presidente do país era o ex-deputado federal, Jair M. Bolsonaro, o qual além da falta de enfrentamento efetivo à pandemia, impulsionou o surgimento de extrema-direita conhecido como bolsonarismo, marcando um período de grande polarização política; retrocessos em diversas áreas, como na Educação e Saúde; aumento da intolerância racial, religiosa e a diversidade; entre outras ações que culminaram uma crise sanitária e econômica no país.

As ações desarticuladas entre os poderes federal, estadual, municipal e as contraditórias aglomerações protagonizadas por figuras políticas dos três poderes, somado a defesa do distanciamento social vertical, da reabertura do comércio e do uso de medicamentos comprovadamente ineficazes no tratamento à COVID por parte do Presidente, produziram uma polarização diante da adoção e da confiabilidade de eficiência das medidas restritivas de combate ao novo coronavírus.

As desigualdades sociais já existentes no Brasil foram agravadas com os efeitos psicossociais da pandemia, de acordo com a pesquisa “Raça e COVID no Município de São Paulo”, realizada pelo Instituto Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, (disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>) entre os dias 01 de março à 31 de julho de 2020, no município de São Paulo houve um aumento da taxa de mortalidade da população negra, entre os homens o índice foi de 250 mortes para cada 100 mil habitantes e 140 entre as mulheres, enquanto a taxa de mortalidade para população branca era de 157 entre os homens e 85 para as mulheres.

De acordo com o site <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> desenvolvido com o objetivo de atualizar o números de casos ao redor do mundo pelos/as pesquisadores/as da Johns Hopkins University, em Baltimore (EUA), em meados de abril o Brasil registrava 14.152 casos confirmados e 700 óbitos e em apenas seis meses depois, no dia 06 de outubro já haviam 4.969.141 de casos e 147.494 óbitos, colocando o país em terceiro lugar no cenário mundial, atrás somente da Índia e dos Estados Unidos.

O desemprego também aumentou, em janeiro com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) o índice era de 11,2%, o país atingiu na quarta semana de agosto a taxa de 14,3% de desempregados/as (Campos, 2020).

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) com base nas informações da PNAD destacou que 38,833 milhões, aproximadamente 41,1% da População em Idade Ativa (PIA) encontrava-se na



informalidade, sendo os Jovens de 18 a 24 anos os mais afetados (Alvarenga & Silveira, 2020).

O relatório anual elaborado pelo Anistia Internacional (2020) lançado em abril apontou que as autoridades brasileiras promoveram decretos, medidas provisórias e projetos de lei que ameaçavam os direitos humanos, o documento ainda relata o aumento da violência policial, crise na Amazônia, pressão contra povos indígenas, perseguição a ativistas e a mídia. Em meio a tudo isso, entre os dias 18 de março e 12 de julho, o patrimônio dos 42 bilionários do Brasil passou de R\$ 629 bilhões para cerca de R\$ 839,4 bilhões de acordo com estudo realizado pela ONG OXFAM (disponível em <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/quem-paga-a-conta/>).

As férias das escolas estaduais e municipais de São Paulo foram antecipadas e em seguida suspensas, o EaD passou a fazer parte da realidade dos/as estudantes das redes pública e privada, o qual já trazia em si muitos obstáculos a serem superados pela população periférica como, por exemplo, acesso limitado a internet por parte dos/as professores/as e estudantes; baixa qualidade de conexão, dificuldades no manejo das ferramentas on-line, falta de planejamento adequado, de infraestrutura básica e a exclusão digital demonstrou fazer parte da realidade dos/as Estudantes dos cursinhos populares (Viera, Bianchi, & Costa, 2020).

O ENEM de 2020 foi marcado pelo recorde de abstenções que atingiu a marca de 72,6% proporcional a 169.870 estudantes ausentes no segundo dia de prova presencial que havia sido adiada para o 24 de fevereiro de 2021, já o exame-piloto do ENEM Digital apresentou um índice de 71,3% de faltosos/as, entendemos que esses números representam um aumento do abismo das desigualdades sociais (Starlles, 2021).

O Prof. Paulo Bianchi da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), definiu que naquele período as universidades públicas atravessavam uma situação paradoxal, pois:

a rigor nunca se exigiu tanto das universidades, nunca exigiu tanto da ciência produzida no Brasil . . . e quando falamos de ciência no Brasil, estamos falando fundamentalmente de Professores universitários, mestrandos/as, doutorandos/as, localizados nas instituições públicas, que é onde majoritariamente se produz ciência no Brasil . . . ao mesmo tempo em que exige uma mobilização descomunal da universidade e mobilização de seus recursos materiais e humanos para combater a pandemia, esta exigência se dá em um contexto no qual a universidade vive uma situação de cortes orçamentários drásticos, redução do seu financiamento e de ataques sucessivos que foram infligidos ao sistema de ciências e tecnologias no Brasil (Bianchi, 2020, 33:57 - 35:57).

A presente pesquisa atravessou esse período e foi realizada na cidade de São Paulo, a qual pelo decreto 64.879 desde o dia 21 de março encontrava-se em estado de calamidade pública, naquela época o trabalho remoto foi adotado por diversas áreas, porém, muitas pessoas da classe trabalhadora continuaram trabalhando presencialmente, principalmente nos serviços considerados essenciais.

As eleições para prefeito, vereadores/as marcaram recordes de votos brancos e nulos somados no primeiro turno com total de 1.015.000 e de abstenção chegando a 30,81% do eleitorado no segundo turno (G1 SP, 2020).

A pandemia demonstrou como os valores neoliberais impossibilitaram ações mais rápidas, coesas, articuladas e eficientes nos países capitalistas tendo a proteção, saúde, e o bem-estar das pessoas como objetivo (Hooley, Sultana, & Thomsen, 2020; Ribeiro, 2020).

Não é pretensão dessa seção apresentar uma descrição e análise profunda sobre o contexto pandêmico e nos ateremos as informações expostas, porém, para uma melhor compreensão sobre a pandemia da COVID-19 em termos geopolíticos sugerimos a leitura do artigo *Why a social justice informed approach to career guidance matters in the time of coronavirus* de Hooley, Sultana e Thomsen (2020), e focado no Brasil o artigo *Por que uma abordagem focada na justiça social para orientação profissional e de carreira (OPC) é importante na época do coronavírus: Reflexões a partir da América Latina – O caso do Brasil* de Marcelo Afonso Ribeiro (2020).

### **5.5. Participantes da pesquisa: Seleção, caracterização, quem são? Onde estão? O que fazem?**

Para seleção dos/as participantes desta pesquisa foram adotados os seguintes critérios de inclusão: I) ser estudante dos cursinhos Vladimir Herzog ou Leolinda Daltro; II) ter entre 16 e 35 anos<sup>2</sup>; III) estar realizando ou ter concluído o POP de forma presencial ou on-line. E os critérios de exclusão foram: I) menores de 15 ou maiores de 36 anos, II) ter participado de quatro encontros ou menos do POP de forma presencial ou on-line.

Durante o Exame de Qualificação do Pesquisador, uma das sugestões da Banca Examinadora e adotada posteriormente, foi a inclusão dos/as Educadores/as Populares e dos cursinhos como participantes da pesquisa, concordamos por entendermos ser

---

<sup>2</sup> Faixa etária escolhida para possibilitar a participação de qualquer dos/as Orientados/as que estavam realizando o POP no formato on-line, e também, por refletir a realidade do corpo discente dos cursinhos

pertinente *ouvir* dessas pessoas suas percepções sobre os limites e possibilidades do POP junto aos/as estudantes, e optamos por incluir os/as Coordenadores/as dos cursinhos também através de uma roda de conversa.

Por compreendermos a Orientação Profissional como um processo relacional convidamos Psicólogos/as atuantes do POP a participarem de uma roda de conversa para relatarem suas experiências.

As tabelas a seguir foram elaboradas a partir das entrevistas realizadas e tem o objetivo de apresentar as paridades, singularidades e diversidade dos/as participantes.

**Tabela 5 - Caracterização dos/as participantes da pesquisa**

Nome	Idade	Gênero	Orientação Sexual	Raça	Estado Civil	Participante
Ana	22	Feminino	Heterossexual	Branca	Solteira	Orientanda
André	40	Masculino	Heterossexual	Branca	Solteiro	Psicólogo
Altair	29	Masculino	Heterossexual	Japonesa	Solteiro	Professor
Aurora	20	Feminino	Homossexual	Branca	Solteira	Orientanda
Bertha	26	Feminino	Heterossexual	Parda	Solteira	Professora e Coordenadora
Felipe	17	Masculino	Heterossexual	Parda	Solteiro	Orientando
Mônica	17	Feminino	Heterossexual	Acho que sou parda	Solteira	Orientanda
Meyri	17	Feminino	Heterossexual	Branca	Solteira	Orientanda
Pandora	28	Feminino	Heterossexual	Negra	Casada	Psicóloga e Coordenadora
Sarah	31	Feminino	Heterossexual	Humana	Teoricamente solteira, na prática casada	Professora
Sonhadora	34	Feminino	Heterossexual	Branca	Solteira	Orientanda
Tiago	29	Masculino	Heterossexual	Branca	Solteiro	Professor e Coordenador

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os nomes descritos na Tabela 5 são fictícios e foram escolhidos pelos/as próprios/as entrevistados/as, em alguns casos eram simbólicos carregados de afeto, como no caso de Aurora que usou o nome de sua ratinha de estimação e é a única aluna do cursinho Leolinda Daltro, os/as demais estudantes são da unidade Wladimir Herzog.

Altair e Sarah são educadores/as populares no cursinho do Grajaú, enquanto, Bertha é também uma das coordenadoras, e Tiago atua nas mesmas funções na unidade de Lauzane Paulista.

Ana, Felipe e Sonhadora foram Orientandos/as do Pesquisador, situação semelhante, vivenciada e descrita pela Profa. Wanda Maria Junqueira Aguiar, pois se “por um lado nossa meta era produzir conhecimento novo, por outro pretendíamos prestar um serviço” (Aguiar, 2007, p. 133).

Ainda de acordo com essa pesquisadora, para Psicologia sócio-histórica não existe nenhum complicador metodológico ou alguma contra indicação ética em relação do/a Pesquisador/a coletor/a das informações de pesquisa ser o/a mesmo/a profissional realizador/a do processo de Orientação Profissional, e descarta a hipótese das respostas dos/as participantes não serem confiáveis (por estarem de alguma forma sendo determinadas pela presença do/a Pesquisador/a Orientador/a), pois para esse referencial teórico as pessoas são:

síntese de múltiplas determinações. . . e nós, pesquisadores/Orientadores do grupo, somos mais uma delas. Nossa tarefa, portanto, não é tentar isolar o fato a ser analisado, buscá-lo no seu estado puro. Nossa tarefa é sim apreendê-lo em seu movimento, em seu processo de constituição, incluindo aí as determinações que lhe são constitutivas, inclusive o próprio Orientador/pesquisador (Aguiar, 2007, p. 134).

Para responder o objetivo geral da pesquisa optou-se em incluir na pesquisa, os/as Orientandos/as que já haviam concluído o processo de orientação em anos anteriores, a fim de investigarmos as possíveis contribuições emancipatórias da OPC, e por conta do desenvolvimento do POP no formato on-line, foram convidados/as Orientandos/as que estavam realizando ou havia concluído o processo nesse formato, em busca de uma visão mais global das vicissitudes da OPC.

**Tabela 6 - Formato e ano do POP realizados pelos/as participantes**

Nome	Formato e ano de realização do POP	Encontros realizados	Data da entrevista	Duração
Ana	Presencial 2015	10	28/11/2020	00:47:13
Aurora	On-line 2020	10	19/09/2020 10/12/2020	01:11:17 00:34:39
Felipe	Presencial 2019	10	30/09/2020	00:44:54

Mônica	On-line 2020	8	11/10/2020	00:38:39
Meyri	On-line 2020	9	09/10/2020	00:54:03
Sonhadora	On-line 2020	10	23/09/2020	00:43:50

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 6 além de apresentar o formato (presencial ou on-line) e o ano do POP realizado pelos/as participantes, acrescentamos as informações sobre data e duração das entrevistas que totalizaram 09hs:24min:24s de gravação, não computando o tempo das rodas de conversa com os Educadores/as Populares e Coordenadores/as do cursinho (01h:17m:52s) e com os Psicólogos/as (1h:07m:22s).

No decorrer do ano letivo de 2019 aproximadamente 800 Estudantes passaram pelo cursinho Waldmir Herzog, no último dia de aula haviam vinte, deste/as seis tinham realizado no mínimo cinco encontros dos dez propostos pelo POP. No ano seguinte, o Pesquisador entrou em contato com esses/as jovens com o objetivo convidá-los/as para participarem da pesquisa: dois Estudantes não responderam as mensagens de WhatsApp, um faltou a entrevista marcada e não reagendou, e a busca foi encerrada após o aceite de Felipe.

O cenário em 2020 tomado pela pandemia da COVID-19 foi muito diferente, no início do ano havia 313 inscritos/as, destes/as, somente 39 demonstraram interesse em participar do POP on-line que foi pela primeira vez oferecida como optativa, dez alunos/as evadiram antes do início das atividades, e os demais foram distribuídos em três subgrupos, porém, somente Sonhadora concluiu todo o processo, enquanto Meyri e Mônica participaram respectivamente de nove e oito encontros.

Na mesma época, passou a fazer parte da grade curricular do cursinho Leolinda Daltro um espaço reservado para a proposta de “Projeto de Vida – Planejando a Vida, os Estudos e o Trabalho”, porém, devido à falta de profissionais para mediação dos encontros, os/as Psicólogos/as voluntários/as da unidade do Grajaú se disponibilizaram a atender os/as quatro Estudantes (de um total de 100 inscritos/as iniciais) interessados/as nas atividades on-line, somente Aurora participou de todos os encontros que seguiram o planejamento do POP on-line.

Dentro da coordenação do cursinho Wladmir Herzog havia a coordenadora Ana que fez parte da primeira turma de Orientandos/as do POP em 2015, época embrionária

onde ainda não se utilizava esse nome e o Pesquisador com outros/as colegas realizavam estágio de Orientação Vocacional <sup>3</sup>no cursinho.

**Tabela 7 - Perfil socioeconômico dos/as participantes**

Nome	Escolaridade	Curso	Ocupação	Renda Mensal per capita (R\$)	Residentes na casa (incluindo participante)	Caso de COVID na residência
Ana	Cursando Ensino Superior	Serviço Social	Faço estágio e estudo	783,75	4	0
Aurora	Cursando Ensino Superior	Marketing	Auxiliar administrativa	1.045,00	1	0
Felipe	Cursando Ensino Superior	Sistemas para Internet	Desenvolvedor Front End Pleno	1.400,00	5	0
Mônica	Cursando 3º ano do Ensino Médio	xxx	Desempregada	666,66	3	0
Meyri	Cursando 3º ano do Ensino Médio	xxx	Estudante	1.045,00	4	4
Sonhadora	Ensino Médio Completo	xxx	Estudante	650,00	2	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com as informações da Tabela 7 somente dois dos seis Estudantes estavam trabalhando; Felipe é o único com uma renda *per capita* superior a um salário mínimo da época (R\$ 1.045,00), valor este recebido por Aurora para pagar aluguel e demais despesas de casa; a mãe de Sonhadora recebe a mesma quantia para sustentar ambas; e a família de Mônica possui uma renda um pouco superior a meio salário.

A família de Meyri foi a única contaminada pelo novo coronavírus, ela contou que “no começo eu não saía de jeito nenhum, só que o meu pai ele sai para trabalhar e aí a gente acabou ficando doente, a gente testou positivo todo mundo aqui casa”, apontamos que essa foi a realidade de muitas famílias trabalhadoras, que mesmo no auge na

<sup>3</sup> O estágio de Orientação Vocacional era realizado por um trio de estagiários/as, foram realizados quatro encontros, com dez grupos. As atividades desenvolvidas foram: Diário dos Encontros; Quip das Profissões; Chuva de Ideias, Passa ou Repassa das Profissões, Gosto e Faço; Vivência do Vestibular; Reflexão sobre texto Pipoca de Rubem Alves. As referências utilizadas foram Bohoslavsky (2015), Lucchiari (1993), Mahl et al. (2005).

pandemia continuavam a exercer suas funções e para tanto, circulavam em transportes públicos superlotados, sendo impossível seguir as recomendações restritivas, desta forma o distanciamento social e o trabalho remoto tomam contornos de privilégio de algumas pessoas diante de outras que tem o seu direito a saúde infringido.

Ana Aurora e Felipe estavam cursando o Ensino Superior através de bolsa PROUNI.

**Tabela 8 - Caracterização dos genitores dos/as Estudantes**

Nome	Idade do Pai	Escolaridade do Pai	Ocupação do Pai	Idade da Mãe	Escolaridade da Mãe	Ocupação da mãe	Situação conjugal dos pais
Ana	está na casa dos 50	Ensino Fundamental incompleto	Não sei, acho que está aposentado	59	Ensino Médio incompleto	Doméstica	Separados
Aurora	40 não faço ideia	Ensino Superior Incompleto	Taxista eu acho	36	Ensino Médio	Vendedora	Separados
Felipe	44,45 por ai	Ensino Médio	Desempregado	42	Superior Incompleto	Compradora	Separados
Mônica	45,46	Ensino Fundamental incompleto	Pedreiro	43	Ensino Fundamental Incompleto	Doméstica	Casados
Meyri	52	Ensino Médio	Vigilante	47	Ensino Médio	Desempregada	Casados
Sonhadora	Não sei	Ensino Fundamental Incompleto	Feirante até onde conheço	69	Ensino Fundamental Incompleto	Aposentada	Separados

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 8 apresenta as informações sobre a idade, escolaridade, ocupação e a situação conjugal dos genitores dos/as Estudantes, onde é possível observar que a separação dos pais faz parte da realidade da maioria dos/as Estudantes dos cursinhos.

Das famílias de pais e mães separados, a idade e a ocupação da figura masculina são desconhecidas pelos/as participantes e são descritos por Ana, Meire, Aurora e Mônica como homens autoritários, agressivos e distantes, demonstrando o delineamento e a qualidade da relação intersubjetiva entre pai-filho/a, e somente em duas famílias os pais continuavam casados.

Dos/as doze genitores/as somente a mãe de Felipe possuía Ensino Superior incompleto (curso não foi informado); três pessoas concluíram o Ensino Médio, destas

duas estavam desempregadas; a mãe de Ana não concluiu o Ensino Médio; três pais e duas mães não completaram o Ensino Fundamental, entre esses/as, exceto por uma pessoa aposentada, as demais estavam exercendo suas atividades laborais.

## 5.6. O trabalho em Campo, Instrumentos e Ferramentas utilizadas

O Pesquisador desenvolveu toda a pesquisa (elaboração do projeto de pesquisa, realização e análise das entrevistas, escrita da dissertação) dentro da própria residência, experiência investigativa que demonstrou ser confortável em alguns momentos e em outros confuso, angustiante e limitador.

O conceito de campo-tema proposto por Peter Spink (2003) mesmo não atuando pela abordagem sócio-histórica auxiliou na tarefa de melhor administrar e aprender com situação, o autor defende que quando o/a pesquisador/a está *indo à campo*, ele/a *já está* no campo, em suas próprias palavras:

o campo é o método e não o lugar; o foco está na compreensão da construção de sentidos no espaço de vida do indivíduo, grupo, instituição ou comunidade . . . o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto . . . mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades (Spink, 2003, p. 35-36).

Toda pesquisa que se propõe a investigação empírica da intersubjetividade tem diante de si um problema posto: a impossibilidade de acessá-la de forma direta, sendo necessário um acesso indireto, através das expressões espontâneas, abertas, complexas e irrestritas dos/as participantes (Demo, 2000; Gonzalez Rey, 2005).

Para realizar esse acesso foram utilizados alguns instrumentos e ferramentas, que aparentemente são sinônimos, porém, são diferentes no caráter operacional.

Instrumentos são todos os procedimentos utilizados na estimulação de expressões dos/as participantes, sendo escrito ou oral, não tendo o compromisso de definir o sentido da informação e sim de incitar (Gonzalez Rey, 2005), ou seja, é o “meio” de se obter as informações, como as entrevistas dialogadas semiestruturadas, rodas de conversas, as narrativas dos/as participantes e suas produções realizadas durante o POP.

Já as ferramentas são os recursos tecnológicos ou não, utilizadas na mediação ou na produção das análises (Gonzalez Rey, 2005), e as empregadas nesse trabalho foram as



plataformas de encontros virtuais, diário de campo, plano de ação, Google Documentos, e-mail, WhatsApp, software NVIVO de análise qualitativa e um mixer virtual de áudio Voicemeeter 1.0.7.3. para transcrição das análises

De acordo com Gonzalez Rey (2005), os diferentes instrumentos e ferramentas utilizados durante a investigação ao se relacionarem de forma complementar sustentam as informações emergentes, os quais são “elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador, ou seja, sua significação não é acessível de forma direta à experiência, nem aparece em sistemas de correlação” (p. 112).

### **5.6.1. Entrevistas dialogadas semiestruturadas e rodas de conversas**

A condução das entrevistas e das rodas de conversas seguiram as recomendações de Bosi (2003) de se construir uma relação horizontal de quase amizade entre pesquisador/a e entrevistador/a, onde os/as participantes da pesquisa não são apenas informantes e são reconhecidos/as como coprodutores/as do conhecimento, unindo, assim, o saber acadêmico e o concreto do cotidiano, construindo uma atmosfera humanizada.

As entrevistas e as rodas de conversas foram realizadas através de três momentos:

- 1º) Leitura do TLCE (Anexo I) ou termo pertinente;
- 2º) Preenchimento de um questionário socioeconômico (Anexo IV); e
- 3º) Entrevista Dialogada ou roda de conversa em si (Anexos, V, VI e VII).

Nas entrevistas dialogadas com os/as Estudantes dos cursinhos procurou-se aprofundar os seguintes temas: História de Vida (Pessoal, Familiar, Escolar, Trabalho); Dificuldades e superações; Investigação dos obstáculos que impedem a emancipação no aqui-e-agora; Sentidos e significados das aspirações sobre a escolha profissional; e o Processo de Orientação Profissional em si e suas vicissitudes referentes no auxílio ou não da construção de uma conscientização crítica sobre os determinantes de suas escolhas profissionais.

Na roda de conversa com os/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as, a discussão iniciou a partir da pergunta disparadora “como a Rede Emancipa auxilia na emancipação dos/as seus Estudantes?” e buscou-se compreender quais as percepções dos/as participantes sobre os limites e possibilidades das ações do POP e dos cursinhos diante dos obstáculos que impedem a emancipação dos/as Estudantes no aqui-e-agora.

Na roda de conversa com os/as Psicólogos/as a discussão iniciou a partir da pergunta disparadora “como o POP auxilia na emancipação dos/as seus Estudantes?”

Gonzalez Rey (2005) aponta que o diálogo no cenário da pesquisa científica pode levar o/a Pesquisador/a a áreas desconhecidas, porém, de seu profundo interesse, sendo surpreendido/a pelo campo não descobrindo somente aquilo que busca e encontrando novos elementos que podem ser relevantes na construção do conhecimento, porém, o autor ressalta que essas descobertas não surgem de forma linear e sim progressivamente durante a entrevista.

### **5.6.2. Narrativas**

Optou-se por analisar as narrativas dos/as entrevistados/as na busca de compreender suas experiências e construção da forma como pensam sobre si mesmos/as e se conectam com o mundo social.

A definição de narrativa não é unívoca e pode ser melhor conceituada através de algumas características fundamentais: é um gênero do discurso; uma realidade discursiva, de forma dialética são ontológicas e representacionais; possui personagens, tempo, espaço e um enredo que evolui, as histórias são contadas a partir de um contexto sócio-histórico e possibilita a expressão dos sentidos e significados da experiência humana no presente (Brockmeier & Harré, 2003; Schiff, 2012).

A narrativa possibilita a expressão dos interesses, motivações, sentimentos e emoções envolvidos na escolha profissional; a importância e o sentido das profissões e do trabalho. O próprio projeto de vida no trabalho pode ser compreendido como narrativa, devido a estrutura de seu conteúdo com temas, enredos, tempo, ambiente (ou cenário), personagens atuando e um narrador que relata um fato ou um acontecimento (Dias & Soares, 2007) não sendo necessário por parte do/a pesquisador/a averiguar sua veracidade, pois a ficção também é elemento autobiográfico (Pereira, Pegoraro, & Rasera, 2017).

Dias e Soares (2007) apontam que, através do estudo dos sentidos e dos significados das palavras produzidas durante as narrativas, é possível conhecer de que forma, ativa ou passiva, a pessoa insere-se no seu próprio processo sócio-histórico.

De acordo com Aguiar (2007), para a Psicologia sócio-histórica, a fala revela a construção subjetiva das pessoas:

a fala, construída na relação com a história e a cultura, e expressa pelo sujeito, corresponde à maneira como este é capaz de expressar/codificar, neste momento específico, as vivências que se processam em sua subjetividade; cabe ao pesquisador o esforço analítico de ultrapassar essa aparência (essas formas de significação) e ir em busca das determinações (históricas e sociais), que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses (que são, portanto, individuais e históricos), para chegar ao sentido atribuído/constituído pelo sujeito (p. 131).

### **5.6.3. Plataformas de Encontros Virtuais, Diário de campo, Mixer virtual de áudio “Voicemeeter 1.0.7.3.”, Google documentos, e-mail e WhatsApp e Software NVIVO**

As plataformas de encontros virtuais (*Meet*) tornaram-se uma importante ferramenta on-line cada vez mais utilizada para reunir simultaneamente pessoas localizadas em diversos pontos do globo terrestre e serviu de palco para a realização das entrevistas e da roda de conversa com os Educadores/as Populares e Coordenadores/as dos cursinhos.

Foram utilizadas nessa pesquisa as plataformas do *Google Meet* (disponível em <https://meet.google.com/>) as quais quando acessadas via e-mail institucional (@usp.br) possibilitam a gravação dos encontros, ficando os vídeos armazenados em sistema nuvem no *Google Drive*.

O armazenamento das videograções estão de acordo com as recomendações de Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento e Matsumoto (2008), os/as autores/as após realizarem uma revisão de literatura sobre utilização de entrevista, observação e filmagem para coleta de informações em pesquisa qualitativa, indicaram o uso de forma complementar dessas três técnicas buscando, assim, preservar o material original contendo as expressões faciais, pausas de reflexão, dúvidas, entonação da voz, risadas, choros e ritmo das narrativas, elementos de suma importância para análise ulterior do/a pesquisador/a e demais juízes.

O Diário de campo foi uma importante ferramenta para anotações de informações, situações, observações, reflexões e *insights* surgidas durante a evolução da investigação, como recomendam Roese, Gerhardt, Souza e Lopes (2006).

O mixer virtual de áudio “Voicemeeter 1.0.7.3.” (disponível <https://vb-audio.com/Voicemeeter>) e o Google Documentos foram ferramentas aplicadas no processo de transcrição das entrevistas.

A comunicação com os/as participantes para troca de mensagens e de material se deu exclusivamente via WhatsApp. E as trocas de materiais e a orientação da pesquisa ocorreram por e-mail.

As análises das entrevistas foram realizadas com o auxílio do software NVIVO, o qual ajuda na organização e codificação das categorias.

### **5.7. Procedimentos éticos e metodológicos e forma de análise das informações**

Após a aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP), iniciamos as entrevistas.

A comunicação com os/as participantes ocorreu via WhatsApp com o Pesquisador se apresentando, explicando o motivo do contato, convidando para participação da pesquisa e sanando eventuais dúvidas.

Chegado o dia e o horário combinado para entrevista ou a roda de conversa era encaminhado o link da sala da virtual, procurava-se construir um ambiente mais acolhedor e humanizado possível e solicitava-se a permissão para gravar o encontro.

Em seguida era lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Anexo I) e nos casos de menores de idade era solicitado a presença de um adulto para leitura do TCLE – Responsável Menor de idade (Anexo II) e posteriormente o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE - Anexo III); em seguida o/a entrevistado/a ou responsável no final leitura verbalizava sua concordância e os dados do RG, e antes de iniciar a entrevista propriamente dita, era coletado as informações pessoais em um Questionário Socioeconômico (Anexo IV), as quais não foram transcritas em suas integras a fim de manter o sigilo, sendo apresentado somente vinhetas relevantes para contextualizar uma análise ou informação.

Ao final de cada entrevista e roda de conversa era anunciado o futuro envio da transcrição, alguns participantes demonstravam grande entusiasmo e interesse em ler o material.

O processo de transcrição de cada encontro ocorreu em duas fases:

- I) Transcrição automática feita a através da reprodução de vídeo concomitante ao uso das ferramentas Voicemeeter 1.0.7.3. e o recurso de “digitação por voz”; do Google Documentos;
- II) No segundo momento, o Pesquisador reproduzia o vídeo e fazia as correções das falhas e omissões da transcrição automática, transcrevendo as narrativas de forma

fidedigna, descrevendo inclusive as entonações de voz, choro, risadas, expressões, pausas, etc.

A transcrição era digitalizada em formato PDF e enviada para o/a respectivo/a participante e solicitado o envio de um áudio ou uma mensagem expressando como havia sido a experiência de leitura, suas opiniões, sentimentos, pensamentos, sensações sobre os resultados e também se gostariam de retirar, incluir ou alterar algo.

Somente Ana e Mônica não enviaram feedback, as respostas enviadas foram incluídas nas respectivas transcrições, destaca-se a resposta de Sonhadora: *“foi uma ótima experiência, eu pude novamente refletir sobre a minha trajetória de vida e algumas das coisas que eu já vivenciei, passou um filme na cabeça. Me senti emocionada”* e de Aurora *“Eu percebi que meu, eu tenho muita favela em mim cara, não tem como eu fugir disso não (risos) . . . quando a gente se escuta é um negócio muito bizarro, é uma sensação meio estranha, é um desconforto, é uma, é uma sensação de agonia, de “não, isso não devia, isso não tá certo” (risos) é um misto de sentimentos”*.

Recebido o material seguiu-se análise das narrativas dos/as participantes pelo referencial teórico da Psicologia sócio-histórica, conforme descrito abaixo, e no casos das transcrições das rodas de conversas buscou-se analisar o conteúdo através de uma perspectiva grupal sobre os discursos individuais, privilegiando as convergências e divergências das opiniões sobre os assuntos discutidos.

- I) Realizou-se uma imersão no material a ser analisado (as transcrições e anotações do diário do campo), através de reiteradas leituras, buscando nas narrativas dos/as participantes o nexos com os objetivos da pesquisa e por outras vezes, “procurando deixar aflorar os sentidos, sem encapsular os dados em categorias, classificações ou tematizações definidas a priori” (Spink & Lima, 2013, p. 83);
- II) A partir desta imersão foram definidos os indicadores de cada entrevista e roda de conversa;
- III) Elaborou-se uma síntese de cada entrevista e da roda de conversa a partir da interpretação da articulação dos indicadores;
- IV) Para a Discussão dos Resultados de Análises, buscou-se reunir dialeticamente os indicadores que atendiam a cada objetivo específico, dessa forma novas categorias analíticas emergiram;
- V) As novas categorias foram reunidas dialeticamente para responder o objetivo geral, produzindo, assim, o resultado/produto final da pesquisa.

Quanto aos materiais produzidos pelo/as Orientandos/as durante o POP, foram analisadas as produções de Aurora e Sonhadora considerando o contexto no qual foram produzidas e compreendidas de forma complementar a análise das entrevistas.

Ana e Felipe informaram não possuírem as produções da época em que realizaram o POP, Mônica e Meyri buscaram pelas suas atividades, mas não enviaram ao Pesquisador.

Após todo o material ser analisado foi encaminhado ao Orientador para suas considerações e iniciou-se a discussão dos resultados encontrados.

Por falta de tempo hábil, devido as adversidades encontradas pelo Pesquisador durante o desenvolvimento da pesquisa, não foi possível enviar as análises para apreciação dos/as participantes.

## CAPÍTULO VI - EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISES

*E com o bucho mais cheio comecei a pensar  
Que eu me organizando posso desorganizar  
Que eu desorganizando posso me organizar*

Chico Science, 1994

Neste capítulo são apresentados os resultados das análises narrativas realizadas precedido de um resumo bibliográfico dos/as participantes com base nos questionários socioeconômicos e nas entrevistas semiestruturadas, a fim de contextualizar os discursos e as análises.

Buscou-se apresentar os indicadores das narrativas de cada participante e da roda de conversa com os/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as dos cursinhos, na mesma sequência em que foram surgindo durante as análises, mesmo que essas nem sempre tenham aparecido de forma linear, sequencial, mas por vezes, descontinuada e em diversos pontos, formando uma rede.

Primeiramente serão apresentadas as análises das narrativas dos/as entrevistados/as que realizaram os encontros do POP no formato on-line e depois aqueles/as que participaram no formato presencial, e em seguida serão as expostas as análises das rodas de conversas realizadas com os/as Educadores/as e Coordenadores/as e com os/as Psicólogos/as atuantes dos cursinhos.

### **6.1. Informações sobre Aurora**

Aurora é uma mulher de 20 anos, cisgênero, tem um irmão de 15 anos e duas irmãs, sendo uma de 11 e outra 13 anos de idade, é branca, homossexual, solteira, se diz apaixonada por Artes, participa de um coletivo de mulheres gordas, possui curso profissionalizante em Gestão de Pessoas e técnico em Administração e Comunicação Visual pela Escola Técnica Estadual (ETEC), na época da entrevista estava namorando, cursando o primeiro semestre em Marketing através do PROUNI, trabalhando como auxiliar administrativa recebendo mensalmente um salário mínimo e residia sozinha em uma comunidade na região da zona leste de São Paulo.

Aurora teve pneumonia por oito vezes, razão pela qual a avó paterna decidiu intervir e passou a se ocupar dos cuidados dela, de seu irmão e irmãs durante o dia, e a noite retornavam para a casa dos pais.

Participou de todos os encontros do POP no formato on-line em 2020.

Foram realizadas duas entrevistas uma no início do processo de orientação e outra após a conclusão.



### 6.1.1. Indicadores de significação da Narrativa da Entrevista Inicial

#### 6.1.1.1. Indicador I: *Cursinhos populares salvam vidas trazendo informação e educação popular*

As dificuldades enfrentadas por Aurora em sua trajetória de vida por conta do território foram reunidas nesse indicador.

A *“falta de comunicação”* foi apontada pela participante como uma das principais dificuldades que havia enfrentando até aquele momento de sua vida, sente que *“ninguém olha”* para o território periférico, por esse ser dominado por *“instituições do crime”* é *“um espaço esquecido”* pelo *“Governo, as grandes mídias”*, entendemos que esse “esquecimento” do Estado sobre o viver e o morrer das pessoas residentes nos territórios periféricos é a expressão da sua necropolítica<sup>4</sup> (Mbembe, 2016).

Tendo sempre frequentado o ensino público aponta como *“as escolas de lá são bem abandonadas”*, a falta de docentes também é um problema crônico *“mal tinha professores na época, mas a gente se virava com que tinha”*, por tudo isso *“chegavam pouquíssimas informações pra gente”*. Ressalta como esse contexto impactava significativamente os projetos de futuro de vida da juventude periférica *“ou era ir pro o tráfico, pro crime, pra prostituição ou afins . . . . prostituição já passou na nossa cabeça um milhão de vezes”* e de suas escolhas profissionais *“ou era viver é (pausa) trabalhando pra outra pessoa recebendo o mínimo do mínimo e sobrevivendo”*, passou por diversas experiências de vida, como a perda de amigos/as *“que cresceram comigo . . . . ou foram pro crime ou começaram a usar muita droga . . . . eu tenho amiga que engravidou com 13 anos”*; durante a entrevista contou que tinha *“poucos amigos que foram resgatados dessa realidade”*, destacou como *“a música, principalmente o Hip Hop”* foi uma salvação para alguns/as jovens, para outros/as foi a educação *“conseguiu bolsa pelo ProUni”* e também *“outras coisas né, como agarrar as oportunidades . . . . para não acontecer o que aconteceu com os nossos colegas de classe”*, pois *“muitos não tem*

---

<sup>4</sup> Necropolítica é um conceito do filósofo camaronês Achille Mbembe, apresentado no texto homônimo de 2016, onde a partir do conceito de biopoder de Michel Foucault, aponta como o poder social e político decreta como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer, no caso, pessoas negras. É a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada, ocorrendo não somente por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos, ou seja, não seria somente deixar morrer, mas também fazer morrer. O poder da morte (necropoder), seria um elemento estruturante do sistema capitalista neoliberal, atuando através de práticas e tecnologias de gerenciamento de morte de grupos marginalizados.

*perspectiva de vida*”, e destaca que nos territórios periféricos “*se você não tem a sorte e o privilégio de encontrar pessoas boas que vão te apontar outros caminhos, outras possibilidades*”, então, “*infelizmente você se perde*”, por essa razão, acha importante “*os cursinhos populares se chegar em locais como onde eu estava na onde eu cresci*”, acredita que o “*trabalho social ele salva-vidas*” e os cursinhos populares “*com certeza vai mudar a vida de muita gente*”, sendo os cursinhos um meio coletivo e solidário para se informar e alcançar outras alternativas para os/as jovens que não “*tem a consciência, ou, ou tem a esperança de conseguir sair daquele cenário*”.

Entendemos que os signos consciência e esperança aparecem em sua narrativa como possibilidades de substituição um pelo outro quase como sinônimos, podendo ambos conduzirem à emancipação e os cursinhos populares teriam a possibilidade de mediar a relação dialética dos/as jovens com a própria realidade, ou seja, as vicissitudes das complexidades das relações cursinho-estudante e estudante-realidade contribuiria na significação dos signos consciência e esperança.

#### **6.1.1.2. Indicador II: Informação, diálogo e solidariedade são armas para emancipação**

Para superar os obstáculos encontrados em sua trajetória Aurora encontrou auxílio em algumas fontes, mas principalmente entre suas professoras do ensino médio, a forma dessas contribuições, os sentidos e significados atribuídos foram reunidos nesse indicador.

Durante o ensino médio, passou a ter aula de Artes como uma professora recém-chegada e residente de outro território, de forma empática e acolhedora “*ela começou a conversar com a gente*”. Destacamos como o diálogo intersubjetivo diferentemente da educação bancária foi significativo e transformador “*a gente não estava acostumada com isso*”, despertando “ *muito interesse*” e paixão pela matéria. Essa docente “*começou a trazer algumas informações de fora*” daquela realidade marcada por discriminação e violências e “*foi por causa dela que eu descobri o vestibular da ETEC*”, assim, Aurora e demais colegas de classe encontraram uma unidade da ETEC “*que era bem ali do lado*”, mas que até então, “*pouquíssimas pessoas sabiam . . . . tem aqueles sistemas de ensino médio junto com o curso Técnico*”, demonstrando como políticas públicas dentro de territórios periféricos podem não alcançar seu público-alvo sem contínua propagação da informação “*eu não sabia de nada com os meus 14 anos eu estava só ali vivendo, (risos),*

*e vivendo os problemas da minha família*”. O apoio da professora foi significativo em sua preparação para o vestibulinho “*ela fez de tudo com a gente para estudar e ajudou a gente a se inscrever, tava ali disposição pra tirar dúvidas*”, porém, nessa primeira tentativa não conseguiu ser aprovada.

No ano seguinte passou do ensino fundamental no período vespertino para o ensino médio matutino e começou a ter aulas com “*umas professoras incríveis*” formadas na USP em Sociologia e História que traziam muitas orientações “*ó você vai ter quer fazer isso, isso, isso para ganhar na vida, ou para conseguir pelo menos um local de fala*”. Interpretamos que o ‘ganhar a vida’ carrega de forma subjacente uma mensagem de competição, enquanto, que o ‘local de fala’ parece desautorizar a fala daqueles/as que estão nos territórios periféricos, sendo necessário deslocar-se para um outro local para poder ser ouvido/a. Porém, “*elas conseguiam levar a gente para conhecer várias coisas fora da nossa bolha . . . . de tráfico e de assalto*”, e passaram a organizar grupos de estudos nos finais de semana “*elas estavam ali a disposição para tudo*”.

Assim, o desejo de adentrar à universidade para além de ser uma autorrealização, passou a ter o sentido de recompensar o trabalho dessas professoras para mostrar “*ó vocês tiveram o dever cumprido aqui*”, prestou o vestibular, mas não alcançou a pontuação necessária “*infelizmente, eu tive muito, muito, muito problema com familiar, sempre tive, então, foi muito complexo para mim conseguir a universidade*”. Anos depois quando iniciou o curso superior em Marketing através de bolsa do PROUNI “*recebi uma enxurrada de mensagens de antigos professores e foi aquela felicidade*” caracterizando como as lutas e as vitórias dos/as jovens das periferias são coletivas, motivo pelo qual deseja “*retribuir tudo que as pessoas já fizeram para mim, ir também tentar fazer com que as pessoas que estavam inseridas dentro de onde eu estava possam ver que aquilo não é uma verdade absoluta*”. Destacamos que a retribuição não seria diretamente para as pessoas que contribuíram em sua jornada, mas sim em auxiliar outros/as jovens, entendemos essa continua ajuda ao/a outro/a como característico dos processos emancipatórios.

### **6.1.1.3. Indicador III: Não escolhi a minha profissão foi a vida que me entregou**

As vinhetas referentes as áreas do estudar e trabalhar estão reunidas nesse indicador.

Seu primeiro emprego foi aos 14 anos *“trabalhei como vendedora junto com minha mãe”*, quando chegou aos 16 anos continuava na mesma atividade e sentiu que *“preciso me mexer, estudar alguma coisa”*, tinha muito desejo de fazer *“Artes Visuais ou Designer ou qualquer coisa do ramo”*, porém, *“as notas que tirava sempre baixa . . . e eu nunca conseguia porque não chegava”*, essas notas de cortes desses cursos eram sentidas como obstáculos intransponíveis *“eu ficava ali colocando essas vontades para dentro da gaveta”*, dessa forma foi *“trabalhando com o que eu tinha conseguido abrir a porta”*.

Conseguiu uma bolsa de estudos em uma IES privada para um curso profissionalizante de Gestão em Pessoas e após a conclusão *“eu vi que não ia dar mais nada em meu currículo”*. Decidiu prestar o vestibulinho da ETEC e conseguiu aprovação para o curso Técnico em Administração, durante os estudos *“eu vi que não era muito minha cara”*. Entendemos que a escolha desse curso pode não ter sido feita de forma crítica, mas percebeu que o curso abria *“um leque muito grande”* de possibilidades profissionais e *“comecei analisar onde eu poderia trabalhar”*, passando a se interessar pela *“parte de marketing, da parte de pesquisa, e da parte de Gestão de Pessoas”*.

Nessa época fez amizades com estudantes do curso de Comunicação Visual *“tinha mais amigos do outro curso do que do próprio”*, então, quando finalizou o curso de Administração prestou novamente a prova da ETEC, mas agora para cursar Comunicação Visual *“eu não falei pra ninguém . . . eu tinha muito medo de não passar, porque era um curso, muito concorrido”*. Entendemos que não anunciar aos/as amigos/as sobre seus planos teve multideterminações como falta de sentimento de pertencimento ao grupo, insegurança em compartilhar seus planos, desejos e possíveis frustrações.

Surgiu no primeiro semestre do novo curso a *“oportunidade de estágio em marketing”*, estava com *“muito medo, eu não sabia desenhar tão bem na época”*, mas como desde muito nova é *“apaixonada por pintar”* decidiu aceitar o desafio, e em meio as suas atividades começou *“a mexer com papelada de lá, porque eu já tinha já estudado”* e após o encerramento do período de estágio foi contratada pela mesma empresa como *“auxiliar administrativo”*.

Concluído o curso de Comunicação Visual, *“prestei de novo a ETEC pra Marketing”*, conseguindo uma vaga na segunda chamada *“tava muito concorrido”*. Nessa época tentou *“abrir alguma coisinha pra mim começar a trabalhar um pouco com gestão, e ajudar outras pessoas, mas não deu tão certo”*. Entendemos que essa tentativa possa ter sido impulsionada pela ideologia neoliberal de empreendedorismo.

Durante a pandemia para aumentar sua renda, começou a trabalhar com marketing de forma “*freelancer*” produzindo textos sobre funk para uma agência. Prestou o ENEM e através do PROUNI conseguiu bolsa para cursar Marketing em uma IES privada, porém, sente que esse curso “*não foi uma área que eu escolhi, foi uma área que a vida me entregou*”, assim, como “*a história da escolha da minha profissão foi meio que esse bololô de oportunidades, que eu agarrei*”. Tudo isso a deixa “*muito confusa com a minha área*”, pois gostaria de “*viver de artes plásticas, eu ia viver de artes visuais*”.

Dessa forma, Aurora iniciava os encontros do POP on-line, na época da entrevista havia feito o primeiro encontro “*foi incrível, foi demais, fiquei muito feliz*” e referiu-se ao Orientador como “*um anjo nas nossas vidas*”. Informou que estava em busca de autoconhecimento e de “*olhar pra para o meu profissional com mais carinho, e não sei talvez até mudar*”. Entendemos que o sentimento de não se enxergar como protagonista ativa de suas escolhas, pode estar na questão de ter escolhido cursos com notas de cortes compatíveis com suas pontuações nos vestibulinhos, ação que findou por possibilitar concretas oportunidades profissionais.

#### **6.6.1.4. Indicador IV: Estou em uma fase de construção de mim não me permitindo a sonhar**

Reunimos nesse indicador as vinhetas nas quais a entrevistada conta sobre sua realidade naquele momento, expondo as especificidades do contexto sócio-histórico no qual se encontrava e as formas que estava utilizando para enfrentar.

Quando perguntada sobre suas perspectivas de futuro e de realização de seus sonhos, Aurora contou que “*não estou me permitindo pensar sobre isso agora*”, interpretamos essa “*não autorização*” como falta de perspectiva no presente de autorrealização no futuro. Apontou que seu “*objetivo agora eu quero ficar bem*”, o que entendemos que almejava simplesmente conseguir através de seus esforços suprir suas necessidades psicossociais básicas interditando qualquer desejo para além disso.

Em sua trajetória foi sentido como “*estudar qualquer coisa do tipo é muito elitista porque querendo ou não você precisa de apoio e apoio financeiro*”, interpretamos que a falta do apoio familiar apareceu de forma oculta em sua narrativa, porém, mesmo diante da auto interdição de sonhar, sente que “*eu tô no caminho para fazer alguma coisa*”, dentro de um processo gradual “*tô colocando pedrinha por pedrinha aos poucos, dando passinho, por passinho*”. Mesmo sem as metas devidamente

definidas “*para chegar em algum lugar*”, sente que irá “*fazer alguma diferença, ou fazer algum trabalho que eu goste muito*”, e que sua “*realidade hoje é de construção*”, demonstrando que está em movimento dentro do seu ritmo.

#### **6.6.1.5. Indicador V: Pandemia potencializou a toxicidade e violência da minha família**

Discussões, ofensas e brigas são marcas do grupo familiar de Aurora e foram intensificadas durante a pandemia, os impactos psicossociais de tudo isso e as formas que buscou para enfrentar e superar foram reunidas nesse indicador.

Durante sua infância foi percebendo que sua “*mãe começou a se afastar*”, pois “*basicamente ela começou a viver no trabalho*”. Sente que a mãe tinha a necessidade de “*ficar estudando, estudando, (sorrisos), trabalhando, trabalhando, trabalhando*” e, dessa forma, a mãe concluiu o ensino médio, mas sente que “*ela faltava como mãe*”.

Na fase aguda da pandemia, saiu da casa da sua avó devido aos ataques homofóbicos de seu pai tentando agredi-la fisicamente “*porque eu sou homossexual né e o meu pai ele não aceitava*”, passou a residir com seu irmão e irmãs na casa da mãe, a qual estava localizada em uma das áreas mais afetadas da cidade paulistana “*tinha muita gente morrendo muita gente próxima conhecida*”. Sua mãe, porém, não “*tava dando valor para isso*” e promovia aglomerações e festas em casa “*ela tinha necessidade de ficar com muita gente . . . sempre rodeada de bebidas*”, causando à Aurora sentimentos de inferioridade e incapacidade diante da impossibilidade de diálogo com a mãe que dizia “*aqui é minha casa se você não estiver satisfeita vá embora*”.

A situação piorou quando seu tio residente no mesmo quintal e “*usuário de drogas começou a implicar comigo porque eu tenho uma namorada*”, sentiu-se desamparada pela falta de apoio de sua genitora diante dos ataques homofóbicos e agressões físicas de seu tio à ela e sua namorada, sendo necessário utilizar “*spray de pimenta*” para se defender. Dessa forma, decidiu sair da casa da mãe para morar sozinha “*não quero mais isso para minha vida*”. Tempos depois sua mãe foi contaminada pelo novo coronavírus e Aurora passou a alternar seu tempo entre realizar suas atividades e os cuidados à sua mãe, seu irmão e irmãs.

No decorrer de sua nova caminhada conseguiu “*encontrar pessoas muito boas*” o que considera como “*privilégios muito grandes*”, demonstrando que a coletividade e a solidariedade são concomitantemente valores, ferramentas e armas na superação das dificuldades das pessoas periféricas.

Contou que *“não vejo a hora de conseguir viver, viver, viver eu vivo, mas há uma sobrevivência basicamente”*. Quando indagada o que seria viver, disse que *“é literalmente chegar em casa e conseguir deitar sem nenhuma preocupação”*. Esse sentimento de paz contrasta com toda turbulência de acontecimentos que foram atropelando sua vida, acrescentou à essa experiência a importância de também haver um sentimento de *“pertencimento em algum lugar, de sentir acolhido”*.

#### **6.6.1.6. Indicador VI: Me sentir burra no ensino on-line**

As dificuldades de estudar no formato on-line encontram-se nesse indicador.

A participante iniciou no *“segundo semestre”* suas atividades no cursinho, porém, pouco tempo depois já *“não tava conseguindo acompanhar muitas aulas”* e parou de *“fazer as aulas remotas do cursinho, porque, eu comecei a me sentir meio burra”*. A evasão dos estudos somou-se a um conjunto de outros projetos interrompidos durante sua trajetória de vida caracterizando a descontinuidade e instabilidade como confrontos recorrentes. Entendemos o signo burra como expressão de um sentimento de inferioridade produzido em sua relação dialética com as precariedades que assolam o ensino público e revela como pode ser ansiogênico e fóbico o contato com temas que hipoteticamente já deveriam ser de conhecimento do/a estudante levando-a tomar decisões a partir de um sentimento de culpa pela situação e que a afasta da coletividade onde poderia ali encontrar outras formas de superação e até de identificação. Como forma de enfretamento, Aurora passou a acompanhar as *“aulas que são gravadas”* dentro de sua disponibilidade de tempo *“até conseguir ficar no nível deles ali”*.

## **6.2. Indicadores de significação da Narrativa da Entrevista Final**

### **6.2.1. Indicador VII: Formato on-line possibilitou significativos encontros intersubjetivos**

As experiências sobre as atividades on-line no cursinho popular, incluindo os encontros do POP on-line estão agrupadas nesse indicador.

Aurora se autointitula *“cria da Geração Z”* e entendemos que o trabalho de seu avô e seu pai na manutenção de computadores possibilitou uma aproximação ao mundo virtual desde sua infância, porém, consideramos o conceito geracional como regulador

homogeneizador de heterogêneas culturas, sendo limitado na investigação sobre as particularidades e singularidades psicossociais que podem ser alcançadas quando utilizadas as categorias analíticas da historicidade e dialética.

Contou que “*comecei a faculdade, também já estava com pandemia*”, e nesse formato desenvolveu “*uma conexão muito boa com os meus colegas de classe*”. Também de forma remota começou a fazer “*terapia*” com uma profissional residente em outro estado brasileiro.

Com relação aos encontros do POP on-line, contou que “*pra mim, me habituar com o Processo foi muito tranquilo*”, conseguindo “*me conectar com o André de uma forma absurda*”, mas enfatizou o quanto esse formato é excludente por ser necessário o uso de “*aparelho e de outras ferramentas, a gente precisa de internet*”. No decorrer dos encontros virtuais o grupo inicial foi diminuindo “*infelizmente, teve as pessoas não se interessaram*” e outras “*até se interessaram*”, mas, também deixaram de comparecer aos encontros restando somente Aurora na conclusão do processo. Entendemos que alguns dos determinantes que proporcionaram a construção da boa qualidade na relação intersubjetiva estabelecida entre Orientador-Orientanda foram o interesse de Aurora em participar do processo e encontrar um espaço onde pode sentir-se acolhida, ouvida, respeitada, conseguindo atender suprir sua busca por autoconhecimento e reflexão sobre as escolhas feitas.

### **6.2.2. Indicador VIII: Relação intersubjetiva dialética como fundamental para o processo transformador**

Nesse indicador estão as vinhetas da narrativa sobre as vicissitudes psicossociais da relação intersubjetiva Orientador-Orientada.

Desde o início do processo, Orientador e Orientanda conseguiram estabelecer uma boa relação “*muito fofo, muito gente boa*”, considera que ele “*virou um amigo pra vida*”. Contou que em alguns encontros o Orientador “*dividiu várias histórias*” descobrindo gostos em comum por Artes e que ele já havia cursado Designer Gráfico “*ele dividiu isso comigo*”. Se enxerga de forma ativa nessa relação alicerçada com recíproca confiança, “*foi algo que eu permitir, ele se sentiu confortável de dividir e eu me abrir pra receber essas informações*”, e revelou que escutar essas histórias “*foi primordial para mim permitir a sonhar*”.



Entendemos que a identificação com a pessoa real do/a Orientador/a foi significativa para o desenvolvimento do POP on-line onde novas significações intrapsíquicas foram produzidas a partir das internalizações interpíquicas, possibilitando a Orientanda a lançar novas perspectivas crítica de si, do mundo, de seu presente, passado, futuro, aumentando qualitativamente sua autoestima.

A evasão dos demais orientandos/as configurou um espaço diferente do planejado “*teve outras pessoas que se inscreveram e não foram*” sendo necessário um replanejamento de algumas atividades, e assim o processo “*centralizou mais mim, nas minhas, nos meus questionamentos, na minha história de vida, e nos meus anseios, desejos*”.

O encerramento dos encontros do POP on-line gerou sentimentos ambíguos “*eu estou triste, mas eu tô feliz*”. Contou que “*talvez e que não é bom a gente se pegar tanto ao nosso Orientador Profissional, porque se afastar é dolorido*”. Entendemos que a dor sentida expressa sua afetividade, identificação e a importância do/a Orientador/a Profissional de se ocupar em realizar o processo de separação de forma gradual e dialogada com os/as Orientando/as respeitando e identificando o lugar psicossocial que está sendo colocado por estes/as naquele momento de suas vidas.

### **6.2.3. Indicador IX: Orientação Profissional auxilia na construção do esperar**

As contribuições do POP on-line que apontam para o autoconhecimento, auxílio na construção de uma conscientização crítica sobre si e o mundo, e construção de novas significações sobre passado, presente e futuro estão reunidas nesse indicador.

A participante no início do POP on-line “*tava muito perdida*” e foi percebendo-se como “*uma pessoa que tem medo de errar*”. No decorrer dos encontros, “*esse medo foi diminuindo*”, contou que a OP “*me cutucou, desde o início (risos)*”. Interpretamos que as atividades desenvolvidas nos encontros do POP on-line fizeram Aurora entrar em contato com temas que até, então, não havia se permitido ou não teve a oportunidade de aprofundar em suas gêneses e vicissitudes.

Contou que o processo “*ajudou muito na questão de me autoconhecer*”, e pode “*descobrir uma nova Aurora que existia aqui dentro*”, e “*algumas características que eu estou relutante para aceitar*” como, por exemplo, ser uma pessoa “*muito sonhadora . . . o Processo me tornou uma baíta sonhadora*”. Entendermos que a partir das reflexões sobre as escolhas feitas até aquele momento, Aurora pode lançar um olhar crítico sobre

seu passado produzindo novas significações de antigas experiências *“o mundo dessa forma capitalista que ele é ele acaba te empurrando pra alguns lugares e você aceita pra não perder oportunidade”* passando a enxergar seu protagonismo na busca de oportunidades para transformar sua realidade *“eu tinha essa sensação que eu tava andando de acordo com o barco . . . com ajuda da Orientação que foi entender o porquê ainda que empurrada pela correnteza eu ainda continuei, porque eu poderia simplesmente ter saído”*.

Dessa forma, superou as dúvidas que tinha sobre a continuidade do curso e das atividades laborais em Marketing e identificou sentimentos de *“insegurança”* produzidos pela contradição de seus valores pessoais *“eu sou pessoa 100% (falando sorrindo) a favor do comunismo”*, porém, *“Eu tô trabalhando com o que? Com capitalismo puro”*. Tudo isso possibilitou significativas mudanças subjetivas *“consegui encontrar um porque dentro daquele sistema que eu tô inserida hoje . . . eu não tava errando meu caminho”*, retirando a autocobrança de escolher uma profissão que exercerá pelo *“resto da minha vida”*, e de encontrar o seu *“dom, porque dom ninguém tem”*, passando a se ver *“como uma pessoa que vai contribuir pra a sociedade de alguma forma”*.

Durante os encontros do POP on-line foram trabalhados os Planos de Ação para realização de seus objetivos *“a gente começou o processo de trazer para realidade, foi quando a gente começou a se entender, e eu comecei a me entender mais ainda”*. As atividades on-line do Orientador de pensar com a Orientada sobre suas projeções no futuro *“foi essencial nessa minha transição e com certeza nesse modelo também de pandemia”*.

No término da entrevista comparou o processo de Orientação com o psicoterapêutico, porém, *“focado com outro objetivo, porque o processo é muito igual a gente toca na ferida do mesmo jeito”*. Concomitante enfatizou o fato do POP on-line fazer parte das atividades do cursinho pois *“com certeza não teria condições de bancar caso eu quisesse fazer por conta mesmo”*, revelando uma percepção da OPC como onerosa, de difícil acesso e cujas vicissitudes auxiliam na promoção da saúde.

### **6.6.2.3. Indicador IX: Meus maiores desafios são as dificuldades financeiras, manter a cabeça saudável e não perder as esperanças**

Os desafios sentidos por Aurora como obstáculos ainda serem superados para a realização de seus sonhos foram reunidos nesse indicador.

Quando questionada sobre quais seriam os grandes desafios que ainda vê obstruindo a concretização de seus sonhos, apontou a **“organização financeira”**, considerou **“essencial é eu continuar com terapia”** por ter **“muita dificuldade às vezes, de me sentir merecedora”** devido a **“todo o meu histórico familiar, de vida mesmo”**. Busca nesse tratamento psicoterapêutico **“manter a cabeça saudável”**, porém, ressalta que **“focar em saúde mental e focar em organização . . . . é complicado . . . . porque, a vida vai dificultar”**, frisando que **“quando a gente tá inserido nessa realidade é muito complicado sonhar”**, sendo muito fácil **“perder as esperanças”**. Entendemos que são grandes os impactos psicossociais produzidos pelo seu contexto sócio-histórico em seu processo de escolha, porém, quando Aurora passa a enxergar-se e atuar como produtora/protagonista “nesse contexto” e não somente como produto “desse contexto”, aumentou-se quantitativa e qualitativamente suas formas de enfrentamento e transformação da realidade, percebendo que em algum nível existe a possibilidade de escolha.

### **6.3. Análise de algumas produções**

A seguir apresentamos os aspectos mais relevantes das análises de algumas produções realizadas durante os encontros do POP on-line. Buscou-se apresentar as análises somente das produções que agregam novas informações ou complementam os indicadores apresentados.

#### **6.6.3.1. Entrevista bate-bola**

Essa atividade tem o objetivo de “introduzir a discussão sobre escolha profissional a partir das características pessoais e preferências das/os participantes” (Pierro, 2019, p. 31). Destaca-se a pergunta/resposta: **TRABALHO PARA MIM É: uma forma de formar ou transformar uma comunidade**. Entendemos que o trabalho para Aurora possui um sentido de transformação social de uma realidade coletiva.

#### **6.6.3.2. Gosto e Faço**

O objetivo dessa atividade é de “auxiliar a discriminar os diferentes vínculos que estabelecemos com as diferentes atividades” (Lucchiari, 1993, p. 44).

Aurora apontou que *“ajudar pessoas que vem até mim (para conselhos e tarefas)”* é algo que gosta e faz, demonstrando seu sentimento altruísta. Desenhar e conversar são coisas que não faz mesmo gostando, acrescentando que devido a rotina no *“trabalho e medo de parecer burra”* são os motivos que impendem uma melhor socialização, como, por exemplo, no *“coletivo para mulheres gordas”* e apontam para sentimentos de inferioridade e baixa autoestima. Ficar sozinha é algo que não gosta, porém, passa muito tempo sozinha trabalhando no escritório fechado, interpretamos que a contradição de não gostar de ficar sozinha, e de se retirar ou não interagir em seus grupos sociais pode estar atrelado a uma possível autocobrança de ter conhecimento sobre variados temas, não permitindo-se expor suas dúvidas e questionamentos, e finda por dificultar o contato com o conhecimento almejado, reproduzindo o fenômeno que aparentemente está combatendo, porém, de forma autodepreciativa.

#### **6.6.3.3. Chuva de Ideias, Pesquisa sobre a Profissão e Um dia no Futuro**

Essas três atividades foram desenvolvidas de forma sequencial, a primeira realizada foi a Chuva de Ideias a partir da pergunta: *“Quais profissões lhe despertam o interesse?”*, cronometrou-se um minuto para a participante escrever sem discriminação e com espontaneidade as profissões que surgiam em seus pensamentos.

Depois solicitou-se escolher três profissões do total escrito e realizar uma pesquisa sobre cada uma para respondendo as seguintes perguntas: *“O que essa profissão faz?”*, *“Por que essa profissão é importante para a sociedade?”*, *“O que é necessário para ser tonar profissional?”*

As profissões escolhidas foram: Empreendedora, Ilustradora e Professora.

A terceira e última atividade foi a aplicação da técnica “Um dia no Futuro”, a qual busca “trabalhar a dificuldade de projetar-se no futuro e relacioná-la com o momento da escolha” (Lucchiari, 1993, p.55).

Com relação as respostas sobre ser Empreendedora, entendermos que colocar o empreendedorismo como profissão possivelmente deve-se a internalização dos discursos neoliberais que apontam o “empreendedorismo como a profissão do futuro” e produzem uma “demanda para empreender” (F. Oliveira, 2020). A pessoa empreendedora *“enxerga, promove e aproveita as novas oportunidades de negócio, se arrisca, colocando em prática sonhos, planos e ideias”*. Sobre a importância da profissão, apontou que *“são fundamentais para o desenvolvimento da economia, geração de empregos, produção de*

*riquezas e inovações que ajudam a sociedade e reduzem as instabilidades causadas por crises*”. Entendemos que a representação social do empreendedorismo está repleta de idealização, meritocracia, competitividade e status social.

Ao se projetar no futuro como Empreendedora, imaginou-se casada, com três gatos, um cachorro e se preparando para adoção de uma criança; tem um dia repleto de atividades trabalhando no escritório de segunda à sexta das 9:00hs às 17:00hs de **“ajudar outras pessoas a empreender e mentorar elas”**, dois dias por semana após o expediente pratica algum esporte, dança ou yoga, e em três outros dias trabalhará em um novo projeto; às 19hs *“será professora em algum curso Técnico”*, e às 22hs estará em casa com a esposa assistindo *“séries até dormir ou conversando sobre o dia”*.

A profissão de Ilustradora foi apontada nas pesquisas como a que mais necessita de requisitos técnicos para atuação profissional e no futuro projeta-se trabalhando *“das 8:00hs às 17:00hs ou das 9:00hs às 18:00hs”* em uma empresa, e também como freelancer após o período regular de trabalho ou **“durante o almoço”**. Apontou que para esse tipo de atuação profissional é necessário possuir **“um estilo pessoal, para ser levado a sério”**. Entendemos essa autocrítica como expressão da sua baixa autoestima e essa profissão é sentida como mal remunerada, sendo necessário trabalhar em dois lugares.

Em ambas as profissões, no sábado são realizadas as atividades domésticas e os domingos reservados para descanso, lazer e viajar, porém, a projeção de uma boa qualidade de vida e estabilidade familiar, estão associadas somente a profissão de Empreendedora, possivelmente por conta da idealização e dos mitos que envolvem esse signo.

Aurora não realizou a pesquisa e Um dia no Futuro sobre a profissão de Professora, informando que seria uma *“carreira acadêmica, fazendo Pós, MBA, Mestrado e Doutorado”*.

#### **6.6.3.4. Frases para completar**

Essa técnica foi criada por Bohoslavsky (2015), porém, utilizamos a adaptação feita pela Prof<sup>a</sup> Dulce Helena Penna Soares Lucchiari, por ter uma proposta de se aproximar mais à realidade da juventude brasileira e tem o objetivo de “auxiliar no diagnóstico da situação do orientando sobre as possibilidades de escolha” (Lucchiari, 1993, p. 50). Selecionamos as respostas que respondem ao se aproximam dos objetivos da pesquisa.

Através dessa atividade foi possível identificar algumas das multideterminações do processo de escolha de Aurora. Em relação aos seus pais, acha que eles **“não queriam ser pais”** e gostariam que ela **“fosse menos teimosa, que fosse mais fácil de controlar, que não fosse boca dura”**. Sobre as dificuldades financeiras apontou que se fosse **“filha de rico, poderia me permitir a errar, porque poderia tentar de novo”**. Os sentimentos ambivalentes com o processo de escolha fazem **“ficar agoniada, mas me traz paz”**. Sente o mercado de trabalho como **“exclusivo”**, e interpretamos esse signo como exigente e excludente. Acha que poderia ser feliz se conseguisse **“fazer outras pessoas serem felizes”**, demonstrando além de seu altruísmo, sentimentos de coletividade e pertencimento. Por fim, se autodeclara como **“muito resiliente e busco sempre me conhecer melhor”**, qualidades que tem utilizado para superar os desafios frente a sua emancipação.

#### **6.6.3.5. Projeto de Vida**

Um Projeto de Vida foi sendo construído com a Orientanda durante os encontros do POP on-line. As metas de Aurora a curto prazo foram: conseguir um estágio na área de marketing; elaborar a identidade visual de uma parceria de vendas de doces com uma colega do Rio de Janeiro onde participaria com o marketing e auxiliaria nas vendas dos doces em São Paulo confeccionados por uma outra amiga a partir das instruções da colega carioca; criação de conteúdo para seu canal no Instagram para **“as pessoas me levarem mais a sério e começarem a me ver como profissional de referência”** e conseguir abrir uma poupança de emergência.

A médio prazo tinha como objetivos: concluir uma pós-graduação em marketing; **“ser reconhecida profissionalmente . . . quero que isso não seja uma dúvida para a outra pessoa . . . porque, as pessoas duvidam sempre da minha capacidade”**. A falta de reconhecimento apareceu de forma recorrente nas produções e na narrativa de Aurora e como demonstrando nas análises dos outros indicadores possuiu multideterminações que findam em sentimentos de autocobrança, insegurança e de necessidade de aprovação de um/a Outro/a cuja sinceridade é questionável. Interpretamos que uma das

multideterminações pode estar relacionado em como sentiu-se desamparada pelas figuras parentais em seu processo de socialização primária<sup>5</sup> (Lane, 2006).

De acordo com os trabalhos do filósofo e sociólogo Axel Honneth (2013) embasados na Teoria Crítica, o reconhecimento para ser completo precisa ocorrer concomitantemente em três dimensões da vida: no amor (sentido afetivo), na esfera jurídica e na solidariedade. Entendemos que Aurora durante sua trajetória de vida conseguiu preencher a primeira e a segunda dimensões, se não de forma completa, mas parcial: com o seu relacionamento amoroso e a ajuda de suas professoras do ensino regular, dos/as educadores/as do cursinho e amigos/as, destacando quase a inexistência de ações solidárias de figuras masculinas nesse percurso. Enquanto, a dimensão jurídica, entendemos que essa é impactada pelas vulnerabilidades psicossociais que são potencializadas pela falta de intervenção de políticas públicas.

A longo prazo tem as metas de comprar uma casa própria, viajar por dentro e para fora do Brasil, aprender inglês e ajudar seu irmão e irmãs.

Durante os encontros Aurora não se aprofundou no Plano de Ação para a realização do seu Projeto de Vida, porém, destacava que suas conquistas virão através de seu trabalhar e a parceria de vendas de doces seria uma forma de aumentar sua renda para alcançar esses objetivos, atividade que entendemos estar associada à idealização do empreendedorismo.

#### **6.6.3.6. Ser homem ser mulher**

Essa atividade tem o objetivo de:

mapear significados que Jovens associam a ser homem e ser mulher e as como essas hipóteses afetam as suas escolhas profissionais. Debater, também, como os modelos de masculinidade e feminilidade vão mudando ao longo do tempo, e como eles impactam de forma diferente certos grupos e contextos sociais (Pierro, 2019, p. 38).

Para Aurora, ser mulher é ***“Passar raiva, Fazer tudo a força do ódio, Passar suas vontades para escanteio, Se esforçar o triplo do que um homem comum, Ser estereotipada”***, ficando evidente o quanto pode ser sentindo como penoso, doloroso e

---

<sup>5</sup> De acordo com Lane (2006) socialização primária refere-se ao processo de desenvolvimento psicossocial da criança dentro do grupo familiar, onde através dessas relações ocorre a apreensão do mundo, e dessa forma, “vai criando uma representação do mundo em que vive, e que para ela é *o mundo*, sem alternativas possíveis” (p. 43).

revoltante a condição de mulher dentro de uma sociedade desigual, machista, misógina e patriarcal. Apontou que as profissões de mulher são: *“todas as profissões remuneradas + Mãe (ou Babá), Gestora do Lar, Controladora de Gastos, Cozinheira, Lavadeira, Faxineira”*.

Com relação aos homens, introduziu um recorte racial colocando que as características de homens brancos são: *“Saber o que é plenitude, Poder fazer planos, Sonhar”*; enquanto, as características dos homens negros seria: *“Ter medo, Ser duro, Não demonstrar sentimentos”*. Já as profissões de homens são *“as remuneradas”*.

Pelas respostas de Aurora fica evidente a divisão sexual do trabalho, as desigualdades sociais marcadas pelo gênero, os privilégios incorporados ao masculino, a naturalização de atividades ao feminino afetando significativamente e negativamente a qualidade de vida das mulheres.

Com relação a falta de recorte racial na categoria das mulheres, ressaltamos que o objetivo da atividade não era a produção de uma análise sociológica por parte da Orientanda, porém, entendemos que ausência das mulheres negras pode dever-se à sua branquitude que dificulta uma análise das multideterminações como raça/etnia que impactam as vidas das mulheres negras (Aruzza, Bhattacharya, & Fraser, 2019; Davis, 2016).

### **6.6.3. Síntese Aurora**

Aurora é uma jovem de 20 anos, tem um irmão de 15 anos e duas irmãs, sendo uma de 11 e outra 13 anos de idade, é branca, cisgnero, homossexual, solteira, se diz apaixonada por Artes, participa de um coletivo de mulheres gordas, possui curso profissionalizante em Gestão de Pessoas e técnico em Administração e Comunicação Visual pela ETEC.

Episódios de violências, negligências e também de solidariedade e superação permeiam sua história de vida.

Aos oito anos após recorrentes casos de pneumonia passou a ser cuidada juntamente com o irmão e as duas irmãs por sua avó paterna durante o dia, e à noite retornavam à casa dos pais, os quais engravidaram ainda adolescentes. Sua mãe tinha 16 e seu pai 18 anos. Teve uma infância marcada por dificuldades financeiras, na qual sua mãe começou a trabalhar ainda puérpera, passando muito tempo no trabalho e conseguiu concluir o Ensino Médio depois de adulta.



Seu pai abandonou o curso de Tecnologia da Informação no primeiro semestre, o considera inteligente por ser autodidata e ter aprendido a falar inglês e a tocar instrumentos musicais de percussão e cordas, porém, também o sente como uma pessoa egoísta e agressiva.

O estilo de vida de seus pais passou a servir como modelo a ser refutado. Aos 15 anos seus pais se separaram e passou residir permanentemente na casa da avó junto com o irmão e as irmãs, permanecendo dessa forma até 2019 quando aos 19 anos seu próprio pai tentou agredi-la após uma discussão onde a discriminava por conta de sua orientação sexual, então, decidiu ir morar com sua mãe na época da pandemia da COVID-19.

No decorrer de sua vida sofreu outros ataques homofóbicos chegando a ser agredida junto com a namorada, por conta disso adquiriu spray de pimenta e arma de choque para sua proteção pessoal, os quais passaram a ser os instrumentos mediadores em sua relação com o contexto violento no qual estava inserida.

Estudar e trabalhar foram as formas de enfrentamento encontradas para transformar sua realidade marcada por violências, dificuldades financeiras, vivendo em um contexto em que seus/uas colegas de infância e de escola se encaminhavam para o consumo de drogas, tráfico ou prostituição, tudo isso produziram sentimentos ambíguos de insegurança, incapacidade, inferioridade e também de motivação para transcender aquela realidade.

Buscando não perder nenhuma oportunidade fez curso profissionalizante em Gestão de Pessoas e técnico em Administração e Comunicação Visual pela ETEC, porém, não se identificou com os dois primeiros, mas anos depois conseguiria o seu atual trabalho de auxiliar administrativa através dos conhecimentos adquiridos no curso de Administração.

Seguindo os protocolos de proteção aos idosos estabelecidos pelos órgãos de saúde no combate à pandemia, retirou da casa da avó seu irmão e irmãs para irem morar com ela e a mãe, no entanto, as medidas protetivas no combate à contaminação e propagação ao novo coronavírus não eram respeitadas por sua mãe que promovia e aceitava aglomerações e festas em casa.

O quintal da residência era dividido com a casa de seu tio, o qual era usuário de drogas e implicava com o fato de Aurora ter uma namorada e tentou agredir as duas, ocasião onde defendeu-se com os instrumentos que havia adquirido e tentou solicitar intervenção policial, porém, sua mãe e demais familiares a desestimularam em registrar a denúncia de crime na delegacia chegando a culpá-la pela situação. Indignada e sentindo-

se desamparada, decidiu ir morar sozinha, assim, mais uma vez a homofobia a retirou de seu lugar, obrigando-a procurar refúgio em outro local minimamente seguro, gerando sentimentos de falta de pertencimento.

A ausência de diálogo com seus familiares impossibilitou a expressão de seus pensamentos e ideias. A falta de informação sobre outras realidades e de como acessá-las passou a limitar as esperanças de realizar seus sonhos e tornou-se um privilégio encontrar em sua trajetória pessoas altruístas e/ou solidárias, como suas professoras do ensino regular, os/as educadores/as do cursinho popular. Dessa forma, os principais momentos de transformação de sua vida foram marcados pela mediação de professoras mulheres, assim, como as figuras masculinas marcaram os episódios mais violentos e angustiantes.

Adentrou em sua nova residência no período mais agudo da pandemia, mesma época em que iniciou seus estudos on-line no cursinho popular, porém, pouco tempo depois passou a acompanhar somente as gravações das aulas por sentir que não estava conseguindo acompanhar a turma e nos meses ulteriores conquistou uma bolsa de estudos através do PROUNI para cursar Marketing, não teve dificuldades em participar das aulas on-line demonstrando que a problemática para ela, não estava no formato e sim no conteúdo, onde os temas abordados nas aulas do cursinho proporcionava o contato com as lacunas do ensino regular, as quais eram sentidas como uma incapacidade individual e não como um problema social, enquanto, que o conteúdo apresentado no Ensino Superior era novidade para todos/as estudantes de sua turma.

O POP on-line no decorrer de suas atividades e através da boa relação intersubjetiva estabelecida com o Orientador por meio do diálogo, respeito, confiança, reciprocidade e de “acreditar” na Orientanda, auxiliaram na construção de um novo olhar crítico para seu contexto e para si, seu passado, presente e futuro, passando a se ver como protagonista de suas decisões, contribuindo na estimulação da sua autoestima, diminuição da sua autocobrança e no esperar, que segundo Paulo Freire (1992) é não desistir, lutar e construir coletivamente outros modos de enfrentamento.

## **6.2. Informações sobre Sonhadora**

Sonhadora é uma mulher de 34 anos, cisgênero, branca, heterossexual, solteira, possui formação Técnica em Administração e Farmácia.

Na época da entrevista estava desempregada, até então, trabalhava em eventos de buffet, os quais estavam suspensos devido as medidas restritivas de quarentena no

combate à pandemia, dedicava-se aos estudos pretendo cursar uma faculdade de Dança e residia com a mãe de 69 anos aposentada.

Os pais não concluíram o ensino fundamental e se separaram quando ainda era criança, sempre teve uma boa relação com pai, o qual estava há alguns meses residindo no estado de Pernambuco, ela e os outros quatro irmãos/as foram criados pela mãe.

Realizou o POP no formato on-line em 2020 tendo participado de todos os encontros.

### **6.2.1. Indicador I: Fui fazendo minhas escolhas de acordo com o contexto da minha vida**

Foram reunidas nesse indicador as vinhetas referentes ao processo de escolha profissional da entrevistada, destacando os impactos advindos do seu contexto sócio-histórico.

O desejo de Sonhadora é “*fazer faculdade de dança*”, desde “*nova sempre gostei de dançar*”, tinha essa atividade como um “*hobby*”, mas por não proporcionar “*nenhum retorno financeiro*” e devido as dificuldades financeiras que sua família enfrentava “*precisava trabalhar*” para suprir as condições mínimas de sobrevivência, não sendo possível continuar com atividades de lazer.

Ficava a “*procurar emprego e não conseguia*”, então, foi “*fazer alguns cursos para poder me atualizar*”, quando era Jovem Aprendiz<sup>6</sup> pensou em fazer “*faculdade de Administração algo relacionado ao banco para poder entrar no banco que eu tava naquela área*”.

Na época em que trabalhou em um hotel “*fiquei com aquela vontade de fazer hotelaria, por conta de tá vivenciando tendo contato com aquela área*”, mas essa vontade expirou quando encerraram suas atividades no local “*era só euforia assim do momento . . . ver que é uma empresa boa e aí você fica né com a aquela vontade de trabalhar naquela empresa*”. É possível perceber como os locais de trabalho por onde Sonhadora atuou mediavam os seus planos sobre o futuro, demonstrando os impactos do seu contexto

---

<sup>6</sup> Jovem Aprendiz é o programa derivado da Lei do Aprendiz aprovada em 2000, regulamentada em 2005 e determina que as empresas de médio e grande porte devem ter de 5% a 15% de aprendizes dentro do quadro de funcionários. Os/as aprendizes devem ter obrigatoriamente entre 14 a 24 anos, estarem cursando o Ensino Médio ou Técnico, a contratação abarca a assinatura da Carteira de Trabalho e Previdência Social, e o principal meio de acesso ao programa é por meio do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

sócio-histórico em seu processo de escolha, ou seja, a cultura dos territórios e os discursos ali produzidos foram sendo internalizados, passando de inter para intrapsíquico e nesse processo produzindo suas significações sobre estudar e trabalhar (Vygostky, 1991; 2001).

Quando trabalhava como Inspectora de Qualidade foi promovida e fez “*o curso Técnico de Farmácia né, para poder exercer né, melhor a minha função*”, sendo esse até, então, seu último emprego formal e sentiu-se aliviada ao ser despedida da empresa, pois o trabalho estava cansativo, penoso “*assim até dei uma respirada . . . eu já tava um pouco assim cansada . . . estafada da área, das cobranças e pra mim eu acho que acabou sendo bom também*”.

Com o intuito de mudar de área e também “*porque eu queria estudar, não queria ficar em casa assim sem fazer nada parada*” decidiu fazer um curso Técnico de Administração, porém, nunca atuou profissionalmente e no início da entrevista, ao responder o questionário socioeconômico, esqueceu de informar que esse “*é um dos cursos que eu tenho concluído e acabei não falando né*”. Interpretamos esse esquecimento por Sonhadora não possuir uma autoimagem de técnica administrativa, ou seja, não *se ver* nessa ocupação possivelmente por nunca ter exercido essa atividade.

Não conseguindo emprego formal, passou a trabalhar em eventos de buffet de forma “*freelancer*” e pouco meses depois “*decidi que eu queria fazer uma faculdade*” e o sonho de dançar retornou, aliás, a dança nunca ficou totalmente fora de sua vida “*sempre que eu tive oportunidade eu fazia aulas de dança em centros culturais*”, locais onde passou a ter “*mais contato com dança, com professores de dança*”, prestou “*um vestibular pra a, pra ETEC pro curso de dança, mas eu não passei*”.

Então, passou a estudar em cursinhos populares, prestou o ENEM e através do SISU (Sistema de Seleção Unificada) ganhou bolsa para fazer curso de Dança na UNICAMP, porém, declinou de seu sonho porque “*para mim era muito longe e as minhas condições não dava*”. Aqui destaca-se a indissociabilidade do tema de permanência estudantil ao discutir, planejar e instalar políticas públicas sobre acesso ao Ensino Superior para classes pobres.

### **6.2.2. Indicador II: Trabalho desde nova e fazer faculdade vai ajudar a superar a pobreza**

As dificuldades financeiras enfrentadas por Sonhadora e sua família estão

agrupadas nesse indicador, assim, como as formas de enfrentamento, superação e de convivência entre os membros do grupo familiar.

Os pais de Sonhadora são separados “*faz bastante tempo*”, sua mãe criou ela e seus quatro irmãos/ãs “*praticamente sozinha*”, razão pela qual “*sempre trabalhei desde nova e . . . ah . . . e fui, fui trabalhando né, porque, eu queria conquistar os meus objetivos, meus sonhos né, pois venho de família humilde tal*”. Considera sua relação com o pai como “*ótima*”, mesmo que “*ele não fosse na minha infância um pai muito presente*”, e ele está quase dezoito meses morando em sua cidade natal na região nordeste devido as “*condições aqui também não estava muito boas*” e por isso “*perdeu um pouco contato*”. Em sua narrativa relata que “*olhar para a história da minha mãe e do meu pai*” a motivou a “*não querer repetir essa história*”, nesse momento ficou muito emocionada e com a voz tremula demonstrando o quanto lhe é significativo e desafiador construir dialeticamente dentro da sua realidade uma trajetória profissional e de vida diferente de seus pais. Sua mãe “*não teve muito estudos*”, e acha que isso a motivou a “*querer me superar, querer fazer uma faculdade*”. Para a Psicologia sócio-histórica, motivo é “*o princípio que impulsiona a atividade, pois é o motivo que faz a ligação entre a necessidade e o objeto*” (Santos & Aquino, 2014, p. 82). Nesse contexto, o motivo de não repetir a história de vida de seus pais, ligaria o Ensino Superior/objeto à necessidade de suprir as condições básicas de sobrevivência.

### **6.2.3. Indicador III: A orientação profissional me ajudou abrir a mente**

Estão reunidas nesse indicador as contribuições do Processo de Orientação Profissional on-line, porém, sendo os indicadores interdependentes, alguns dos impactos produzidos pelo POP on-line estão apresentados em outros indicadores.

No início da entrevista quando questionada sobre a sua ocupação, respondeu “*estudante, aprendi com você*”. No início dos encontros do POP on-line, a participante se apresentava como “*desempregada*” através de uma narrativa carregada de uma severa autocrítica por essa situação. No decorrer do processo, foi reconhecendo e validando todo o comprometimento e investimento que estava aplicando em seu estudar, passando a compreender melhor o desemprego não como um fracasso individual, mas como uma problemática social, produzindo novas significações de sua identidade através da internalização do papel de estudante e elevando sua autoestima.

Os encontros foram sentidos pela participante como significativos “*foi muito importante para mim*”; auxiliando em seu autoconhecimento, “*me ajudou a bastante a me entender também*”; nas reflexões de suas escolhas “*“a gente não para muito para pensar assim, no que a gente quer ser, no que isso implica na nossa vida”*”; na construção de um plano de ação para seu projeto de vida, “*como uma futura profissional da dança, o que eu preciso ter, e o que eu preciso fazer para alcançar esse objetivo, acho que me orientou a bastante*”; e no processo de conscientização crítica de si no e do mundo através da relação intersubjetiva “*abriu bastante a minha mente com relação aos assuntos que a gente discutiu*”, apontando o potencial emancipador do POP-line tem de proporcionar à “*outras pessoas também precisam é adquirir esse conhecimento para elas abrirem a mente*”. Entendemos que o signo conhecimento refere-se aquele construído dialeticamente na relação Orientador-Orientanda, não sendo possível a obtenção do mesmo resultado fidedigno entre todos/as Orientandos/as, havendo gradações em cada relação intersubjetiva.

#### **6.2.4. Indicador IV: A pandemia aumentou as dificuldades já existentes para conseguir emprego**

Em sua trajetória de vida superar o desemprego foi um desafio reiteradamente enfrentado pela entrevistada, sendo intensificado durante o período agudo da pandemia.

Até o momento da entrevista seu último emprego formal tinha sido como inspetora de qualidade, no qual já “*trabalhava alguns anos*”, porém, foi “*mandada embora*”. Passou um tempo “*buscando recolocação no mercado*”, fez um curso Técnico em administração, mas foi “*difícil conseguir trabalhar na área sem ter experiência e sem ter sei lá um estágio*”, evidenciando a dificuldade do primeiro emprego e a necessidade de incentivo através de políticas públicas.

Diante da falta de êxito, “*percebi que tava ficando cada vez mais difícil*” conseguir uma ocupação profissional formal, acredita que o principal motivo é “*devido ao aumento da tecnologia*”, que finda produzindo um sentimento de falta de qualificação e uma percepção de que o “*mundo do trabalho tá ficando cada vez mais competitivo*”, empurrando-a para buscar na informalidade meios de obter uma renda mínima para suprir suas necessidades básicas, indo trabalhar em “*eventos de freelancer*” em buffets. Porém, na época da entrevista, estava desempregada devido ao fechamento das casas de eventos para evitar aglomerações “*estou em casa só estudando*”. Mesmo nessas condições “*eu*

*preciso ajudar na renda de casa*”, por essa razão, contou que está *“buscando aperfeiçoamento pra quando mercado, mundo de trabalho se reaquecer eu tá atualizada”*, demonstrando como o mercado de trabalho é sentido como algo autônomo e regulador, e sua narrativa também aponta a utilização de conceitos (mundo do trabalho) discutidos durante os encontros do POP on-line.

#### **6.2.5. Indicador V: Ser inspiração para outras pessoas me motiva e dar forças**

Destaca-se nesse indicador a motivação da participante na busca por realizar seus sonhos, apontando a importância do caráter afetivo de suas relações intersubjetivas.

Durante sua narrativa contou como as vidas das pessoas de seu círculo de amizades a impacta em *“querer fazer uma faculdade”*, pois, *“eu vejo os meus amigos eles conseguem”*, significando essas pessoas como suas *“referências”*, as quais interpretamos como modelos de inspiração e de projeção de seus sonhos, Colocando-se como protagonista de sua história também deseja *“ser uma referência”* para sua *“família, os meus sobrinhos”*, indicando como a relação intersubjetiva marcada pelo sentimento de pertencimento e de coletividade são fontes de motivação para buscar a realização de seus sonhos individuais que são construídos socialmente *“eu acho que é isso que me dá força”*. Busca ser uma referência positiva para transcender da realidade compartilhada pela família *“ver e enxerga em mim uma referência tipo de querer estudar de querer algo melhor”*, os momentos dessas declarações foram marcados por falas carregadas de muitas emoções, choro e risos, e entendemos que é no buscar em ser essa referência que faz com que Sonhadora já comece a *“motivar outras pessoas também que tem esse sonho”*.

#### **6.2.6. Indicador VI: A pandemia foi um ano de autocuidado e superação**

Foram reunidos nesse indicador os trechos referentes aos desafios de estudar durante o período da pandemia.

Em sua narrativa contou que *“esse foi um ano difícil . . . pra todos nós”*, no qual *“planos, sonhos que a gente tinha foram adiados”*, mas também considera que *“se eu fosse resumir o ano, foi um ano de superação”*. Apontou que um dos seus maiores desafios foi manter-se *“focada para conseguir estudar”*, pois a dificuldade de estudar não era somente *“questão de tempo, era de dedicação”* a si mesma. Embora dispusesse

de tempo e estudasse, sente que exercia essa atividade de forma passiva, acrítica, não objetivando transformar sua realidade *“eu não era o foco, eu não tava focada”*.

A mudança da rotina imposta pela necessidade da quarentena e os horrores da pandemia foram alguns dos determinantes para ser *“um ano que eu foquei mais assim nos estudos”*. Ao enfrentar os desafios impostos pela nova realidade, foi tomando consciência sobre *“a gente não consegue controlar porque é uma coisa externa”*, e foi buscando formas de enfrentamento através de novas perspectivas e estratégias diante dos obstáculos a serem superados *“que é interno eu consigo controlar . . . tenho que focar naquilo que eu consigo controlar”*.

As atividades realizadas durante POP on-line auxiliaram Sonhadora a *“deixar de procrastinar . . . fazer uma gestão do tempo”*, passando a *“colocar algumas metas para . . . realizar os seus objetivos”*. Dessa forma, foi sentindo que acumulou mais *“aprendizado e crescimento e superação também e motivação”*. Considera que a pandemia também *“abriu os olhos da gente para muitas coisas”*, refletindo sobre outras dificuldades superadas em outros momentos vida e contou com uma voz bem forte e convicta *“acho que isso me deixou mais forte, pra . . . pra viver”*, demonstrando como a superação de alguns desafios podem incentivar e auxiliar na superação de outros *“não vou deixar o tempo passar, não perder tempo com coisa que não leva a gente a lugar nenhum”*.

### **6.2.7. Indicador VII: Cursinhos populares ajudam na realização de sonhos**

Estão reunidas nesse indicador as vinhetas referentes ao estudar no cursinho popular durante a pandemia.

Em sua narrativa Sonhadora conta que por não ter *“condições de pagar uma faculdade”* decidiu *“começar a estudar um cursinho popular”*, almejando assim conseguir uma *“bolsa na faculdade e **realizar meu sonho** de ser profissional da área de dança”*. Entendemos que esses apontamentos demonstram que os cursinhos populares suprem lacunas deixadas pelo Estado no tocante à Educação.

Durante o período de pandemia, a entrevistada teve que *“ficar em casa né, se privando, se cuidando né”*, porém, através das aulas do cursinho foi entrando em contato com as *“matérias relacionadas ao vestibular”*, sentiu-se acolhida pelos/as Educadores/as Populares *“tirando dúvidas relacionadas as matérias”*, refletiu que poderia ter tido um *“ano perdido”* se *“eu não tivesse entrado no cursinho”*, pois findaria *“fazendo coisas*



*que não iam me agregar em nada*". Dessa forma, o cursinho demonstra ser um espaço de desenvolvimento psicossocial para jovens das periferias inclusive em tempos de pandemia auxiliando em seu processo de conscientização *"me ajuda bastante a pensar no futuro . . . crescer mais como pessoa"*. Pôde pensar sobre *"o que eu quero, e como eu faço né para alcançar esse objetivo"*, e refletir sobre suas escolhas, ratificando algumas e ratificando outras *"me ajudou a ter mais certeza da, do que eu quero fazer"*. Ressalva que as atividades desenvolvidas no cursinho devem continuar sendo *"levando adiante"*, demonstrando o potencial emancipador da organização solidária e coletiva dos cursinhos *"é muito importante, porque outras pessoas também precisam ter conhecimento"*.

### **6.2.8. Análise de algumas Produções**

Apresentamos a seguir os aspectos mais relevantes das análises de algumas produções realizadas durante os encontros do POP on-line.

Optou-se por não apresentar as análises de todas as produções feitas pela participante, privilegiando os resultados que apresentam novas informações ou complementam os indicadores anteriormente apresentados.

#### **6.3.8.1. Entrevista Bate-Bola**

A entrevista Bate-Bola foi uma das primeiras atividades realizadas, nela a participante pode expressar que suas expectativas sobre o POP on-line estavam depositadas no autoconhecimento, *"me ajude e ensine a me descobrir como pessoa . . . conhecer minha personalidade e através disso alcançar meus objetivos"*,

Com relação a autoimagem revelou ser uma pessoa tímida, introvertida e cautelosa, as duas primeiras características foram apontadas nos encontros do POP on-line como possíveis obstáculos na carreira de dançarina. Descreveu que busca agir igual as pessoas que admira, desafiando-se para realizar seus sonhos. E, sobre trabalhar, apontou que é *"sentir bem com o que faz, ser valorizada, alcançar os objetivos profissionais e pessoais"* características que configuram um trabalho decente de acordo com a OIT.

### 6.3.8.2. Genoprofissiograma

Nessa atividade solicitou-se que a orientanda elaborasse uma representação gráfica de sua família, destacando as profissões e escolaridade dos membros. Dessa forma foi possível entrar em contato com as origens do seu grupo familiar. Seus pais possuem Ensino Médio incompleto, ambos “*avós paternos eram trabalhadores rurais e as avós donas de casa*”, ninguém da família havia cursado Ensino Superior, seu irmão trabalhava como motoboy, entre suas três irmãs, uma é técnica em enfermagem, outra auxiliar administrativa e uma “*autônoma*”.

Como atividade complementar do genoprofissiograma, foi solicitado que procurasse uma pessoa que considerasse importante em sua vida e indagasse como esta havia escolhido a atual profissão. A resposta da pessoa escolhida foi “*começou a trabalhar de **freelancer** porque o desemprego bateu na porta, então, foi a primeira opção que apareceu, gostei mais de trabalhar de freelancer do que trabalho fixo*”. O signo *freelance* também é utilizado por Sonhadora, “*eu trabalhava como **freelancer** e estudava*”, interpretamos que em alguns momentos da sua narrativa o sentido atribuído a esse signo seria de ocupação profissional e não a forma de relação trabalhista, assim, como empregado pela pessoa entrevistada e quando refere-se a profissão da sua irmã como “autônoma”.

### 6.3.8.3. Frases Para Completar

Destacamos as respostas que consideramos estarem mais alinhadas a contribuir com os objetivos de nossa pesquisa.

Através de suas respostas foi possível perceber como sua infância foi marcada por severas restrições devido ao contexto socio-histórico-econômico-cultural na qual estava inserida gerando limitações psicossociais “*profissionalmente não me lembro de algo que queria ser, acho que não era estimulada a isso, mas lembro que às vezes, queria coisas que a minha mãe não podia comprar*”. Interpretamos que devido aos pais não terem concluído o Ensino Fundamental, possivelmente o Ensino Superior era sentido como algo utópico pelo grupo familiar e a possibilidade de um futuro melhor estaria depositado nas ações laborais.

Sonhadora tem uma visão resiliente e otimista do futuro imaginando “*fazendo minha faculdade e superando meus medos e correndo atrás de tudo que almejo*”, mas

sente-se sozinha para realizar seus objetivos “*quando comecei a trabalhar e ver que as coisas dependiam somente de mim mesma*”. Tem uma autocobrança rígida que diante dos obstáculos produz um sentimento de insegurança “*acho que poderia me esforçar muito mais*”, mas se coloca em movimento para conquistar seus sonhos “*corro atrás de alguns deles*”, e durante essa busca o mercado de trabalho é sentido como um obstáculo muito competitivo e exigente “*preciso me atualizar constantemente para não ficar pra trás*”.

#### **6.3.8.4. Um dia no futuro**

Ao se projetar no futuro como dançarina Sonhadora apresenta um dia muito intenso, fazendo “*vídeos para internet*” e “*trabalha em uma companhia de dança*”. Acorda às 7:00hs da manhã, toma café sozinha e vai trabalhar de carro ou transporte público, o horário de saída vai depender da demanda do trabalho podendo ser até a noite. Caso chegue em sua residência por volta das 15hs irá “*arrumar casa, lavar roupa, fazer comida e passar um tempo com o marido assistindo coisas que gostam*”, encerrando a noite “*estudando algo para me aperfeiçoar na profissão*”.

Nessa projeção é possível perceber como o trabalhar assalariado ocupará um grande espaço na vida de Sonhadora, que ainda precisará realizar os trabalhos domésticos de forma não compartilhada com uma figura masculina aparentemente distante (assim como seu pai), e essa foi uma das questões abordadas por ela nos encontros do POP on-line, de como não concordava com o fato do irmão não ser incluído pela mãe nas divisões do trabalho doméstico. Essa situação explícita como a divisão sexual do trabalho é uma relação de poder e como o gênero é produzido na performance dessa relação (Aruzza, Bhattacharya, & Fraser, 2019). Entendemos que a internalização desse papel social quando não criticado de forma profunda que vise a transformação (ou o início desse processo) na realidade presente tende a ser projetado e reproduzido no futuro, gerando duplas e até triplas jornadas de trabalho para as mulheres.

#### **6.3.8.5. Projeto de Vida**

No decorrer dos encontros, buscou-se construir junto com a participante um Projeto de Vida.

Na época da elaboração da atividade Sonhadora apontou que os maiores desafios

que tinha para superar eram o “*desemprego e (a baixa) qualidade da internet*”, esses dois problemas formavam um nó por buscar enfrentar a falta de emprego pelos “*aperfeiçoamentos através de cursos on-line*”. A contradição de a internet ser concomitantemente um campo de problema e uma fonte de solução, seria a síntese dialética entre o seu contexto e as medidas restritivas do enfrentamento à pandemia da COVID-19.

Considerou que para alcançar os seus objetivos possui “*determinação, otimismo e entusiasmo*”, e “*ser mais comunicativa e aprender trabalhar sobre pressão*” são habilidades a serem melhor desenvolvidas, sendo que familiares, amigos/as e professores/as foram apontados/as como integrantes de sua rede apoio.

A curto prazo sua meta era em “*dez/20 conseguir bolsa na faculdade*”, a médio prazo até “*dez/2021 estar cursando a faculdade*”, e em longo prazo almejava-se a conclusão do curso até “*dez/25*”, revelando como o Ensino Superior passou a ter um papel central em sua vida.

### **6.2.9. Síntese Sonhadora**

Sonhadora tem 34 anos, é do sexo feminino, cisgênero, branca, heterossexual, solteira e considera-se introvertida, busca superar sua timidez, realizar seus sonhos e ser uma fonte de inspiração para a sua família.

Os avôs eram trabalhadores rurais e as avós donas de casa, ambos não concluíram o Ensino Fundamental e se separaram quando ainda era muito pequena. Tinha uma boa relação com pai que passou a residir no estado de Pernambuco, sendo criada junto com os quatro irmãos pela mãe que na época da entrevista tinha 69 anos e estava aposentada.

Mesmo não sentindo-se estimulada pela família a seguir com os estudos, concluiu o Ensino Médio, realizou cursos técnicos, fez o ENEM obtendo a pontuação necessária para cursar Dança na UNICAMP, porém, não foi possível iniciar o curso, devido à falta de políticas públicas para garantir sua permanência estudantil, suprimindo suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e renda mínima para usufruir de seu direito.

As baixas condições socioeconômicas dificultaram a possibilidade de transformação da realidade da sua família, razão pela qual começou a trabalhar ainda na puberdade. Durante seu trabalhar, foi sentindo-se solitária e uma pressão externa (mercado de trabalho) a empurrava para a competitividade de acumular aperfeiçoamento profissional na busca por emprego.

Trabalhou em diversos lugares, os quais impactaram seus desejos, sonhos e projetos de futuro de vida que giravam em torno do momento que estava vivenciando e internalizando de forma acrítica os signos (discursos e imagens) e as necessidades produzidas nesses locais de trabalho, onde alguns ainda eram insalubres proporcionando stress, desmotivação e baixa autoestima, tomando consciência dos impactos psicossociais desses lugares somente após a saída desses contextos.

Na época da entrevista trabalhava em eventos de buffet, porém, devido as medidas restritivas no combate à pandemia da COVID-19 os eventos foram suspensos e estava sem fonte de renda, residia com a mãe e estava dedicando-se aos estudos pretendendo cursar uma faculdade de Dança. A construção social do seu projeto individual mostra-se em seu desejo de realizar uma trajetória diferente dos pais tornando-se uma referência de luta, otimismo, perseverança, superação e conquistas através do estudar para trabalhar.

As atividades do cursinho popular e do POP On-line auxiliaram-na a lançar um novo olhar sobre si e o mundo, passando a refletir de forma mais crítica sobre seus pensamentos e comportamentos fossilizados<sup>7</sup>, produzindo novas significações.

### **6.3. Informações sobre Meyri**

Meyri tem 17 anos, é do sexo feminino, cisgênero, branca, heterossexual, namora e está cursando o 3º ano do Ensino Médio, reside com o pai de 52 anos que trabalha como vigilante, com a mãe de 47 anos que está desempregada e a sua irmã mais nova. A renda *per capita* é de um salário mínimo. Tem muita vontade em passar pela experiência do primeiro emprego, deseja cursar Psicologia, mas ainda tem dúvidas sobre essa escolha.

Toda a família foi contaminada pelo novo coronavírus, porém, sem sintomas graves.

Realizou o POP no formato on-line em 2020 participando de nove encontros de um total de dez.

---

<sup>7</sup> De acordo com Bernardes (2010), comportamento fossilizado refere-se aos “elementos da conduta humana organizados pela própria historicidade da vida em sociedade. São comportamentos instituídos na sociedade que se perpetuam nas relações entre os homens e se transformam ao longo da história da produção humana e das relações de classe” (p. 308).

### 6.3.1. Indicador I: *Não me sinto capaz de alcançar os cursos que desejo*

Neste indicador reunimos os trechos referentes ao tema da escolha profissional, desejos, anseios, dúvidas, medos e os impactos das relações afetivas em seus processos de escolha e tomadas de decisões.

Meyri narra que “*quando era mais nova eu tinha muita vontade de ser médica*”, pois “*achava que era super fácil*” estudar e se formar, porém, no Ensino Médio percebeu que “*entrar em Medicina não seria impossível né, mas que eu teria que ter um, é ter um esforço muito grande . . . eu fiquei meio perdida, não sabia direito o que eu queria*”.

Em meio a “*várias opções nenhuma se encaixava aí eu comecei a cogitar a hipótese de fazer Psicologia*”, mesmo achando uma “*uma coisa muito abstrata*”, mas despertava-lhe o interesse a “*questão de trabalhar com humanos*”, pois, “*gosto muito de me comunicar com as pessoas . . . eu não quero trabalhar numa coisa que fique sei lá parada de frente para o computador o dia inteiro, resolvendo os processos burocráticos*”.

Sua tia começou a cursar Psicologia e “*a falar eee, dos assuntos que ela estudava, dos filmes que assistia e a importância do psicólogo, e eu comecei a me interessar*”, porém, tem “*muito medo de começar estudar uma coisa, é escolher uma profissão e depois eu ver que não era que eu imaginava*”, nunca teve contato com nenhum/a Psicólogo/a, mas percebe a importância de “*ter alguém assim para conversar, meio que desabafar sobre a vida, saber que aquela pessoa é um profissional, que ela não vai te julgar em nenhum momento*”, mas ainda tem dúvidas sobre a escolha e está “*pensando antes em fazer Recursos Humanos*”, pois seria “*um curso rápido eu vou poder fazer a faculdade a nota de corte mais baixa . . . acredito que seja um curso mais fácil*”, para “*começar a trabalhar na área*”, pois os “*pais não tem condições de pagar a faculdade*”, e caso não consiga bolsa, “*eu teria que pagar e a faculdade de Psicologia é bem mais caro que Recursos Humanos*”.

A duração de um curso de cinco anos traz insegurança “*ah será que eu vou aguentar a faculdade?*”, já “*Recursos Humanos é um curso muito rápido de dois anos, mesmo que eu goste ou eu odeie, ele vai passar rápido*”, assim, “*eu fico pensando que eu não faria Psicologia talvez fosse por medo, de achar que eu não seria capaz de entender a matéria, de conseguir acompanhar . . . minha vontade é mais sobre essa área Psicologia e talvez Recursos Humanos fosse uma zona de conforto*”.

Meyri foi realizando suas escolhas profissionais embasada com poucas informações que possuía e reavaliando suas decisões à medida que se deparava com os obstáculos, desistiu da ideia de fazer Medicina por enxergar esse curso como algo muito difícil de ser alcançado e realizado, interessou-se por Psicologia a partir dos diálogos com sua tia graduanda, mas novamente sentia como alto o nível de exigência do curso que também se apresenta como oneroso, em meio a dúvidas pensa em fazer um curso de menor duração e aparentemente de rápida inserção no mundo do trabalhar.

### **6.3.2. Indicador II: O reconhecimento é fundamental para autorrealização.**

As vinhetas que narram sobre temas pertinentes a realização dos sonhos de Meyri estão agrupadas nesse indicador, seus sentidos e significados e o papel destes em sua vida e a forma como buscar realizá-los.

Sobre seus sonhos Meyri diz querer “*sentir completa, na minha vida profissional, na minha vida amorosa, familiar, assim feliz por completo*”, ou seja, “*conseguir fazer o que eu queria, conseguir alcançar meus objetivos*”, e para tanto precisaria se “*formar na faculdade, tá atuando na minha profissão*”, tem o desejo de “*fazer essa diferença na vida das pessoas também . . . . saber que eu vou poder ajudar ela de alguma forma*”, sendo que seus sonhos incluíam a “*vontade que pessoas me reconheçam assim, pelo que eu faço . . . elas lembrem com adjetivo bom sabe . . . eu queria muito ser um exemplo*”.

Os temas dos sonhos de Meyri podem ser subdivididos categoricamente entre Estudar e Trabalhar, os quais mesmo sendo direitos garantidos pela Constituição da República de 1988, ambos são sentidos como muito difíceis de serem realizados, destaca-se que a autorrealização está atrelada somente a profissão de Psicóloga por possibilitar a relação intersubjetiva de reconhecimento do/a Outro/a, o estado de plena felicidade seria o resultado acumulativo do sentimento de completude em diversas áreas de sua vida, as quais apresenta de forma idealizada e dicotomizadas entre si, não compreendendo o trabalhar de forma relacional como proposto por Blustein (2011), onde as relações dentro e fora do trabalhar são reciprocamente influenciadas entre si.

### **6.3.3. Indicador III: O ensino on-line aumentou as desigualdades sociais**

Neste indicador foram reunidos os trechos sobre as dificuldades encontradas para estudar no formato on-line em três instituições diferentes: o cursinho da Rede Emancipa,

a escola pública regular e o cursinho de uma instituição filantrópica, identificando-se somente com esse último.

Antes da pandemia, Meyri tinha uma rotina de estudos, porém, no formato on-line não conseguiu prosseguir com essa prática “*estava estudando de manhã, só que agora como tá ensino on-line, atividades remotas, **continua sendo de manhã**, mas, mas assim . . . **posso fazer** de manhã, à tarde, posso fazer no final de semana*”. No ano de 2020 tinha muitos planos para trabalhar e estudar “*eu já queria **estar trabalhando** na verdade . . . **vontade de começar a trabalhar** como Jovem Aprendiz*”. Se inscreveu no cursinho da Rede Emancipa “*eu queria estudar até o, sei lá, até o primeiro semestre todo, se eu vir que tô, **que eu consegui me adaptar, estudar, eu ia continuar***”, mas teve dificuldades em prosseguir com os estudos no cursinho durante a pandemia “*eu tava **me inscrevendo um monte de coisa**, aí tava **todas as atividades paradas**, sabe aqueles programas de Jovem Aprendiz estavam todos parado . . . **ia começar as aulas, começou a pandemia e começou tudo on-line . . . eu tinha muita dificuldade** assim de ver conteúdo, de acessar os conteúdos, **porque era muita coisa, muita coisa***”.

Em meio a tanta atribulação, o cursinho “*ajudou na questão de assim de planejamento assim de **saber as matérias que vai cair, que possa cair, saber o que eu devo estudar, essas coisas***”, mas sentiu falta de “*os **professores todos poderiam fazer uma chamada . . . fazer algum tipo de dinâmica. . . uma linguagem mais moderna** para que sei lá, pudesse chamar a **atenção dos jovens** sabe, para eles se interessar em participar*”.

Depois de algum tempo, as aulas no ensino regular também iniciaram no formato on-line “*os professores também estavam se adaptando, ele estavam passando muita coisa*”, Meyri passou a sentir-se sozinha durante seu estudar de forma remota no cursinho do “*Emancipa meio que eu via tipo como se eu tivesse que **estudar sozinha** sabe, os professores mandavam assim o conteúdo, e eu acesse para estudar, para fazer exercícios*”. A falta de laços mais curtos em suas relações intersubjetivas culminou em sua saída do cursinho indo para uma instituição filantrópica onde sentiu que o formato on-line proposto supria suas necessidades “*eu tô **conseguindo aproveitar mais e a tarde toda e tem professor lá, tem que responder chamada, o professor dá 50 minutos cada aula, aí ele explica tirar suas dúvidas, tudo de forma on-line***”.

Algumas dificuldades interpessoais, porém, permanecem como sua timidez ao se relacionar com os/as professores/as “*ainda mais na **escola pública . . . eles** (professores/as) **passam lições e você tem que responder, e assim se você tiver alguma***



*dúvida* você tem que **mandar um e-mail** para o professor, então assim, é uma coisa **muito abstrata** sabe”. Interpretamos o signo abstrato como a falta de uma relação concreta com seus/as professores/as.

Para conseguir realizar suas atividades, Meyri tem um computador que “às vezes, vive dando uns probleminhas . . . minha internet é boa, só que às vezes, **acontece de cair**”. Aponta que a sua maior dificuldade no momento é

*do acesso on-line . . . em relação a estudo mesmo . . . já é muito difícil já quando a pessoa é assim de **baixa renda estudar** para entrar na faculdade, a **defasagem** que eu tenho **no meu ensino** é assim **gigantesco coisas que já era para eu saber há tempos**, e com o **ensino on-line** isso só eee, meio que **enfatizou mais . . . eu acho que a maioria dos jovens** assim da minha idade que estão no terceiro ano também **estão passando muito por isso**.*

Meyri tinha muitos planos para o ano de 2020, a maior parte envolvendo o trabalhar e o estudar, porém, durante a pandemia as possibilidades de trabalhar quase que se extinguiram e as dificuldades para estudar on-line remota foram colossais. O ensino remoto demonstrou não ter um único formato e possuir particularidades de acordo com a instituição que o realiza, por vezes, não sendo homogêneo dentro da própria instituição, o cursinho da Rede Emancipa e a escola regular foram lugares onde Meyri sentiu um distanciamento por parte dos/as docentes, somado a falta de bons recursos tecnológicos, tudo isso impactou de forma negativa o seu estudar, levando a frustração e desmotivação, porém, Meyri encontrou uma instituição filantrópica com a qual se identificou e sentiu-se acolhida em suas necessidades, essa sucessão de eventos negativamente impactantes, são exemplos do aprofundamento das desigualdades sociais já existentes no país.

#### **6.3.4. Indicador IV: A orientação profissional transformou a forma como me vejo**

Neste indicador estão reunidos os trechos sobre as vivências de experiências, o sentido atribuído à estas, os conhecimentos adquiridos e as mudanças psicossociais ocorridas durante o POP on-line.

A experiência de realizar o POP on-line proporcionou reflexões subjetivas em busca de conhecimento sobre o mundo das profissões e de autoconhecimento “**gostei porque eles fizeram atividades, que fizeram que a gente despertasse o interesse sabe, em pesquisar mais sobre aquela profissão que você acha que gostaria, sobre conhecer outras áreas também**”.

Nos encontros eram apresentadas informações até então desconhecidas por Meyri, como “*curso Técnico, de graduação, pós, licenciatura tipo esclareceu muitas dúvidas minhas, isso me ajudou bastante*”, sentiu que o formato on-line não possibilitou a socialização e troca de experiências com os/as outros os/as Orientados/as “*eu acho que se fosse presencial talvez eu sentiria mais isso, vários alunos participassem, tivesse roda de conversa todo mundo pudesse se abrir, ver exemplos de outras pessoas infelizmente não é, não tinha esse alcance*”.

Nas datas combinadas dos encontros quando “*quando o psicólogo, ele mandou mensagem* (no grupo do WhatsApp), ‘*gente vai começar*’ e eu vi que *ninguém, falou nada, ninguém, ninguém, ninguém, aí eu falei “meu Deus eu vou entrar sozinha?” e aí eu chamei uma amiga pra entrar comigo*”, sendo essa a forma que Meyri encontrou para superar a timidez e poder realizar o seu objetivo de participar do POP on-line “*era só eu e ela e os dois psicólogos . . . essa Orientação Profissional era uma coisa que eu tinha interesse em fazer e daí eu fui*”. Porém, caso fosse uma aula de “*exatas, Química, Matemática, Física . . . mesmo que eu quisesse, às vezes, eu falava “ah, mas vai ficar só eu? Ah, melhor não, deixa para lá*”.

Ressalva que a falta de participação dos/as demais estudantes está para além das competências do Psicólogo responsável “*eu acho que não dependeria dele*”, porém, mesmo nesse formato on-line a intersubjetividade da relação Orientador-Orientanda produziu mudanças subjetivas significativas para Meyri, contribuindo para o autoconhecimento, diminuição da autocobrança e aumento da autoestima,

*acho que uma coisa que fez eu mudar bastante . . . na hora não conseguia pensar em muitas coisas que eu era boa sabe, aí mostra um pouco da insegurança que eu tenho . . . depois disso comecei a prestar mais atenção . . . eu não sou ruim em tudo . . . aí eu comecei a ser mais gentil comigo mesma.*

A análise da narrativa demonstrou que os encontros intersubjetivos no formato remoto produziram transformações qualitativas na subjetividade de Meyre, mudando a forma como *se vê* no mundo, valorizando suas habilidades, capacidades e passando a analisar de forma um pouco mais crítica os limites impostos por seu sentimento de insegurança, o qual diminuiu devido ao aumento de sua autoestima. O fornecimento de informações sobre o mundo do estudar e do trabalhar demonstrou ser fundamental para o processo de escolha profissional de Meyri.

### 6.3.5. Indicador V: Estudar on-line durante a pandemia foi adoecedor

Neste indicador agrupamos os temas que narram como estudar on-line, a falta de apoio familiar e as incertezas do futuro impactaram insalubremente a participante.

Durante sua narrativa Meyri revelou que as maiores dificuldades em conseguir realizar seus objetivos eram

*as incertezas e tá muito, sei lá, ainda mais com essa questão de educação que no momento é o que mais está mexendo comigo porque eu sou do terceiro ano, vou fazer vestibular, então, meio que acaba cobrindo todas as áreas da minha vida sabe.*

A discursão do governo federal e do Ministério da Educação sobre o adiamento ou não do ENEM 2020, atravessaram negativamente o seu estudar, gerando ansiedade e insegurança:

*o ENEM é no começo, ia ser adiado ou não? . . . e eu não estou aprendendo nada na escola . . . e agora a questão do ProUni . . . o ministro da educação disse que ia ter algumas mudanças, aí eu já fico meio assim insegura.*

Neste cenário, sente a falta de alguém “*que saiba me orientar . . . por isso eu sinto falta da escola está presencialmente porque sempre tinha um professor ou outro que chegava orientava ‘gente é assim, assim’*”.

Com relação ao apoio da família, sente que “*eles tentam assim colaborar, mas às vezes, . . . é muito difícil se concentrar, aí eles querem conversar ou ligar televisão e tudo mais e aí isso acaba atrapalhando . . . às vezes, não tem uma compreensão de ambos os lados*”. A estrutura da casa da entrevistada é pequena e impossibilita uma maior privacidade para estudar “*divido o meu quarto com a minha irmã . . . é do lado da sala, aí as pessoas ficam conversando na sala . . . é chato qualquer coisinha já dispersa*”.

A falta da antiga rotina de estudos, de um apoio maior por parte da família colaboram no aumento do sentimento de insegurança e do nível de stress:

*tô muito estressada esses dias, muito, muito, muito, muito, muito (sorrisos) (silêncio) parece que as pessoas não entendem sabe, e eu também me sinto muito insegura às vezes, será que eu vou conseguir? Será que estou fazendo as coisas certas para isso? (chora).*

Diante da forte emoção de Meyri, foi informado e oferecido o serviço de psicoterapia on-line da Rede Emancipa, “*eu tenho interesse sim, . . . eu sempre tive*

*vontade de fazer terapia, mas só que pelo preço né, aí às vezes, eu ficava “ah não, não tenho dinheiro deixa para depois” . . . só que eu acho que eu preciso assim no momento”. Sente que essa seria a oportunidade de conhecer melhor a futura profissão que pretende seguir “para mim saber como é que funciona sabe, porque eu quero trabalhar na área”, porém, ressalva que a sua “**realidade, é de uma aluna que está surtando** (risos) . . . com muita **dificuldade de aprender as coisas, oh sabe, eu tô muito estressada, ainda mais pro ficar em casa”**”.*

A mudança de rotina imposta pelas medidas protetivas e a convivência com a irmã mais nova destacam-se como elementos estressores “*a minha irmã também saía fazia curso, quase não ficava junto, e agora a gente fica junto sim 24 horas por dia, isso acaba, é bem estressante*”. “*Eu tenho falta mesmo da minha rotina, de poder sair mesmo pegar o ônibus e ir para escola, ter uma rotina sabe*”, porém, mesmo com essas restrições seu “*pai, ele sai para trabalhar e aí a gente acabou ficando doente, a gente testou positivo todo mundo aqui casa . . . só que assim foi sintomas superleves*”.

Meyri está vivenciado a sua adolescência, a qual é constituída na contradição de não mais ser uma criança, mas ainda não ser uma adulta, situação que produz significativos impactos psicossociais como instabilidade e busca por identidade (Aguiar, Bock, & Ozella, 2007). As incertezas do futuro impostas pela pandemia foram intensificadas pelos discursos desarticulados entre Educação e Saúde de representantes do Estado colaboraram para o aumento da insegurança diante do enfrentamento dos desafios necessários a serem superados para realização de seus objetivos e sonhos, afetando de forma negativa a sua autoestima, sentindo-se desamparada, perdida e, por vezes, não compreendida por sua família, a qual foi toda contaminada pelo novo coronavírus através do seu pai que em nenhum momento da pandemia parou de trabalhar, demonstrando como a classe trabalhadora ficou impossibilitada de seguir as recomendações protetivas recomendadas pelos Órgãos nacionais e internacionais de Saúde.

A aproximação entre os membros familiares durante a quarentena foi uma experiência, por vezes, muito estressante, colocando em evidência conflitos familiares já existentes. Os baixos recursos tecnológicos e a falta de privacidade para estudar com uma boa qualidade no formato on-line, colaboram para a elevação dos níveis de stress produzindo um ciclo que se autoalimenta da frustração pelas tentativas de estudar. O auxílio psicológico já era desejado por Meyri, que vinha “*deixando para depois*” por sentir que seria algo oneroso e inacessível.

### 6.3.6. Síntese de Meyri

Meyri é uma jovem de 17 anos do sexo feminino, cisgênero, branca, heterossexual, na época da entrevista namorava e cursava o 3º ano do Ensino Médio no formato on-line devido as medidas restritivas de combate à pandemia do novo coronavírus. Vinha buscando superar os obstáculos que atravessavam o seu estudar, os quais eram diversos e complexos como a falta de privacidade, de bons recursos tecnológicos para estudar em casa, além da dificuldade em acompanhar a didática dos/as professores/as do ensino regular e do cursinho no formato on-line, os quais também estavam passando por dificuldades no exercício de suas atividades laborais, toda essa situação produziu estresses, frustração, baixa autoestima, podendo levar ao adoecimento somado ao acúmulo de outros fatores como a conjuntura educacional política e sanitária do país, o momento psicossocial de seu desenvolvimento, os conflitos nas relações familiares, a impossibilidade de realizar seus projetos e o luto pela perda da rotina antes pandemia.

Realizou suas predileções profissionais sem uma profunda análise sobre as multideterminações de sua escolha, reavaliando suas decisões à medida que se confrontava com desafios que percebia como difíceis de superar, sentindo-se insegura em relação ao futuro, entrando em contato com o medo de não se identificar com o curso de Psicologia, o qual é sentido como exigente, oneroso e distante, passando a utilizar como critérios para sua escolha profissional o tempo de duração da graduação e a aparente rápida inserção no mundo do trabalho, não sendo necessário uma identificação com o futuro ofício.

Dessa forma, distancia-se da profissão onde projetava sua possível autorrealização e se aproxima do que lhe parece ser a síntese possível da relação dialética entre seu sonho e seu contexto sócio-histórico, onde o trabalhar tem o objetivo de garantir as condições básicas para sobrevivência e não de autorrealização com a profissão que aconteceria partir do reconhecimento do/a/s Outro/a/s.

Mesmo em meio a tantas atribulações, Meyri conseguiu ter momentos significativos no cursinho, entre esses a participação no Processo de Orientação Profissional, aprofundando-se em seu autoconhecimento, passando a ter mais contato com o mundo do estudar, do trabalhar e experienciando algumas mudanças subjetivas que elevaram a sua autoestima.

#### 6.4. Informações sobre Mônica

Mônica, tem 17 anos, é do sexo feminino, cisgênero, parda, solteira, heterossexual, na época da entrevista estava aproximadamente a oito meses desempregada, antes havia atuado como estagiária no Tribunal de Justiça da cidade de São Paulo, reside com os pais e o irmão caçula de seis anos de quem cuida durante o dia, sendo a renda familiar bruta entre R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00. Sua mãe tem 43 anos e trabalha como doméstica, o pai possui entre 45, 46 anos e trabalha como pedreiro, ambos possuem o ensino fundamental incompleto.

Realizou o POP no formato on-line em 2020, participando de oito encontros de um total de dez.

##### **6.4.1. Indicador I: *Tenho minha profissão dos sonhos, mas preciso escolher outra para ter renda***

Neste indicador encontram-se os temas referentes ao desenvolvimento do processo de escolha profissional de Mônica, envolvendo o autoconhecimento e os impactos do seu contexto sócio-histórico.

O primeiro trabalho de Mônica aos 17 anos foi como estagiária no Tribunal de Justiça da cidade de São Paulo, motivada pela novidade do contexto na qual se encontrava e pela falta de referências laborais anteriores a jovem pensava em cursar Direito. As atividades do POP on-line, porém, lhe proporcionaram refletir sobre esse desejo “*eles fizeram me conhecer mais . . . agora, agora eu sei dos meus gostos, eu conheço mais quem é a Mônica*”, pode ter um maior conhecimento sobre cursos e profissões “*eu percebi que não gostava de fazer Direito*”, e passou a se interessar em “*fazer marketing, mas ainda tenho dúvidas sobre isso*”, por ser um curso que “*envolve a criação isso me chama muita atenção*”. Porém, antes de obter maiores informações sobre o curso dizia que “*eu não vou fazer marketing . . . não é pra mim isso daí não*”, e após um contato mais próximo sobre as características do curso foi se identificando e percebendo suas qualidades “*fui amadurecendo, fui vendo no que eu era boa*”.

Durante esse percurso pediu “*muitos conselhos também para gente que me conhece*”, que apontaram que ela “*se daria bem no Marketing*”. Reconhece que “*foi um pouco por influência*”, sente que está se “*descobrimdo ainda*”, e ressalva que fez uma pesquisa sobre o curso “*bem por cima mesmo*”, motivos pelos quais não descarta a

possibilidade de *“vai que eu mudo de ideia né”*. Demonstra o desenvolvimento da construção do seu processo de escolha, no qual sente-se intimidada ao se imaginar em cursos que considera com alto nível de exigência *“eu não teria tanta criatividade para mexer com publicidade e propaganda”*, e aponta que o seu sonho é *“me formar, abrir um estúdio em cima da minha casa própria”*.

A realização de um curso superior, independentemente de qual seja, parece ser um sonho em si. Sua narrativa aponta uma dissociabilidade entre a profissão dos sonhos e uma outra para adquirir outros sonhos como moradia e suprir as necessidades básicas de sobrevivência *“quero trabalhar com outra coisa e aos finais de semana quero trabalhar com maquiagem . . . eu me sinto bem trabalhando com isso”*. Em seu perfil do WhatsApp se apresenta como “maquiadora e designer de unhas”, demonstrando uma identificação com a profissão que já atua esporadicamente *“algumas pessoas me chamam pra, pra fazer maquiagem sabe, quando vão em alguma festa”*.

#### **6.4.2. Indicador II: A Orientação Profissional me fez criticar meus gostos para me conhecer melhor**

As vinhetas referentes a forma como o POP auxiliou a participante em seu processo de escolha profissional estão reunidas nesse indicador.

Em sua narrativa Mônica conta que o POP lhe estimulou a seguir seus gostos, suas preferências *“eles (Psicólogos/as) sempre falaram para a gente fazer o que a gente realmente queria, sabe?”*, ressaltando que *“não adiantava a gente trabalhar com alguma coisa que seria só por interesse”*. Interpretamos o significante “interesse” como “dinheiro”, ou seja, é importante que o trabalho além da remuneração salarial também proporcione uma autorrealização, assim, a participante passou a perceber *“que antes da gente pensar em . . . fazer tal faculdade, a gente tem que ver o porquê a gente quer fazer aquilo”*.

Durante os encontros do POP on-line foi possível desmistificar mitos sobre profissões *“eles esclareceram muitas dúvidas que eu tinha”*, e auxiliar no processo de autoconhecimento *“eles fizeram me conhecer mais . . . agora eu sei dos meus gostos, eu conheço mais quem é a Mônica”*, conhecimento que lhe foi útil para refletir sobre as escolhas que havia feito antes de iniciar o POP on-line *“eu percebi que não gostava de fazer Direito”*. Entendemos que o interesse pelo curso de Direito se deu por conta do seu trabalho de estagiária no Tribunal de Justiça, demonstrando como o contexto sócio-

histórico no qual a pessoa está inserida no momento da sua escolha profissional faz parte das multideterminações que impactam o processo.

As informações sobre os cursos universitários também foram importantes para novas tomadas de decisões “*fiquei muito tempo em publicidade propaganda aí depois eu conheci a área do marketing e me interessei bastante*”, porém, “*ainda tenho dúvidas*” por seguir essa área, justamente por reconhecer que ainda não se aprofundou sobre os detalhes pertinentes ao curso.

#### **6.4.3. Indicador III: Nunca parei para pensar na minha raça/etnia**

Durante o preenchimento de seus dados pessoais Mônica teve um estranhamento ao ser questionada sobre sua raça/étnica, aos 17 anos de vida, até então, nunca havia dialogado e refletido sobre o tema, “*a minha raça? (olhar reflexivo) Tipo a minha cor? Essas coisas?*”, possivelmente esse estranhamento pode ser devido a esse assunto não ser alvo de discussão em seus grupos sociais, como família, escola e entre amigos/as, “*eu nunca parei para pensar nisso* (silêncio, fisionomia reflexiva)”, tendo dificuldade em atribuir sentido ao signo raça/etnia “*ah, eu acho que sou parda, não sei* (risos), (silêncio) *que pergunta difícil*”, demonstrando uma falta de conscientização racial e que pode comprometer a forma como *vê e se vê no mundo* (Fanon, 2008).

#### **6.4.4. Indicador IV: Foi traumático estudar durante a pandemia sem ajuda de ninguém**

Neste indicador encontram-se os temas envolvendo o estudar durante a pandemia, as dificuldades enfrentadas e a forma como lidou com a situação.

No formato presencial, Mônica sentia-se “*uma ótima aluna . . . me dedicava muito . . . sempre queria ta tirando nota alta*”, no entanto, experienciou severas frustrações no EaD “*estudar no meio da pandemia foi um trauma*”, cujas, vicissitudes produziram um sentimento de culpa por não alcançar seus objetivos. De forma não aprofundada reconhece “*que nada sem o auxílio de alguém . . . dá certo*”, sentiu muita falta do “*apoio das minhas amigas também quanto dos professores*”, por terem uma cobrança positiva “*eles pegavam no pé*”, e sente que a família não conseguiu auxiliá-la em seus estudos “*em casa não tem toda essa cobrança, sabe*”, e o cursinho no formato on-line “*não mim agregou tanto estudando em casa*”, pois os próprios/as professores/as “*não conseguiram se adaptar as aulas on-line, foi meio complicado para todo mundo*”,



assim, a necessidade de estudar não encontrou o objeto que motivasse a realização desta atividade.

#### **6.4.5. Indicador V: A pandemia obrigou a convivência em família onde cada um fica em seu canto**

A dinâmica do grupo familiar e a relação com seus pais e o irmão estão organizados neste indicador.

Em sua residência que *“não é uma casa assim muito barulhenta”*, possui seu *“espaço que é o meu quarto”*, onde tem *“total privacidade para estudar”*, sente que tem *“colaboração dos meus pais pra isso . . . principalmente da minha mãe”*, porém, tem dúvidas sobre o apoio do *“meu pai não sei”*, sentindo-o como uma figura distante *“eu não tenho convivência com meu pai”*, autoritária e cerceadora *“o meu pai nunca, nunca me deu esse espaço para sair”*.

Mônica acredita que o período de pandemia foi uma oportunidade para família se unir, pois o trabalho ocupa muito tempo de vida dos pais *“meu pai nunca tá em casa e minha mãe sempre tá trabalhando”*, porém, *“foi muito difícil lidar com a convivência deles dentro de casa”*, onde teve que *“aprender a lidar com, com estresse de todo mundo, com as alegria, com as emoções”*, demonstrando como as relações interpessoais do grupo familiar estavam esvaziadas de diálogos e, conseqüentemente, de trocas intersubjetivas, findando em uma espécie de estranhamento e desconhecimento entre as pessoas *“não sei explicar, mas foi uma coisa diferente sabe, que eu nunca tinha experimentado”*, ficando *“cada um para o seu lado como sempre”*. Tudo isso produziu *“muita vontade de sair da casa dos meus pais”*, porém, a falta de trabalho impossibilita as condições mínimas necessárias para essa ação, por esse motivo, sonha em *“ter minha casa própria”*.

Junto ao seu irmão caçula possui algumas responsabilidades *“ele fica aqui comigo aí os meus pais saem para trabalhar de manhã”*, por isso, precisa organizar seu tempo com suas atividades e os cuidados ao irmãozinho *“às vezes, eu tenho que parar para dar comida . . . dar banho”*, ressalta que esses cuidados *“não é uma coisa que que tira meu foco não”*, porém, esse pode ser um dos determinantes da procrastinação de seus estudos *“amanhã eu começo, amanhã eu tenho certeza!”*

#### 6.4.6. Síntese Mônica

Mônica, tem 17 anos, é do sexo feminino, cisgênero, solteira, heterossexual, reside com o irmão caçula de 6 anos, a mãe de 43 anos trabalhadora doméstica e o pai que tem entre 45, 46 anos é pedreiro, ambos possuem o ensino fundamental incompleto e a renda familiar bruta é entre R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00.

Autodeclara-se parda, mas nunca havia parado para pensar sobre sua raça/etnia, possivelmente por esse tema não ser alvo de discussão dentro de seus grupos sociais como família, escola e amigas/os, ou seja, a falta de dialogar sobre o assunto, impossibilita a produção de uma consciência racial através das relações dialéticas intersubjetivas. Pensar sobre a própria raça/etnia, enquanto, pessoa negra, é refletir criticamente sobre o lugar psicossocial que historicamente é determinado pelas e nas relações sociais, podendo refutar (ou não) esse lugar, buscando transcendê-lo (S. Almeida, 2018; Davis, 2016; Fanon, 2008, Gonzales, 2020).

Seus planos, metas e objetivos de vida a curto e médio prazo foram atropelados pela pandemia, os meios de combate e prevenção sanitária trouxeram uma nova realidade com escolas fechadas e o EaD demonstrou ser complexo e limitador para Mônica, sendo traumático estudar durante a pandemia, sentindo-se desamparada pelos/as professores/as e colegas em seus estudos, os/as quais faziam cobranças positivas diferentemente do seu grupo familiar, mesmo no cursinho da Rede Emancipa não sentiu que conseguiu ser ajudada e, possivelmente, seguindo uma ideologia neoliberal e meritocrática internalizada, tomou para si a responsabilidade desses processos, individualizando suas dores e sofrimento.

Sente a convivência familiar como frustrante e estressora, tendo sentimentos ambíguos pelas figuras parentais, sobre o pai em particular tem dúvidas sobre o seu apoio, sentindo-o como uma figura autoritária, razão pela qual deseja adquirir uma casa própria para sair da residência dos pais, porém, o desemprego é o grande obstáculo a ser superado.

O estúdio de beleza em cima da casa própria não é uma imagem incomum nas periferias e a ideia de trabalhar em dois locais demonstra de como são concretos os sonhos da juventude periférica e do esforço necessário para sonhar, podendo levar esses/as jovens a sentirem seus sonhos como algo muito distante, inalcançável e não pertinente de ser discutido dentro do espaço de OPC, onde o/a Orientador/a Profissional deve buscar conhecer o contexto sócio-histórico dos/as orientandos/as para juntos elaborarem Planos de Ação factíveis com suas realidades.

Quando era estagiária no Tribunal de Justiça pretendia fazer Direito, porém, declinou da ideia a partir dos encontros realizados no POP, onde conseguiu sanar dúvidas com relação ao mundo do estudar, do trabalhar, das profissões, e de aprofundar-se em seu autoconhecimento, refletindo sobre seus preconceitos e valores. Cogitou em cursar Publicidade e Propaganda e desistiu por acreditar não estar no nível de exigência de criatividade exigida na graduação, optando pelo curso de Marketing, o qual percebe como menos exigente, porém, ainda tem dúvidas sobre essa profissão, interpretamos essa “dúvida” como possível indicador de uma conscientização crítica sobre a própria escolha.

O período de quarentena produziu impactos psicossociais significativos, razão, pela qual Mônica foi encaminhada a buscar o serviço de Apoio Psicológico da Rede Emancipa devido ao acesso facilitado por sua condição de estudante, diferente da possível fila de espera que encontraria no acompanhamento psicoterapêutico gratuito oferecido pela USP.

### **6.5. Informações sobre Ana**

Ana, tem 22 anos, é do sexo feminino, cisgênero, branca, heterossexual, na época da entrevista estava namorando, pretendia casar-se no futuro, e fazia o curso de Serviço Social, realizando estágio obrigatório sem remuneração. Teve seu primeiro emprego como vendedora em um quiosque de perfume, posteriormente trabalhou em uma agência bancária e depois em um serviço de telemarketing antes de iniciar os estágios.

Sua renda *per capita* era de R\$ 783,75, residia com a mãe de 59 anos, a qual possuiu o Ensino Médio incompleto e trabalhava como empregada doméstica, e com irmão de 28 anos, dependente químico. Tem mais um irmão que é casado, e duas irmãs, uma também de 28 anos e outra de 24 anos residente em Curitiba.

Os pais se separaram quando tinha 10 anos, considera que sua mãe tinha um relacionamento abusivo e seu pai era autoritário e ausente, ele constitui uma outra família com filhos e se veem mais ou menos uma vez por ano. Ana não tem certeza se ele é aposentado, possui o Ensino Fundamental incompleto e tem aproximadamente 50 anos.

Ana participou de todos os encontros do POP realizados de forma presencial em 2015.

### **6.1.1. Indicador I: Consciência crítica como determinante de uma boa escolha profissional**

Neste indicador estão reunidos os trechos da narrativa de Ana sobre seu processo de escolha profissional, demonstrando como sua forma de se relacionar com o seu contexto sócio-histórico foram determinantes na construção de uma análise crítica à sua realidade e conseqüentemente no processo de sua escolha profissional.

Para Ana, sua escolha profissional **“foi um processo foi bem demorado”**, aos 16 anos estava no **“segundo ano do ensino médio”**, mesma época em que iniciou os estudos no cursinho da Rede Emancipa e ao chegar **“no final do ano eu ainda não sabia o que eu queria”**, mesmo sem ter escolhido um curso **“prestei vestibular, mas fui só para tentar”**.

Já no ano seguinte **“eu já estava muito envolvida com trabalho da Rede Emancipa . . . eu lembro que nesse ano, no terceiro ano do Ensino Médio já tinha Orientação no cursinho e daí teve todo o processo”**. Nessa época, passou a **“perceber quais eram as demandas que os estudantes do cursinho traziam e como aquilo se repetia muitos entre eles”**, eram casos de **“constante de desigualdade, de problemas de violência, etc.”**. A partir dessas análises e reflexões, passou a pesquisar qual curso poderia fazer para melhor compreender e auxiliar essa população, **“primeiro eu pensei em fazer Ciências Sociais . . . daí eu pensei a aplicação prática seria eu ser professora”**, concluiu **“o quanto o trabalho do professor é um trabalho extremamente importante, mas o quanto é demorado . . . com certeza vai dar frutos, mas não necessariamente vai ser para já, pode ser que demore anos”**. Descartando o curso, passou a buscar por uma **“profissão que estuda as coisas que as ciências sociais estudam e que tem uma aplicação mais prática”**, e conversando com outras pessoas lhe foi indagada **“porque você não fez Serviço Social?”**, realizou um teste vocacional pela **“internet e deu o Serviço Social . . . a Pandora deu a dica da gente fazer aqueles testes”**, e passou a procurar **“quem eu conhecia que era Assistente Social, sobre o que de fato era o trabalho do Assistente Social na no mundo hoje”**.

Ana se identificou com **“o trabalho do Assistente Social é a viabilização dos direitos”**, e no final do terceiro ano do Ensino Médio prestou **“o vestibular e ganhei uma bolsa . . . de Serviço Social foi de 100%”**, não chegou **“a prestar USP é porque não tem Serviço Social na USP e a outra pública que eu pensaria em fazer seria UNIFESP, mas eu teria que ir para Santos eu não tinha condição financeira”**.

Se aproximando ao término da graduação compreende como o conhecimento adquirido proporcionou uma compreensão mais crítica da própria realidade e do mundo e de si:

*estudando Serviço Social . . . a gente começa a entender qual é o processo de formação do Brasil, . . . do machismo . . . do patriarcado, de como que é pro cara simples né, simples não criar os filhos . . . quando eu era criança eu realmente não entendia o porquê que meu pai foi embora. . . mas depois estudando a gente percebe . . . não fui a primeira não vou ser a última . . . a gente vai abrindo (sorrisos) tirando as camadas né, que vão ser cegando a gente.*

Ana realizou a sua escolha profissional a partir das relações intersubjetivas proporcionadas por suas interações dentro do cursinho que auxiliaram na construção de uma conscientização crítica de si no e do mundo, conhecendo e se identificando com novas realidades, assim, como o desejo de auxiliar na transformação destas. Considera que esse foi um processo demorado, entendemos que esse sentimento pode ter sua origem à necessidade de responder à uma demanda social imposta à juventude no tocante a escolha profissional, podendo ser sentida como uma decisão a ser tomada de forma rápida e de caráter irremediável, definitivo, sem possibilidade de tentativas e erros, características de um mundo que produz a sensação de falta de tempo devido a aceleração do ritmo de vida no tocante ao aumento da frequência de experiências vividas por unidade de tempo (Rosa, 2010), por essa perspectiva os resultados do trabalho docente podem ser vistos como demorados.

A combinação da pouca oferta do curso de Serviço Social nas universidades públicas somado às dificuldades financeiras da classe trabalhadora e as políticas de ações afirmativas produzem a contradição onde as instituições privadas são mais acessíveis à população periférica.

Ana tem a lembrança da Psicóloga ter indicando uso de teste vocacional on-line, porém, o discurso na época era uma crítica à essas ferramentas, diante deste fenômeno concordamos com Bosi (2003) sobre a memorialista ter a sua própria verdade e com Gonzales Rey (2010) de não ser objeto de estudo do/a pesquisador/a buscar pela verdade, mas sim de compreender as experiências das pessoas envolvidas com o fenômeno de interesse do/a pesquisador/a, desta forma, entendemos que a narrativa demonstrou a contribuição positiva da OPC.

### **6.1.2. Indicador II: Escolha profissional como instrumento para transformação da realidade coletiva**

Neste indicador estão reunidas as falas de Ana sobre seus sonhos, os quais entendemos como projetos construídos a partir da sua relação dialética com suas múltiplas determinações (sociais, econômicas, culturais, ambientais).

Em sua narrativa, Ana conta sobre a forma como o território impactou na construção dos seus sonhos seja como uma demanda psicossocial “*pra a gente que é da periferia tem uma grande importância essa coisa do ter uma profissão, do famoso ser alguém na vida que é colocado pra gente desde muito cedo*”, ou de obstáculo a ser superado “*a gente enquanto jovem de periferia a gente meio que cresce sem sonhos assim*”.

Em suas atividades no cursinho pode se identificar com a realidade de outros/as jovens “*eu cansei de ver estudantes chegaram no cursinho, eu mesma fui uma dessas estudantes, sem perspectiva*”, a baixa autoestima e a falta de informação sobre acesso são os primeiros obstáculos a serem superados para a realização do sonho de adentrar no Ensino Superior “*porque não sabe o quanto a gente pode fazer aquilo e o quanto a gente pode ter esse acesso*”.

Sobre sua graduação no Serviço Social considera um sonho sendo realizado destacando a função social da sua futura profissão “*acho que é um sonho de fazer mais sabe, de ver que, como dizem, o circo tá pegando fogo, mas que a gente pode ir apagando aos pouquinhos*”; e aponta sua bolsa de estudos obtida através do PROUNI como fundamental nesse processo “*porque a minha mãe não tem condições de pagar uma faculdade para mim e muito menos eu né*”.

A narrativa de Ana demonstra os impactos psicossociais produzidos pelos discursos ideológicos neoliberais que defendem uma sociedade estruturada de forma piramidal através de suas diversas profissões/status demarcando locais de poder, produzindo a contradição onde é exigido uma profissão para “ser no mundo” concomitante a interdição às juventudes periféricas de sonhar uma profissão. Através da fala de Ana entendemos que a internalização dos discursos neoliberais pode produzir na subjetividade construída *no* e *pelo* território periférico sentimentos como baixa autoestima, desesperança, e naturalização da pobreza, que findam por servir aos interesses das classes dominantes e a manutenção do *status quo*. As leis de ações afirmativas se

mostram como possibilidades de acesso à espaços outrora inacessíveis aos/as Jovens das periferias.

### **6.1.3. Indicador III: Os diversos lutos por conta da pandemia podem levar ao esmorecimento**

Neste indicador estão agrupados os fragmentos da entrevista de Ana sobre os obstáculos enfrentados durante a pandemia, as perdas vividas e os impactos dos efeitos psicossociais da quarentena.

De forma contraditória, Ana estava realizando seu estágio no momento onde os números de casos de pessoas infectadas por COVID-19 e de óbitos estavam elevados “*em março começou a pandemia . . . o próprio órgão regulador do Serviço Social . . . falou que não era para pegar, preservar a vida do estagiário . . . terminei em julho, junho todas as matérias e daí agora tô fazendo estágio*”. As mudanças no cotidiano marcado pelo distanciamento social e por perdas como o trabalho remunerado geraram danosos efeitos psicossociais “*faz muita falta essa convivência com outras pessoas que não sejam do seu núcleo familiar*”; “*pra mim impactou muito assim, eu fiquei, teve uma parte da pandemia, que eu tava já desanimada, sabe?*”.

A acumulação de diversos processos de lutos em desenvolvimento ao mesmo tempo, dentro de uma nova realidade de diminuição dos encontros sociais e das relações intersubjetivas produziram severos prejuízos psicossociais e o sentimento de desânimo pode ser a somatização desse fenômeno adoecedor, afetando a vida de Ana em todas suas dimensões, inclusive em seu projeto de vida, exigindo-lhe uma alta resiliência para superar as adversidades e perdas.

### **6.1.4. Indicador IV: Ensino remoto precário reproduz uma educação precária**

Neste indicador estão reunidas as vinhetas referentes as dificuldades enfrentadas por Ana para estudar durante a pandemia.

A interrupção das aulas presenciais e a transição para o ensino remoto foi uma experiência inesperada e traumática para Ana, “*hoje tem diversas formas do aprender digitalmente né, da questão do EaD, mas quando isso é imposto a você de uma maneira tão brusca como foi a pandemia né. . . impactou muito assim*”. A falta de um melhor planejamento e estrutura para transição e efetividade no formato on-line proporcionaram

experiências frustrantes “às vezes, tem a questão da **internet que falha**”; “foi o semestre que eu menos senti que tava aprendendo”, impactando qualitativamente e colocando em xeque o sentido do estudar, “quando você se **autoavalia e sente que não tá aprendendo, isso é de uma tristeza sem tamanho né, por que qual a finalidade de você está estudando se você não está absorvendo os conteúdos de fato?**”.

Ana utiliza a denominação EaD, porém, essa modalidade de ensino seria um programa de aulas construídas e planejadas para serem realizadas a distância, de forma on-line ou assíncronica, tudo dentro de um Ambiente Virtual para Aprendizagem (AVA), porém, muitos/as professores/as do ensino público e dos cursinhos da Rede Emancipa não disponham de instrumentos tecnológicos e conhecimentos técnicos básicos para elaborarem suas aulas, assim, como grande parte dos/as Estudantes não tinham os recursos necessários para acompanhar, tudo isso impactou qualitativamente o processo de ensino-aprendizagem e a relação professor/a-aluno/a, ganhando os contornos de um ensino remoto precário (Viera, Bianchi, & Costa, 2020), e sendo sentido como algo difícil e triste, perdendo o caráter dialógico, dialético e prazeroso de estudar.

#### **6.1.5. Indicador V: Cursinho popular como instrumento para emancipação dos/as estudantes das periferias**

Reunirmos neste indicador as narrativas de Ana sobre os impactos das ações da Rede Emancipa em sua vida como estudante e coordenadora.

O contato com o cursinho aconteceu na adolescência “**eu tinha 16 anos no primeiro ano do Emancipa**”, as relações afetivas construídas neste espaço prosseguiram de forma significativa “**a gente meio que passou o mesmo processo né, fez cursinho, daí entrou para a faculdade, daí começou a ver quais eram os B.O.s que tinha na faculdade, quais eram os problemas que universitários tinham**”.

Ana retornou à Rede Emancipa como coordenadora “**eu fiquei três anos no Emancipa, coordenando**”. As relações intersubjetivas no cursinho contribuíram dialeticamente para o seu desenvolvimento psicossocial,

*foi uma experiência muito enriquecedora porque é diferente de estar na faculdade . . . é diferente de você viver aquilo, a gente costuma falar que quando você bota a mão na massa, a massa é sempre mais dura do que falam e é isso né.*



Para Ana, a Rede Emancipa foi um marco na sua história de vida, cuja, as vicissitudes ainda penduram, *“o Emancipa foi um divisor de águas na minha vida”*, pois o cotidiano no cursinho possibilitou reflexões críticas sobre sua realidade, *“quando você entra no Emancipa e percebe, que tipo você pode fazer uma faculdade, . . . um mestrado, . . . ajudar na transformação do mundo”*, sobre ser-no-mundo, *“percebi que realmente eu podia ser mais do que o sistema falava que eu podia ser”*.

Desconstruiu valores *“quando você fica nesse espaço de discussão . . . você vai se desconstruindo, eu acho que eu me desconstruí muito nesse sentido . . . hoje acho que eu sou um ser humano muito melhor”*. Para Ana, a emancipação seria *“a libertação, é você conseguir se desprender das correntes que te prendiam por muito tempo e que na maioria das vezes são invisíveis, a gente não percebe que tá preso até que a gente enxergue as correntes”*, nesse processo emancipatório Ana aponta a importância da intersubjetividade e coletividade *“para que a gente enxergue as correntes a gente precisa debater sobre o que pode ser uma corrente . . . a violência doméstica pode ser uma corrente”*

As correntes invisíveis que Ana comenta são a naturalização de formas de opressão construídas historicamente pelas classes dominantes, sendo imprescindíveis o questionamento e a reflexão para que as nuances de seus mecanismos e artimanhas sejam descobertas e posteriormente superadas, nesse processo o diálogo é um instrumento revolucionário fundamental e indispensável. O retorno de Ana à Rede Emancipa como coordenadora é comum dentro coletivo, como apontando por Carvalho (2017), muitos/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as da Rede Emancipa são ex-estudantes e esse retorno no papel de auxiliar outros/as Jovens não somente a ingressarem no Ensino Superior, mas também na construção de uma conscientização crítica é a expressão de processos emancipatórios, pois *“se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então, você só está exercitando uma atitude individualista”* (Freire e Shor, 1986, p. 71).

#### **6.1.6. Indicador VI: Conscientização sobre a função social das profissões é determinante de uma boa escolha**

Neste indicador estão as contribuições psicossociais do POP apontadas por Ana em seu projeto de vida, e em sua forma de compreender e se relacionar com sua realidade e o mundo.

O estágio de OV feito pelo Pesquisador iniciou-se um ano após a entrada de Ana no cursinho “*quando você entra no cursinho sem a Orientação Vocacional tem aquilo, estou fazendo cursinho porque eu preciso entre aspas (gesticula) “ser alguém na vida . . . hoje eu entendo que todo mundo é alguém tendo profissão ou não”*”. A narrativa de Ana demonstra que a OV auxiliou na desconstrução de ideologias neoliberais internalizadas, como o individualismo e a competitividade, “*a Orientação Vocacional ajuda muito nisso a perceber que não é só pela grana . . . é para você se sentir bem com você mesma*”, proporcionando a reflexão sobre a função social das profissões e de ser-no-mundo “*quando você recebe Orientação Vocacional você percebe que não é por você . . . a sua profissão é pelo que você pode fazer pelo outro*”. Para Ana, o sentido do trabalhar está em sentir-se bem com si e realizar algo de bom para outra pessoa “*ser Assistente Social ou em qualquer profissão, na verdade, não é pela gente, pra a gente se sentir realizado, é para gente realizar alguma coisa pro outro, é para fazer um mínimo bem*”.

Pela narrativa de Ana é possível perceber a contribuição da OV em seu processo de escolha profissional de forma crítica, auxiliando-a refletir sobre seu ser-no-mundo e a função social das profissões. O sentido de autorrealização que Ana atribui ao trabalhar, entendemos que contempla as três dimensões postuladas por Blustein (2011), sobre o trabalhar como ato relacional deve: possibilitar garantia de sobrevivência, de conexões sociais, e de autodeterminação.

#### **6.1.7. Indicador VII: Etarismo e conjuntura política como determinantes para o desemprego de Jovens da periferia**

Neste indicador estão reunidos os objetivos de Ana para o seu projeto de vida e os obstáculos que visualiza no caminho para a realização destes.

Na época da entrevista Ana estava concluindo o curso de Serviço Social e iniciando “*Geografia em EaD . . . eu tô meio que me acostumando, mas eu pretendo fazer presencialmente,*”. Ao se imaginar cinco anos no futuro pretende “*fazer alguma pós sobre trabalho social com famílias e daí quem sabe futuramente fazer alguma coisa no sentido de trabalhar no judiciário . . . quem sabe fazer um mestrado*”, projetando-se 30 anos mais adiante “*pretendo estar casada, ter meus filhos e dar aulas, assim não acho que vou ficar aturando o Serviço Social por 50 anos porque é um trabalho muito pesado né*”.

Com relação a conjuntura política sente que:

*a gente tá num governo que tá sucateando pra caramba os serviços de Assistência . . . da Saúde, a Educação . . . , então, sempre tinha aquela incerteza tipo – ‘ah, beleza tô estudando, mas e daí quando eu terminar eu vou fazer o quê?’ mas já superei também.*

O etarismo também é apontado como um dificultador “*acho que tem o desafio de ser jovem . . . ‘ah, você é muito jovenzinha, você não tem experiência suficiente’*”, sente esse fenômeno psicossocial como “*um descrédito que se dá à juventude*”, e ressalva uma diferenciação entre o terceiro setor e as instituições privadas, sendo essas mais flexíveis no tocante a contratação de jovens recém-formados/as ou com pouca experiência, “*eu tenho certeza que não me aceitariam por conta da idade . . . as privadas não, eu pelo menos não tenho visto esse preconceito, mas as próprias instituições de ONG assim têm esse rolê*”. A dificuldade financeira é outro obstáculo que impede a emancipação no aqui-e-agora, “*dependendo da pós que eu quero fazer eu tenho que pagar, então, eu tenho que trabalhar . . . pós-graduação não é tão barato assim*”.

A identificação de estudar e trabalhar com temas que envolve famílias é muito significativo para Ana por conta da sua história de vida e do contato com uma nova realidade a partir de seu estágio. A discriminação etária narrada por Ana se apoia na contradição da juventude, onde o/a jovem já não é mais uma criança e nem ainda uma pessoa adulta com uma vasta experiência de vida. Entendemos que a “falta de preconceito” das instituições privadas, serve para escamotear as artimanhas do capital de contratar mão de obra técnica por baixa remuneração. O etarismo apontado por Ana denota a existência de um *perfil estático* do/a Assistente Social no decorrer dos anos, porém “na perspectiva crítica, as profissões e ocupações tem história, isto é, modificam-se no tempo em função de variáveis econômicas, políticas, sociais e tecnológicas” (S. Bock, 2013, p. 39/84).

Ser professora era um desejo antigo que havia sido “abandonado” por conta da morosidade dos resultados das ações laborais, característica que também pode ser atribuída ao Serviço Social, porém, as experiências de vida que Ana foi acumulando no cursinho como estudante e coordenadora e no Ensino Superior como discente e estagiária impactaram fortemente sua tomada de decisão, demonstrando as particularidades de um processo de escolha profissional em construção contínua.

O olhar crítico sobre a impossibilidade de trabalhar por muitos anos no Serviço Social por conta das próprias características e demanda do trabalho empurra Ana a buscar de forma precoce uma segunda graduação antes de concluir a primeira. A opção pelo formato EaD na nova graduação concomitantemente expressa: 1) a superação dialética

dos obstáculos encontrados na primeira experiência do ensino remoto precário; e 2) o processo de construção de sentido das profissões em constante movimento dialético com o contexto sócio-histórico.

#### **6.1.8. Síntese Ana**

Ana, tem 22 anos, mulher, branca, cisgênero, heterossexual, solteira, na época da entrevista estava namorando, desejava casar-se no futuro, e realiza o último estágio obrigatório da graduação de Serviço Social, porém, sem remuneração. Os pais se separaram quando tinha 10 anos de idade e entende que a mãe se libertou de um relacionamento abusivo.

Seu primeiro emprego foi como vendedora em um quiosque de perfume onde experienciou a dupla dimensão do trabalhar como algo libertador e penoso *“primeiro trabalho, tá conhecendo gente nova, tá saindo de casa, tá tendo o próprio dinheiro. . . foi um dos trabalhos que eu mais gostei até hoje (risos) embora fosse muito cansativo”*; durante o período em que trabalhou em uma agência bancária entrou em contato com diferentes realidades *“tinha uma moça lá que ela me irritava um pouco, ela tinha umas dúvidas tipo (gesticula simulando) aí, não sei se eu passo as minhas férias na Itália ou se eu vou sei lá pra França”*; e teve uma experiência estressante trabalhando em um serviço de telemarketing *“acho que foram os meses que eu mais sofri psicologicamente . . . eu fiquei super feliz quando eu fui demitida né (risos)”*.

Entrou em contato com a Rede Emancipa aos 16 anos, local onde construiu significativas relações afetivas e foi um divisor de águas em sua vida. Naquele ano prestou o vestibular, mas, sem muitas pretensões com o resultado final por ainda não ter escolhido nenhum curso. A partir da sua inserção e construção de uma relação dialógica e dialética com o conteúdo ético-político-pedagógico do cursinho popular Ana passou a olhar de forma mais crítica o mundo (contexto) a sua volta e refletir sobre como poderia contribuir para transformar a realidade dos/as Estudantes do cursinho através da sua escolha profissional, sua narrativa deixa evidente que o cursinho no formato presencial é um potente espaço de socialização para além do estudar, através de suas atividades extracurriculares.

Os temas de desigualdade e violência que se repetiam entre os/as Estudantes também estavam presentes em sua história de vida, a escolha pelo Serviço Social abre possibilidades de poder auxiliar famílias com as quais se identifica, a superarem suas

dificuldades; de forma subjetiva essa ação pode buscar a reparação de objetos do seu mundo interno, como o pai ausente e machista, o irmão dependente químico, a mãe abandonada, conforme aponta a Bohoslavsky (2015, p. 50) “a escolha da carreira mostraria a escolha de um objeto interno a ser reparado”, concomitante demonstra o delineamento de um movimento de luta coletiva para a transformação de uma realidade compartilhada, além da indivisibilidade entre pessoa/sociedade e indissociabilidade entre seu o processo de escolha profissional e sua história de vida.

As correntes outrora invisíveis quebradas por Ana são a naturalização de formas de opressão construídas historicamente pelas classes dominantes, como o preconceito, discriminação, machismo, racismo, juntamente com a internalização dos discursos neoliberais pela população periférica, os quais produzem a contradição onde ideologicamente é “exigido ter uma profissão para ser alguém”, porém, não é permitido sonhar com determinadas profissões e os encontros e as atividades do POP auxiliaram Ana na desconstrução dessas internalizações.

A relação dialética com o conhecimento universitário proporcionou a identificação com temas que auxiliaram na reflexão e elaboração dos seus próprios conflitos intrapsíquicos.

A discriminação etária narrada por Ana é a expressão da contradição da juventude, onde não se é mais uma criança, mas ainda não é uma pessoa adulta com uma longa experiência de vida, precisando conciliar a dupla jornada de estudar e trabalhar.

A pandemia trouxe uma nova realidade para Ana, marcada por perdas, restrições, desemprego, ou seja, múltiplos processos de luto em desenvolvimento ao mesmo tempo, e de forma contraditória Ana estava realizando seu estágio no momento, onde os números de casos de pessoas infectadas por COVID-19 e de óbitos eram os maiores desde o início da pandemia, esses fatores foram determinantes para seu desânimo e desmotivação.

A condição de ser bolsista 100% em uma faculdade privada lhe garantiu a continuidade dos estudos, evidenciando a importância de políticas públicas afirmativas para população periférica.

## **6.6. Informações sobre Felipe**

Felipe tem 17 anos, é do sexo masculino, cisgênero, pardo, heterossexual, na época da entrevista estava namorando e cursando o 2º semestre do curso de Sistemas para Internet por IES privada através do PROUNI. Seus pais separaram-se quando tinha por

volta de sete anos, na época da entrevista estava residindo com a mãe de 42 anos, o irmão de 11, e o padrasto com o filho de 15 anos, a família convivia de forma harmoniosa e tinha uma renda mensal *per capita* de R\$ 1.400,00.

Realizou o POP presencialmente em 2019 participando de todos os encontros.

### ***6.6.1. Indicador I: Cursinho popular espaço psicossocial que supre lacunas do ensino público***

Neste indicador reunimos os trechos da entrevista de Felipe onde narra as formas como o cursinho o auxiliou no acesso ao Ensino Superior.

Felipe conheceu o cursinho através da indicação de sua professora de matemática do Ensino Médio, o qual se mostrou ser um forte espaço de construção coletiva para alcançar objetivos em comuns, participando de *“um grupinho de amigos . . . a gente combinou que a gente ia tentar de coração mesmo ir todos os fins de semana e tal chovendo, faça sol ou faça chuva a gente sempre tava lá”*. No cursinho, o professor de Física ensinou *“vários conceitos”* que seriam muito uteis para a prova do concurso público, além disso, o cursinho prestou *“informações sobre como agir, quais provas fazer. . . me motivou bastante também prestar a prova da UNICAMP . . . informações de como fazer com PROUNI . . . de como fazer a prova do SISU, USP”*.

A partir desses novos conhecimentos foi tendo *“uma visão muito ampla sabe de todas as formas que a gente tem de como entrar na faculdade”*, diferente do que vinha aprendendo no ensino regular *“acho que a escola peca porque eles focam muito somente no ‘você tem fazer o ENEM’ . . . e acabam esquecendo de outras oportunidades para gente”*, por tudo isso Felipe indicaria o cursinho da Rede Emancipa *“para diversas outras pessoas inclusive pra pessoas que estão no primeiro ano do ensino médio eu acho que se eles tivessem essa visão de . . . como se preparar para a faculdade seria muito mais simples pra eles, sabe?”*.

Felipe ao frequentar as aulas da Rede Emancipa conseguiu entrar em contato com informações até o momento desconhecidas, conhece outros/as Jovens com o mesmo sonho de adentrar no Ensino Superior e passa a se relacionar com docentes que auxiliam em seu estudar, todas essas ações se tornam motivação em prosseguir na busca de seus sonhos, passando também a refletir sobre as lacunas do ensino regular em informar e esclarecer sobre as diversas formas de acesso às universidades públicas e instituições privadas do país.

### ***6.6.2. Indicador II: A distância entre a periferia e o centro é um obstáculo a ser superado cotidianamente***

Estão nesse indicador os desafios narrados pelo entrevistado como obstáculos ainda a serem superados, os quais giram em torno da sua localização sociodemográfica.

Quando indagado sobre quais são problemas que ainda tem que superar, Felipe aponta a “*que o principal de todos é a locomoção pelo fato de onde eu moro ser bastante longe . . . ainda é algo bem difícil*”; e um outro problema característico dos territórios periféricos são “*as informações não chegam nas pessoas do bairro onde eu moro*”, por essa razão, sempre buscou de forma ativa a “*pesquisar bastante*” sobre os temas de seu interesse.

Compreendemos os territórios periféricos em conformidade com a perspectiva crítica do Prof. Luís Guilherme Galeão-Silva (2017), as periferias estão estrategicamente localizados de forma a dificultar o acesso à outros lugares, favorecendo o distanciamento, o isolamento, a falta de acesso à informação e de serviços públicos, criando dessa forma um contexto opressor que busca a manutenção do *status quo* mantendo as periferias de forma funcional distante do centro capitalista, e a busca diária de Felipe em superar a distância geográfica e cultural entre a periferia e o centro demonstra que os resultados psicossociais da dominação são heterogêneas, podendo levar a submissão, humilhação ou a resistência e a emancipação (Galeão-Silva, 2017).

### ***6.6.3. Indicador III: O contexto sócio-histórico impacta dialeticamente na construção e realização dos projetos de vida***

As vinhetas da narrativa sobre as ações de Felipe em busca da realização de seus sonhos estão agrupadas neste indicador, destacando seu protagonismo em busca de conhecimento, superação, a importância de uma boa rede de apoio durante esses processos emancipatórios e os impactos psicossociais do contexto sócio-histórico na construção de seus projetos de vida.

Dois anos anteriores a entrevista, Felipe concluiu um curso de Mecânico Automotivo e “*no meio do ano bateu um pouquinho de infelicidade na área . . . a galera não tava mais buscando comprar tanto o carro igual pensava antigamente*”. Nessa mesma época “*eu sempre jogava futebol aos domingos . . . um rapaz ele quebrou o dedo do meu pé*”, tendo que “*ficar um bom tempo de repouso, fiquei acho que média de 2*

*meses, e com o pé engessado*”, durante um período sentiu-se impossibilitado e desinteressado em realizar quaisquer atividades “*não podia levantar, não podia fazer nada . . . sempre fui medíocre na área dos estudos . . . eu não sou uma pessoa que gosta muito de assistir filmes*”. Um dia, porém, estava no

*quintal de casa eu vi um avião passando . . . quando era bem pequenininho eu sempre brinquei que eu ia ser piloto de avião . . . bateu na minha cabeça essa lembrança, aí eu falei - cara por que agora eu não estudo para poder virar piloto né?*

Pesquisando sobre as possibilidades de como concretizar seu sonho, descobriu que existe somente

*duas formas de você virar piloto . . . ou você presta o concurso da AFA . . . ou, então, você paga para poder fazer as provas que era algo que não tava na realidade aqui de casa . . . em média uma formação de piloto dá uns R\$ 180.000,00.*

Determinado a alcançar seu objetivo iniciou sozinho seus estudos “*assistir os vídeos . . . estudei pro concurso público*”, nesta trajetória seu “*irmão ele me ajudava a pagar uma escola virtual*”. Conciliando esses novos estudos com os da escola regular ele passou a se destacar em sala de aula, chamando a atenção de sua professora de matemática, “*mas Felipe, por que você está tão avançado assim? Que você tá fazendo?*”. E, ao conhecer seus propósitos, a docente indicou o cursinho da Rede Emancipa, sugerindo conciliar “*os estudos e estuda lá também né, porque se caso não der certo o concurso público pelo menos você ingressa numa faculdade*”.

Considera que o cursinho “*ajudou bastante*” na busca de seus objetivos, e ao prestar a prova foi o “*único negro de São Paulo que conseguiu passar na prova e detalhe que eu também fui a segunda pessoa mais nova que conseguiu passar*”. Mesmo tendo passado nos testes subsequentes e nos exames médicos e físicos, não obteve a vaga por causa da sua idade, mas que “*foi uma superação muito grande*”, pois, diferente de “*muita gente quando prestam essas provas eles estudam em colégios com professores ensinando e tal*”, ele foi “*totalmente autodidata*”.

Felipe ao se formar em Mecânico Automotivo encontra o mercado diferente de quando iniciou o curso, percebendo que não se trata de um fenômeno estático. O sonho de criança retornou como possibilidade de transformação da realidade em um momento de frustração, e fazendo uso dos recursos disponíveis iniciou sozinho seus estudos, acessando conteúdos disponíveis em plataformas digitais. Durante o seu percurso



encontrou pessoas dispostas a auxiliá-lo: o irmão de forma financeira, a professora através de orientações e conselhos, os/as Educadores/as Populares do cursinho, toda essa rede de apoio contribuiu, motivando-o e auxiliando-o na superação das dificuldades encontradas destacando o seu protagonismo durante o processo.

Interpretamos a contradição entre a autodeclaração de raça/etnia parda para a narrativa de se *vê* como negro como expressão da ambivalência que as questões étnico-raciais podem gerar, podendo às vezes, negar a própria etnia e a identificar-se a em outras ocasiões a depender do contexto no qual está inserido.

#### **6.6.4. Indicador IV: Orientação profissional como instrumento para acesso à outras realidades**

Agrupamos neste indicador os trechos que narram as formas psicossociais de como o entrevistado sentiu que o POP lhe auxiliou em sua escolha profissional e de como ocorreu esse processo.

A escolha profissional de Felipe era *“uma paixão antiga . . . meu sonho sempre foi fazer robôs”*, e, a medida que foi informando-se melhor sobre a área, passou a perceber que *“gostava mais da parte de . . . programar o robô na verdade do que a parte de construir . . . acabei vendo que existia uma área específica somente para isso”*. Uma nova descoberta que lhe chamou a atenção foi *“a programação de aplicativos . . . descobrir que existia o programador que . . . é o desenvolvedor front-end e aí eu fiquei apaixonado por que essa área”*.

A Orientação Profissional ajudou *“muito, principalmente na escolha da faculdade”*, a boa qualidade da relação intersubjetiva com o/a Orientador/a foi significativa durante o processo *“eu lembro até hoje que uma das primeiras vezes que eu tive contato com você” . . . cobrou da gente tentar visitar as faculdades sabe, pra tentar conhecer se o curso é realmente aquilo”*. O contato com informações sobre o mundo do estudar e das profissões descortinaram novos horizontes *“até o presente momento isso era uma novidade para mim sabe, eu nem imaginava que você poderia visitar o campus da faculdade e tal”*, foi conhecer o campus do Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana "Padre Sabóia de Medeiros" (FEI) em São Bernardo dos Campos uma *“referência no assunto”*, onde pode ter contato com *“robôs . . . com programação, eles me mostraram como funcionava a parte dos códigos e tal, eu fiquei maravilhado com aquilo sabe, e aí isso foi muito importante para mim”*.

Durante os encontros do POP foi conhecendo sobre a existência de feiras de profissões, entre elas a realizada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e considera essa experiência como um *“marco sabe, pra poder definir que eu queria mexer com programação”*, visitando aquela feira nasceu o sonho de fazer o curso naquela instituição *“quero fazer programação na Mackenzie”*. Prestando o PROUNI chegou a ficar na fila de espera, porém, no *“SENAC eu passei em primeiro”*, nessa época contou com a *“ajuda dos meus pais a gente, a gente conversou bastante para ver qual que eu iria escolher”*, além disso Felipe também havia sido aprovado no vestibular da FATEC, e diante dessas possibilidades escolheu o *“SENAC, pois eu vi que eles fomentavam bastante o empreendedorismo, e as tecnologias que eles trabalhavam era algo mais atualizado, o mercado estava pedindo mais o que eles ensinam na universidade”*.

Com relação ao curso, pelo *“fato de ter pesquisado bastante”*, sente-se *“bastante realizado . . . exatamente como eu imaginei mesmo”*, considera *“privilegiado”*, poder escolher qual faculdade cursar e após algumas semanas *“descobri que o outro rapaz desistiu e eu tinha passado na Mackenzie também . . . era meu sonho eu acabei não escolhendo”*, porém, no decorrer do curso sente ter feito uma boa escolha por ter optado pela atual instituição por *“ser mais próximo de casa”*.

Os sonhos de Felipe foram se transformando dialeticamente à medida que foi acessando outras realidades e expandindo o seu repertório social, cultural e simbólico. O POP demonstrou a possibilidade de ser um instrumento (um meio) no auxílio ao acesso à outras realidades através do conjunto de suas atividades, destacando a prestação de informações sobre o mundo do estudar, do trabalhar e a boa qualidade na relação intersubjetiva entre Orientador/a-Orientando/a. A distância geográfica não foi a priori um critério no processo de escolha da instituição educacional, porém, mostrou-se ser um importantíssimo critério posteriormente.

#### **6.6.5. Indicador V: Empreendedorismo como ideologia neoliberal**

As vinhetas onde o participante narra como foi superando o desemprego e as dificuldades financeiras para alcançar seus objetivos e quando se referiu ao empreendedorismo estão reunidas neste indicador.

Após um tempo desempregado, Felipe começou a ficar *“sem dinheiro porque o dinheiro que eu tinha guardado quando eu saí do último emprego foi acabando”*, precisando *“pagar as parcelas do curso de inglês”*. Gostando do tema de

“**empreendedorismo**”, decidiu “*vender doces, vender na escola para poder pagar tanto as viagens pra poder fazer a prova, eee matrícula do curso de inglês, todas essas coisas*”. Desta forma “*comecei o empreendedorismo assim, e eu acabei pegando essa paixão*” e essa “*foi uma experiência muito boa*”. Nessa mesma época começou a namorar e tem lembranças “*da gente andando com aquelas sacolas pesadas, mochila cheia de doce*”. Passou a ter uma maior socialização “*acabei conhecendo mais as pessoas da escola*”, depois de um tempo “*o negócio cresceu bastante eu não vendia somente na escola tinha pessoas que vinham buscar aqui em casa, o pessoal pedia muito para que eu abrisse a lojinha aqui no bairro*”. Felipe buscou conhecer técnicas para aprimorar suas vendas “*pessoal gostava bastante do atendimento . . . eu estudei sobre essa parte de como tratar o público, como conversar em público e tal*”, esses conhecimentos contribuíram também para o seu “*desenvolvimento pessoal, principalmente nessa parte de como dialogar com as pessoas*”. Com o valor das vendas “*consegui fazer bastante coisa eu paguei todas as provas porque eu prestei . . . USP . . . UNICAMP . . . não consegui pegando a isenção deles, . . . elas são bem carinhas . . . e tem toda essa questão de locomoção, questão de alimentação e tal*”. Brincava que se via como “*um crediário da área alimentícia . . . minhas maiores vendas vinham com crediário famoso fiado*”, como principal tática tentava abordar “*as pessoas no momento certo né*”, oferecendo os doces após a “*janta na escola. . . eles tavam com vontade né, e aí eles fechavam uma conta comigo pra poder pagar no final do mês entendeu, alguns atrasavam os outros não*”; e enxerga na profissão que estava atuando de Desenvolvedor *Front End* a possibilidade de continuar com o empreendedorismo, pois ao “*desenvolver aplicativos eu posso praticar empreendedorismo que é outra paixão minha*”.

A falta de recursos financeiros é uma das multideterminações que afasta milhares a juventude periférica do Ensino Superior, Felipe denomina como empreendedorismo a forma como superou suas dificuldades, entendemos esse fenômeno como um complexo termo guarda-chuva que abarca ideologicamente diversas formas de inserção individual no mundo do trabalhar inclusive a informalidade, e ao gerar uma renda mínima para sobrevivência, transmite uma pseudoimagem de “patrão de si”, mas não produz capital e nem acesso aos meios de produção e mobilidade social.

#### **6.6.6. Indicador VI: O trabalhar que proporciona felicidade gera aprendizagem e produz conhecimento**

Reunirmos neste indicador os trechos onde Felipe narra seus sentimentos sobre estudar e trabalhar na área escolhida, realizando os sonhos que foram sendo construídos dialeticamente durante sua trajetória de vida.

Ao ser indagado sobre a sensação de realizar seus sonhos de estudar e trabalhar na área escolhida, conta que é como “*acordar e saber que cada dia vai ter uma surpresa nova . . . acho que é a sensação mais gostosa da vida*”, por essa razão, entende que a felicidade deve existir “*qualquer momento da nossa vida*”, não devendo estar atrelada a espera pelo final de semana, “*a nossa vida tem que ser feliz, a gente vivendo, a gente fazendo o que a gente curte . . . hoje eu posso falar que eu vivo um verdadeiro happy hour sabe, cada hora da minha vida é uma hora feliz*”. Os motivos dessa felicidade possivelmente devem-se ao fato de estar “*aprendendo bastante no trabalho onde eu tô . . . outro marco bem grande pra mim . . . hoje em dia eu sou desenvolvedor pleno*”. Em somente “*oito meses . . . eu consegui evoluir, e tal, a gente fica superfeliz, mas, eu vejo que foi muito importante por isso ser meu sonho sabe*”. Dentro desse contexto, o estudar é sentido como prazeroso e significativo “*eu não me incomodo de ficar até tarde estudando, porque, é algo que eu realmente gosto sabe, tipo eu me delicio consumindo os conteúdos do da minha área*” (sorrisos e suspiro).

A felicidade de Felipe se deve pela concretização de seus sonhos de estudar e trabalhar na área escolhida e de superação de situações limitadoras. O sentido de aprendizagem atribuído ao trabalhar se apresenta como fundamental para o sentimento de autorrealização e proporciona uma boa disponibilidade de abertura para novas experiências e conhecimento.

#### **6.6.7. Síntese Felipe**

Felipe tem 17 anos, é do sexo masculino, cisgênero, heterossexual, autodeclarado pardo, mas se vê como jovem negro que superou as dificuldades que estavam obstruindo a realização de seus sonhos. A socialização e identificação com outros/as Jovens que compartilhavam do mesmo sonho de cursar uma faculdade produziu laços de pertencimento tornando-se um dos múltiplos determinantes da motivação em continuar os estudos no cursinho.

O POP possibilitou acesso à novas experiências e informações do mundo do estudar e do trabalhar que ainda não havia entrado em contato no ensino público regular, essas lacunas na Educação e a distância geopolítica entre periferia e centro são algumas das multideterminações que contribuem para a manutenção das desigualdades sociais, sendo necessário grande esforço de Felipe para superar esses e outros obstáculos que encontrou em sua trajetória.

Durante o seu processo de escolha profissional seus desejos foram se transformando com os impactos de suas experiências com novas realidades, aumentando seu repertório simbólico e replanejando sua vida e o trabalhar de forma dialética com seu contexto sócio-histórico, buscando realizar em seu presente sonhos resgatados do passado com a pretensão de atuar profissionalmente no futuro.

Compreender que informações importantes sobre o mundo do estudar e do trabalhar não chegam até os/as Jovens das periferias é uma expressão da sua conscientização crítica e o POP demonstrou potencialidade instrumental ao cobrir as lacunas de falta de informação contribuindo na formação de uma rede de apoio para auxiliar na realização dos sonhos de Felipe, o qual foi o protagonista na busca por conhecimento, na superação das adversidades inclusive no enfrentamento as dificuldades financeiras.

Para F. Oliveira (2020), a internalização de discursos neoliberais como “*somos todos empreendedores*” reveste algumas formas de trabalhar que há décadas são praticadas pela população brasileira comumente conhecidas como “*viração*”, “*bico*”, dentre outros nomes usados para se referir ao trabalho informal e precário, e estão nos últimos anos sendo reunidas de forma ideológica sobre o nome de empreendedorismo.

Felipe sente-se feliz por trabalhar e estudar na área de seus sonhos, e a aprendizagem contínua parece ser fundamental para a renovação do sentimento de felicidade e da motivação.

### **6.7. Informações sobre os/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as**

Participaram da roda de conversa os Educadores/as Populares: Altair, homem, cisgênero, heterossexual, 29 anos, japonês, solteiro, professor de Língua de Portuguesa desde 2013; Sarah, mulher, cisgênero, heterossexual, 31 anos, solteira, mestranda pela USP, iniciou suas atividades no cursinho em 2008 lecionando Química; e a coordenadora e professora de Biologia e doutoranda pela USP, Bertha, mulher, cisgênero,

heterossexual, 26 anos, parda, solteira, começou a atuando na Rede Emancipa em 2015 como professora de Língua Portuguesa no território de Diadema, se ausentou por um tempo para concluir o mestrado e retornou em 2019 no bairro do Grajaú; e da unidade Leolinda Daltro participou o coordenador e professor de História, Tiago, homem, cisgênero, branco, heterossexual, 29 anos, solteiro, cursando mestrado profissional por uma IES privada.

Os indicadores foram definidos buscando alcançar os objetivos da pesquisa, os cursinhos populares foram objetos de discussão durante o encontro e optamos por inserir na síntese os principais temas discutidos, a fim de não produzir indicadores que abarcassem superficialmente os objetivos da pesquisa, ou cuja análise se aproximasse em muito dos outros indicadores já apresentados. Indicamos ao final ou início de cada vinheta o nome do/a entrevistado/a.

### **6.7.1. Indicador I: Orientação Profissional é focada na profissão**

Os sentidos e significados atribuídos à OPC pelos/as Educadores/as e Coordenadores/as dos cursinhos populares estão agrupados nesse indicador.

A OPC é sentida pelos/as participantes como *“algo bem mais focado assim pra pensar em profissão mesmo, pensar em aptidões, pensar em anseios”* (Sarah). É também vista como um *“lugar de escuta dos alunos né, ouvir um pouco da dos anseios deles, o que eles pretendem pro futuro”* (Tiago), onde será discutido qual *“Projeto que eles têm . . . qual profissão eles pretendem seguir, de que maneira eles podem fazer isso”* (Tiago). É o local onde o *“viés principal . . . é a questão profissional”* (Tiago) e que busca *“entender a profissão que o aluno vai fazer e de como chegar até ela”* (Tiago).

Para os/as entrevistados/as, a OPC deveria se ocupar em responder questões que surgem quase todo ano entre os/as Estudantes dos cursinhos, como *“eu faço o curso que eu gosto ou eu faço o curso que vai me dar dinheiro”* (Bertha), *“será que é isso mesmo que eu quero?”* (Bertha), *“qual que seria a sua melhor carreira?”* (Altair). No entanto, a OPC deve considerar o contexto no qual o/a estudante está inserido *“como tá sendo esse momento da pandemia para eles . . . a gente tá no momento tão crítico que essa parte de pensar em ENEM, pensar em vestibular, parece uma coisa que parece até menor agora”* (Tiago). Apontaram como pode ser *“um pouco cruel”* (Bertha), para os Jovens entre 16 e 17 anos realizarem sua escolha profissional de forma definitiva, não podendo *“trocar ou mudar de escolha a partir daquele momento”* (Bertha).

Entendemos que imagem da OPC produzida pelas narrativas dos/as participantes é de uma atividade focada no mundo do trabalhar e estudar, devendo atender as necessidades psicossociais dos/as Estudantes dentro de suas realidades e projetos de futuro de carreira, solucionando problemas, indicando caminhos de como fazer e desmitificando mitos. Interpretamos que as significações atribuídas à OPC limitam a visão dos/as participantes sobre as possíveis contribuições da área naquele momento pandêmico e em especial às juventudes periféricas, sendo necessário mudar a abordagem de atendimento para uma mais próxima à clínica.

### **6.7.2. Indicador II: A pandemia exigiu dos mais pobres a superação do impossível**

Os impactos psicossociais da pandemia às juventudes periféricas apontados durante a roda de conversa foram agrupados nesse indicador.

Para os/as participantes o EaD *“não foi uma opção, foi muito mais uma obrigação”* (Altair), foi tudo mito rápido *“gente não teve tempo nem de pensar nisso”* (Sarah). O EaD impossibilitou os *“alunos se enxergarem como uma classe, como um grupo”* (Altair), alguns/as estudantes não tiveram *“acesso à internet”* (Tiago), outros/as não tinham *“pacote de dados”* (Tiago) para acessar as aulas gravadas, *“eles também não tem o que fazer, é uma barreira que a gente não consegue transpor”* (Bertha), assim, trabalhar a *“emancipação dos alunos esse ano foi bem complicado”* (Tiago), ficando evidente como os problemas concretos já existentes devido as desigualdades sociais foram atenuados durante a pandemia.

*“Faltou essa a construção do relacionamento humano . . . não tinha uma relação construída de fato . . . a gente não sabia se os alunos estavam acompanhando as aulas”* (Sarah), entendemos que o formato on-line não é a priori determinante pela liquidez das relações sociais e destacamos como o conteúdo, a forma de abordar e as próprias dificuldades dos/as Educadores/as Populares podem ser determinantes desse resultado.

As dificuldades do uso das ferramentas tecnológicas do EaD foram sentidas de forma unânime *“dar aula on-line é muito difícil . . . a gente não tá preparado para isso”* (Sarah). Houve divergências de opiniões sobre a possibilidade de os cursinhos adotarem formato híbrido no futuro, Altair apontou algumas possibilidades para ultrapassar essa *“fronteira, mas ainda falta muito tempo também falta muito trabalho”*, lecionando em instituições privadas percebe que para esses/as estudantes o formato híbrido não encontra tantas barreiras para ser aplicado.

Houve consenso que a melhor analogia ao ano de 2020 é a de *“trocando o pneu com o carro andando”* (Sarah). Apontaram que para os/as alunos/as dos cursinhos, estudar em casa foi desafiador, pois exigia-se a adaptação dos demais membros do grupo familiar não havendo *“às vezes, um respeito, um local, um ambiente”* (Altair) adequado para estudar; concordaram que a falta das atividades presenciais descaracterizou a identidade dos cursinhos populares, os quais eram também *“como uma fuga de casa”* (Sarah) para alguns/as Estudantes.

### **6.7.3. Síntese**

O perfil dos/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as é diversificado, possibilitando aos múltiplos e diversos Estudantes dos cursinhos o contato com outras realidades com as quais podem ou não se identificarem e encurtarem os laços.

Para lecionar aulas ou realizar atividades administrativas não se faz necessário formação acadêmica (mesmo sendo todos/as participantes formados/as) e sim o interesse e o mínimo de conhecimento necessário na atividade almejada.

Durante a roda de conversa dos/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as foram apontados as principais características dos cursinhos populares que diferenciam dos cursinhos populares dos privados como: o incentivo à coletividade e solidariedade em detrimento da competitividade, privilegiando a experiência de vida dos/as Estudantes, valorizando o caminho percorrido mais do que a aprovação do vestibular, buscando combater ideologias neoliberais meritocráticas os cursinhos populares se propõem a criar um espaço de acolhimento e intervenção psicossocial onde a juventude periférica pode encontrar apoio para continuação de seus estudos e projetos de futuro de vida.

Interpretamos que os discursos dos/as participantes apontaram para uma imagem do/a Psicólogo/a como uma profissional que “cuida” e “ajuda”.

Os sentidos e significados atribuídos à OPC pelos/as participantes produziram uma imagem de uma OPC que tem suas atividades focadas em apresentar as melhores profissões para os/as Estudantes de acordo com perfil destes/as, dentro de um espaço de acolhimento para os medos e dúvidas envolvidas no processo de escolha, sendo dever da OPC em responder de forma objetiva as questões surgidas durante o processo.

Atividades como autoconhecimento, conscientização crítica de si no e do mundo, promoção à saúde, contribuição aos processos emancipatórios dos/as Estudantes, entre outras, não foram relacionadas à OPC, assim, como as disparidades entre os formatos



presencial e on-line, entendemos essa não-discriminação em relação ao local/formato da OPC como se essa não fosse relevante no momento de elaboração das atividades a serem realizadas, concordamos com Ribeiro (2020) que “no campo da OPC, a utilização de estratégias de visem, exclusivamente, ajustamento ou adaptação são, de forma direta, estratégias que impedem qualquer possibilidade de emancipação social” (p. 2).

Sobre as dificuldades concretas que levaram a evasão estudantil em 2020 a índices entre 95% à 99% dentro dos cursinhos populares da Rede Emancipa espalhados pelo território nacional, a mudança da sala de aula para o espaço virtual, mas acessado na residência dos/as alunos/as foi apontado como o principal dificultador, pois muitos/as jovens não dispunham dos recursos mínimos necessários para estudar, como pacote de dados, celular, notebook ou computador.

As famílias também tiveram dificuldades em se adaptar à imposição da nova realidade, além, de algumas casas não possuírem espaços adequados para estudo, porém, outros/as Estudantes não passaram por tantas dificuldades, demonstrando como foram heterogêneos os efeitos da pandemia que findaram por aprofundar as desigualdades sociais e descaracterizar a identidade dos cursinhos, onde os/as Educadores/as e Coordenadores/as também enfrentaram dificuldades no formato on-line e muitos/as adoeceram e até se retiraram dos cursinhos por conta da nova realidade e das frustrações diante da massiva evasão digital.

## **6.8. Informações sobre os/as Psicólogos/as**

Participaram da roda de conversa o Psicólogo André, homem, cisgênero, heterossexual, 40 anos, branco, solteiro e a Psicóloga e coordenadora Pandora, mulher, cisgênero, heterossexual, 28 anos, negra, casada, ambos atuante da unida Wladimir Herzog, ele desde 2019 e ela de 2015.

Os resultados das análises dos discursos convergem com os encontrados em diversos outros indicadores, optou-se por expor somente os indicadores que apresentaram novas informações que atendem aos objetivos da pesquisa e inserirmos na síntese de forma breve os principais temas discutidos no encontro.

André orientou Aurora e Pandora participou dos processos de Ana e Felipe. Indicamos ao final ou início de cada vinheta o nome do/a entrevistado/a.

### ***6.8.1. Indicador: Os estereótipos sobre o psicólogo e a orientação profissional são barreiras a serem derrubadas constantemente***

As dificuldades encontradas pelo/as participantes em suas atuações profissionais no formato presencial e on-line foram agrupadas nesse indicador.

Os/as participantes apontaram que diferente do contexto clínico onde o/a cliente ou a família buscam os serviços do Orientador/a Profissional, no cursinho a OPC faz parte da rotina escolar, não sendo incomum encontrar Jovens das periferias que desconhecem o que é OP “*“cai no vestibular? Não cai, então para quê que eu vou precisar fazer essa aula?”* (André). No início de 2020, “*de um total de 400 alunos, uns 45 se inscreveram para fazer Orientação Profissional, então, algo fez que os outros 350 nem quisesse conhecer, nem quisesse saber o que era*” (Pandora).

Os/as Estudantes inscritos foram divididos em três turmas e somente uma única Orientanda (Sonhadora) concluiu o processo, poucos participaram do primeiro encontro de cada grupo e a grande maioria de nenhum “*foi frustrante (expressão de tédio)*” (Pandora). O silêncio dos/as Estudantes e, às vezes, também do corpo docente do cursinho nos grupos de WhatsApp impactaram a motivação e o sentido do trabalho voluntário para os/as participantes “*a gente falava é com os alunos e não tinha resposta, a gente falava com os professores e não tinha resposta. . . ficou uma coisa do tipo de não estar sendo está ouvido mesmo, de que está gastando energia à toa*” (Pandora).

Houve consenso sobre o formato presencial conceder a possibilidade do/a Estudante passar pela experiência da OP por já estar na sala de aula, podendo escolher em se permitir ou não a participar do processo, porém, no on-line essa possibilidade parece não ser cogitada pelos/as Jovens. Os preconceitos sobre o/a profissional da Psicologia foram apontados como obstáculos presentes independente do formato presencial ou on-line “*se você está perto de psicólogo é que você é doido ou tem algum problema*” (André).

Ressaltamos que para haver a possibilidade de construção de novas significações a partir da relação intersubjetiva Psicólogo/a-Orientando/a é imprescindível o estabelecimento desta. A desvalorização à saúde mental, negligência de cuidados aos sentimentos foram apontados como ideias subjacentes aos discursos neoliberais, meritocráticos e que impactam cotidianamente o estudar, o trabalhar e projetos de futuro dos/as Estudantes e não buscar ajuda nessas questões expressa a internalização dessas

ideologias, cuja desconstrução não ocorre sem a participação ativa do/a Orientando/a “*Orientação Profissional pode deixar a pessoa em dúvida e ela não quer*” (André).

### 6.8.3. Síntese

Durante a roda de conversa os/as Psicólogos/as contaram que os cursinhos populares buscam a transformação das diversas realidades das periferias, local onde a juventude tem os sonhos podados pelo contexto sócio-histórico, podendo estarem imersos em discursos neoliberais que obstruem os caminhos à emancipação e a OPC pode auxiliar na percepção e superação de alguns desses obstáculos, por exemplo, auxiliando no processo de autoconhecimento para o/a Orientando/a refletir criticamente sobre si, sua realidade e o mundo.

Destaca-se que dentro dos cursinhos é como se as pessoas ali fossem divididas em dois grupos, os/as discentes e os/as docentes, motivo pelo qual o signo de Professor/a é associado ao Psicólogo/a pelos/as Estudantes.

A OPC nos cursinhos traz a priori alguns desafios para os/as Psicólogos/as que tem interesse em atuar nessa área, como a ausência de referências bibliográficas de OPC com classes pobres nos cursos de graduação.

Durante a pandemia algumas dificuldades já existentes foram potencializadas e outras surgiram produzindo sentimentos ambivalentes sobre os/as Psicólogos/as, passando a se questionarem sobre “seu fazer”, “como fazer”, na busca de outras alternativas bons resultados foram encontrados, assim, como frustração e desmotivação colocando em xeque o sentido do trabalho voluntário no cursinho.

Houve consenso entre os/as participantes sobre a importância da OPC se ocupar em compreender e analisar os impactos da política e economia sobre as profissões e o modo de trabalhar durante a pandemia.

Ainda existe no imaginário social uma deturpada representação do papel social do/a profissional da Psicologia atrelando suas práticas ao cuidado de pessoas com transtornos mentais e na mudança de comportamento (Mâcedo et al., 2015), podendo dificultar o início e/ou estabelecimento das relações intersubjetivas Orientador/a-Orientando/a.

## **CAPÍTULO VII - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E UMA PROPOSTA DE OPC**

Tendo em vista a quantidade de objetivos (específicos e geral) e de indicadores produzidos, optamos por fazer a discussão das análises dos resultados através de tópicos.

Cada tópico foi elaborado a partir de cada um dos objetivos específicos, buscou-se reunir dialeticamente os indicadores e as análises das produções que ao nosso ver contemplavam os enunciados, e nessa construção novas categorias analíticas emergiram como sínteses das informações contidas nos indicadores, algumas representando as unidades da diversidade dos indicadores e outras apresentando-se como novos produtos da construção dessas unidades.

Para exemplificar a forma de composição dialética de cada tópico, reproduziremos em alguns destes as vinhetas das narrativas indicando o/a respectivo/a participante e a numeração do indicador do qual foi extraído, e em outros tópicos, utilizaremos a própria nomenclatura dos indicadores para ilustrar nossas ideias.

Para responder o objetivo geral buscou pela síntese das novas categorias apresentadas nos tópicos, produzindo de forma concomitante o resultado (produto) da pesquisa das relações Pesquisador-Participantes; e uma proposta de OPC orientada à emancipação do/as Estudantes de cursinhos populares pré-universitário.

### **7.1. Categorias: Conscientização crítica de si no e do mundo; Autoconhecimento, Relação Intersubjetiva; Informação Dialogada e Reconhecimento Intersubjetivo**

O primeiro objetivo específico foi investigar se, e como, a OPC auxilia na construção de uma conscientização crítica dos/as Estudantes de cursinhos populares sobre os determinantes de suas escolhas profissionais ao projetarem o próprio futuro.

Os indicadores agrupados nesse tópico foram: (I.1) Não escolhi a minha profissão foi a vida que me entregou; (I. 2) Fui fazendo minhas escolhas de acordo com o contexto da minha vida; (I. 3) Relação intersubjetiva dialética como fundamental para o processo transformador; (I. 4) A Orientação Profissional me ajudou abrir a mente; (I. 5) A Orientação Profissional transformou a forma como me vejo; (I. 6) A Orientação Profissional me fez criticar meus gostos para me conhecer melhor; (I. 7) Orientação Profissional como instrumento para acesso à outras realidades; (I. 8) Conscientização sobre a função social das profissões é determinante de uma boa escolha; (I. 9) Orientação Profissional auxilia na construção do esperar; (I.10) Informação, diálogo e solidariedade são armas para emancipação; (I. 11) A distância entre a periferia e o centro é um obstáculo a ser superado cotidianamente; e (I. 12) Escolha profissional como

instrumento para transformação da realidade coletiva.

Os resultados indicam que as atividades da OPC no formato presencial e on-line apresentaram capacidade teórica, técnica e instrumental em auxiliar os/as Estudantes dos cursinhos populares em seus processos de conscientização crítica de si no e do mundo; *“abriu bastante a minha mente com relação aos assuntos que a gente discutiu”* (Sonhadora, I. 4); *“na hora não conseguia pensar em muitas coisas que eu era boa . . . sabe? Depois disso comecei a prestar mais atenção . . . eu não sou ruim em tudo* (Meyri, I. 5); *“eu percebi que não gostava de fazer Direito”* (Mônica, I. 6); *“quando você entra no cursinho sem a Orientação Vocacional tem aquilo, estou fazendo cursinho porque eu preciso entre aspas (gesticula) ser alguém na vida . . . a Orientação Vocacional ajuda muito nisso a perceber que não é só pela grana* (Ana, I. 8); *“consegui encontrar um porquê dentro daquele sistema que eu tô inserida hoje . . . eu não tava errando meu caminho”* (Aurora, I. 9).

Tendo a dialética em nossa base de análise ressaltamos que a conscientização crítica é um processo contínuo, inacabado, incompleto, com gradações e contradições não sendo possível mensurar quantitativamente a evolução dos/as participantes, mas revela-se qualitativamente em suas narrativas.

Para Vygotsky (1991, 2001), a consciência é um processo histórico constituído pelas e nas relações sociais, e os trabalhos de Cabral et al. (2015) e Castro e Alves (2012) demonstraram como o conceito de conscientização aparece nos trabalhos de Vygotsky, como algo parecido a uma “tomada de consciência”, a partir de uma ampliação do conhecimento sobre sua realidade mediado pelo diálogo, fenômeno que é possível ser observado ao comparar a primeira e a segunda entrevista de Aurora, *“não foi uma área que eu escolhi, foi uma área que a vida me entregou”* (I. 1); e *“com ajuda da Orientação que foi entender o porquê ainda que empurrada pela correnteza eu ainda continuei, porque eu poderia simplesmente ter saído”* (I. 9).

Partindo dessa linha de raciocínio acrescentamos a “crítica” no sentido construtivo, de ‘discorrer sobre o que discorda e propor alternativas’, não bastando apenas “conseguir enxergar as correntes outrora invisíveis, mas de vislumbrar as formas de quebrá-las”, ou seja, a conscientização crítica seria ‘conscientização sobre possibilidades de outras realidades e de transformação da vigente’.

Essa perspectiva crítica está de acordo com as recomendações de Martin-Baró (1996, 2009a) sobre como a Psicologia deveria dedicar-se às análises e intervenções dos problemas que assolam a maioria da sociedade, e a conscientização deveria ser um dos

principais objetivos da atuação do/a Psicólogo/a, pois é de extrema relevância para a emancipação do sujeito comunitário, problematizador e transformador da realidade vivida.

A conscientização crítica demonstrou ser elemento fundamental no processo de escolha profissional, “*tava muito perdida . . . esse medo foi diminuindo*” (Aurora, I. 10); na compreensão da função social das profissões, “*quando você **recebe** Orientação Vocacional você **percebe que não é por você . . . a sua profissão é pelo que você pode fazer pelo outro***” (Ana, I. 8); na desconstrução de mitos, preconceitos, medos, ideologias neoliberais, meritocráticas, machistas, patriarcais, misóginas e racistas que obstaculizam os processos emancipatórios e conduzem a individualização da vida e do sofrimento fechando os caminhos para o diálogo, solidariedade e a coletividade, “*consegui encontrar um porque dentro daquele sistema que eu tô inserida hoje . . . eu não tava errando meu caminho*” (Aurora, I. 9); *porque **dom ninguém tem*** (Aurora, I. 9); “*a gente não para muito para pensar assim, no que a gente quer ser, no que isso implica na nossa vida*” (Sonhadora, I. 4); e “*hoje eu entendo que todo mundo é alguém tendo profissão ou não*” (Ana, I. 8).

Aurora e Sonhadora relataram significativas mudanças subjetivas ao lançarem um olhar mais crítico sobre o contexto e as multideterminações envolvidas em seus processos de escolhas, reconhecendo-se como protagonistas de seu passado, vislumbrando outras perspectivas de futuro e construindo no presente uma nova percepção de si e de si no mundo, “*algumas características que eu estou **relutante para aceitar . . . o Processo me tornou uma baita sonhadora***” (Aurora, I. 9); “*a gente não para muito para pensar assim, no que a gente quer ser, no que isso implica na nossa vida*” (Sonhadora, I. 4).

Refletir e analisar sobre as tomadas de decisões realizadas e os sonhos almeçados antes do início do POP possibilitou aos/às Orientandos/as reavaliarem suas decisões, compreenderem melhor as multideterminações envolvidas no processo de escolha, suas motivações como os impactos psicossociais advindos do contexto da época e, assim, descartar e replanejar os projetos que já não mais faziam sentido. Esse movimento foi possível constatar em todos/as os/as participantes, “*era só **euforia** assim do momento . . . ver que é uma **empresa boa** e aí você fica, né, com a aquela **vontade de trabalhar naquela empresa***” (Sonhadora, I. 2); “*muito confusa com a minha área . . . olhar pra para o meu **profissional** com mais carinho, e não sei talvez até mudar*” (Aurora, I. 1); “*eles fizeram atividades, que fizeram que a gente **despertasse o interesse** sabe, em **pesquisar mais sobre aquela profissão** que você **acha que gostaria**, sobre **conhecer outras áreas***”

*também*” (Meyri, I. 5); “*não adiantava a gente trabalhar com alguma coisa que seria só por interesse*” (Mônica, I. 6); e “*descobrir que existia o programador que . . . é o desenvolvedor front-end e aí eu fiquei apaixonado por que essa área*” (Felipe, I. 7).

O autoconhecimento, além de ser um dos objetivos da OPC, revelou-se um instrumento fundamental precedente à conscientização crítica e na construção de novas narrativas e significações do passado, presente e futuro, “*ajudou muito na questão de me autoconhecer . . . descobrir uma nova Aurora que existia aqui dentro*” (Aurora, I. 9); “*me ajudou a bastante a me entender também . . . como uma futura profissional da dança, o que eu preciso ter, e o que eu preciso fazer para alcançar esse objetivo,*” (Sonhadora, NI. 4).

De acordo com a abordagem sócio-histórica, o autoconhecimento é compreendido como “a análise da trajetória de vida do próprio sujeito, quanto as formas de escolha e a compreensão de como construiu sua individualidade. Perceber o que já desenvolveu em termos de interesse, habilidades e características pessoais” (S. Bock, 2013, p. 48, 49/70), acrescentando uma perspectiva psicossocial interpretamos que o autoconhecimento conduz ao “Reconhecimento Intersubjetivo de si no mundo”, ou seja, a partir da relação Eu-Outro(s) a juventude periférica passa a reconhecer o lugar psicossocial que é imposto ideologicamente pela sociedade de acordo com sua classe, gênero, raça/etnia e orientação sexual, e a partir desse Reconhecimento Intersubjetivo encontrar formas de transcender, portanto, o autoconhecimento é indissociável do processo de conscientização crítica de si no e do mundo.

Entendemos que as atividades que visavam o autoconhecimento proporcionaram os/as Orientandos/as, o Reconhecimento Intersubjetivo de sentimentos como autocobrança, insegurança, baixa autoestima, medos, dúvidas e, ao entrarem em contato com a rede de signos que geravam esses sentimentos, foi possível produzir novas significações para antigos desafios e conseqüentemente construir novas formas de enfrentamento superando obstáculos até então, sentidos como intransponíveis, “*na hora não conseguia pensar em muitas coisas que eu era boa sabe, aí mostra um pouco da insegurança que eu tenho . . . depois disso comecei a prestar mais atenção . . . eu não sou ruim em tudo*” (Meyri, I. 5).

A boa relação intersubjetiva Orientador/a-Orientando/a demonstrou ser fundamental para o processo de conscientização, através dessa relação alguns/mas Jovens das periferias puderam ter a oportunidade de vivenciarem uma experiência diferente de suas outras interações, sentindo-se ouvidos/as, respeitados/as, acolhidos/as em suas



demandas, podendo identificar-se com o/a Orientador/a e encontrar nele/a um sentimento de “ele/a/alguém acredita em mim”, o qual demonstrou ser de suma importância para o desenvolvimento psicossocial dos/as participantes da pesquisa, que passaram agir para a transformação de sua realidade, **“foi primordial para mim permitir a sonhar”** (Aurora, I. 3); **“eu lembro até hoje que uma das primeiras vezes que eu tive contato com você. . . cobrou da gente tentar visitar as faculdades sabe, pra tentar conhecer se o curso é realmente aquilo”** (Felipe, I. 7).

Esse tipo de relação intersubjetiva pautada na reciprocidade da confiança e no acreditar pode contribuir no Reconhecimento Intersubjetivo do Orientando/a, na construção de sua identidade e de novas narrativas conforme percebido principalmente nas análises das narrativas de Aurora (I. 3, *Relação intersubjetiva dialética como fundamental para o processo transformador*) e Sonhadora (I. 4, *A Orientação Profissional me ajudou abrir a mente*).

A intersubjetividade é um conceito explorado em diversos campos do conhecimento, como a Filosofia e a Psicanálise, e mesmo não empregando esse termo é possível perceber como é fundamental nos trabalhos de Vygotsky devido ao caráter interacionista de suas teorias, como, por exemplo, na formulação do conceito zona de desenvolvimento proximal e em seus postulados sobre os seres humanos necessitarem uns/mas dos/as outros/as para sobrevivência, para o desenvolvimento e humanização através da cultura, caracterizando suas multideterminações (S. Bock, 2013).

Para o materialismo histórico-dialético, a pessoa humana é uma síntese das relações sociais, isso implica em dizer que o ser não nasce humano, ele se constitui como ser humano por meio de suas relações sociais com outros humanos construindo, assim, a sua subjetividade, incorporando modelos, comportamentos e ideias (Lane, 1981; Marx, 2011), ou seja, “a questão da subjetividade se manifesta como indissociável da intersubjetividade” (Saviani, 2004, p. 1).

Portanto, a Psicologia sócio-histórica está interessada na pessoa concreta e não na pessoa empírica. O concreto é compreendido como uma subjetividade síntese de multideterminações, um conjunto de relações sociais, uma unidade de diversidade, e é o ponto de partida para uma análise crítica, que pode apontar para a possibilidade de emancipação. Já o empírico seria aquilo que está nas aparências, seria uma abstração, pois as múltiplas conexões e relações que construíram essa pessoa, não são possíveis de serem apreendidas pela percepção e sua análise produz categorias simples, genéricas e que não conduzem a possibilidade de emancipação, podendo estar a serviço dos interesses das

classes dominantes e manutenção do *status quo* (Lane, 1981; Marx, 2011; Saviani, 2004)

A “Informação Dialogada” surge como um instrumento valioso na relação intersubjetiva Orientador/a-Orientando/a, entendendo-se por Informação Dialogada, a forma horizontal, objetiva, respeitosa como o/a Orientador/a transmite as informações do mundo do estudar, do trabalhar e outros temas durante o processo de OPC.

Bohoslavsky (2015) já apontava a importância da informação ocupacional dedicando um capítulo inteiro sobre o tema em *Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica*, enfatizando que “a informação deverá ser transmitida, quando possível, de forma a exigir a participação ativa do adolescente, mediante a análise, a síntese e a integração dos conhecimentos que lhe sejam ministrados” (p. 146-147).

Com base nos indicadores, acrescentamos as recomendações de Bohoslavsky (2015), que essa forma de compartilhar conhecimento não deve restringir-se somente a temas sobre o mundo das profissões, do estudar e do trabalhar, mas abranger todos os assuntos discutidos durante o processo de orientação.

O/a Orientador/a não deve presumir *a priori* que determinada informação já pertença ao repertório dos/as Orientandos/as, devendo verificar o entendimento destes/as, os impactos produzidos pelas possíveis novidades e sanar eventuais dúvidas e distorções, não sendo uma simples transmissão bancária (Freire, 1986, 1992), mas sim uma informação transmitida *pela e na* relação intersubjetiva, na qual, conduzidos pelo diálogo Orientador/a e Orientandos/as, desconhecem quais os locais psicossociais para onde aquela dialogicidade os/as levará, podendo surpreenderem-se com as possibilidades de desmembramentos, escolhendo e focalizando em qual(is) temas se ocuparão em trabalhar.

A Informação Dialogada surge com o potencial de ser uma das pontes dos/as Jovens das periferias ao acesso à outras realidades ou ainda possibilidades de transformação da própria, nesse formato de comunicação não altera-se o conteúdo do que é esperado que seja transmitindo em uma OPC em cursinhos populares no tocante a estudar e trabalhar, porém, a informação nesse formato, pode conduzir a resultados diferentes e possivelmente melhores daqueles quando não busca-se conhecer a utilidade (ou não) e o valor agregado da informação transmitida aos/as Orientandos/as, podendo a partir de suas devolutivas buscar novas e complementares informações que possam auxiliá-los/as na realização de seus objetivos.

A problemática da falta de diálogo e/ou informação apareceu nas narrativas de diversos/as participantes, “*ela começou a conversar com a gente . . . a gente não estava*

*acostumada com isso . . . começou a trazer algumas informações de fora . . . foi por causa dela que eu descobri o vestibular da ETEC”* (Aurora, I. 10); *“as informações não chegam nas pessoas do bairro onde eu moro”* (Felipe, I. 11); *“porque não sabe o quanto a gente pode fazer aquilo e o quanto a gente pode ter esse acesso”* (Ana, I. 12).

González Rey (2007) ressalta que somente informação e conhecimento são insuficientes para transformações psicossociais, no entanto, são condições minimamente necessárias para produzir sentidos subjetivos e é por meio destes que possíveis mudanças podem se consolidar, entendemos que, em última análise, toda mudança subjetiva é também uma mudança de posicionamento ideológico e político.

Eventos como Feira das Profissões que tem o objetivo de promover uma aproximação dos/as Estudantes do Ensino Médio às universidades, são locais que possibilitam o contato dos/as Jovens de cursinhos populares à outras realidades, não sendo incomum o desconhecimento de parte da juventude periférica sobre esses eventos e similares, e a OPC por meio da Informação Dialogada pode descortinar o acesso à um universo naturalizado como inacessível e que produz uma interdição ao espaço público das universidades, *“até o presente momento isso era uma novidade para mim sabe, eu nem imaginava que você poderia visitar o campus da faculdade e tal”* (Felipe, I. 7).

As atividades dialogadas e as técnicas aplicadas durante o POP presencial e on-line possibilitaram que os/as Orientandos/as se projetassem no futuro, algumas dessas projeções convergiam para uma boa qualidade vida e de trabalho decente (OIT, 1999), outras, apontavam para uma vida cheia de atividades, com dupla e até tripla jornada de trabalho (Aurora, Meyri, Mônica e Sonhadora). Dessa forma, os/as participantes tiveram a oportunidade de lançar um olhar mais crítico e profundo sobre como projetavam o futuro carregado de algumas situações que discordavam no presente, como a assimetria da divisão dos trabalhos domésticos.

Visualizar, analisar e refletir sobre suas projeções, ideias e planos de futuro com o/a Orientador/a possibilitou a elaboração de novos projetos menos idealizados e mais factíveis e adequados à realidade dos/as Orientandos/as.

Concordamos com Freire (1983) que o “diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e; nele, ninguém tem iniciativa absoluta” (p. 8), é um “produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma” (p. 8-9).

Acrescentamos que o diálogo pressupõe um interesse pelo pensamento do/a outro/a, e portanto, é concomitantemente uma forma de Reconhecimento Intersubjetivo.

Destacamos que as técnicas descritas no método e aplicadas no POP presencial e on-line, por si só podem não produzir os mesmos resultados de nossa pesquisa, sendo necessário que a partir da definição de seus objetivos o/a Orientador/a, a escolha da(s) técnica(s) considerada(s) mais indicada(s) para auxiliá-lo/a em alcançar os resultados esperados durante a OPC.

Em relação a categoria “Reconhecimento Intersubjetivo”, interpretamos como um fenômeno transversal abarcando o:

- (a) Reconhecimento Intersubjetivo do/a Orientador/a sobre a historicidade das multideterminações envolvidas no processo de escolha dos/as Orientandos/as, *“centralizou mais mim, nas minhas, nos meus questionamentos, na minha história de vida, e nos meus anseios, desejos”* (Aurora, I. 3);
- (b) Reconhecimento Intersubjetivo do/a Orientador/a às demandas do(s) Orientando(s)/a(s), valorizando o processo, suas formas de enfrentamento e tentativas de transformação de sua realidade; *“eu ficava ali colocando essas vontades para dentro da gaveta . . . trabalhando com o que eu tinha conseguido abrir a porta”* (Aurora, I. 1);
- (c) Reconhecimento Intersubjetivo do/a Orientando/a do lugar psicossocial que deseja ocupar no mundo, *“ser Assistente Social ou em qualquer profissão, na verdade, não é pela gente, pra a gente se sentir realizado, é para gente realizar alguma coisa pro outro, é para fazer um mínimo bem”* (Ana, I. 8); e
- (d) Reconhecimento Intersubjetivo do(s)/a(s) Outro(s)/a(s) para os/as Orientandos/as em suas atividades pedagógicas, acadêmicas e laborais, *“vontade que pessoas me reconheçam assim, pelo que eu faço . . . elas lembrem com adjetivo bom sabe . . . eu queria muito ser um exemplo”* (Meyri, I. 3).

Entendermos que essa categoria se aproxima dos estudos postulados pela Teoria do Reconhecimento Intersubjetivo em especial ao pensamento de Axel Honneth (2003) influenciado por Friedrich Hegel, diferenciando que nesses trabalhos o Respeito nas relações intersubjetivas seria conquistado por meio das lutas sociais, e aqui o/a Orientador/a através do sentimento de Respeito proporcionaria a possibilidades dessa experiência intersubjetiva.

## 7.2. Categorias: Conscientização crítica de si no e do mundo; Estereótipos; Exclusão Digital

O segundo objetivo específico foi investigar as convergências, disparidades, limites e possibilidades da OPC realizada em cursinhos populares nos formatos presencial e on-line.

Os indicadores agrupados nesse tópico foram: (I. 1) A Orientação Profissional transformou a forma como me vejo; (I. 2) Formato on-line possibilitou significativos encontros intersubjetivos; (I. 3) Os estereótipos sobre o/a Psicólogo/a e a Orientação Profissional são barreiras a serem derrubadas constantemente; (I. 4) Orientação Profissional auxilia na construção do esperar; (I. 5) A Orientação Profissional me ajudou abrir a mente; e (I. 6) A Orientação Profissional me fez criticar meus gostos para me conhecer melhor.

Os resultados apontam que o POP on-line e presencial nos cursinhos populares pôde auxiliar os/as Estudantes em seus processos de conscientização crítica, produzindo novas significações sobre si, o mundo, o estudar e o trabalhar, *“eles auxiliaram no quando eles foram explicar sobre curso Técnico, de graduação, pós, licenciatura, tipo esclareceu muitas dúvidas minhas, isso me ajudou bastante”* (Meyri, I. 1); *“eu comecei a ser mais gentil comigo mesma”* (Meyri, I. 1); *“descobrir uma nova Aurora que existia aqui dentro”* (Aurora, I. 4); *“estudante, aprendi com você”* (Aurora, I. 5); *“que antes da gente pensar em . . . fazer tal faculdade, a gente tem que ver o porquê a gente quer fazer aquilo”* (Sonhadora, I. 6).

Ambos os formatos possibilitam a construção de uma boa relação intersubjetiva entre Orientador/a-Orientando/a, *“foi incrível, eu conseguir me conectar com o André de uma forma absurda”* (Aurora, I. 2).

As duas modalidades desafiam o saber teórico e técnico do/a Orientador/a Profissional, assim, como sua atuação prática devido à falta de discussão de OPC em cursinhos populares nos cursos de graduação de Psicologia e a baixa produção científica principalmente no formato on-line.

Os possíveis estereótipos sobre o/a profissional Psicólogo/a e/ou a OPC apontados pela dupla de Psicólogos (I. 3, *Os estereótipos sobre o/a Psicólogo/a e a Orientação Profissional são barreiras a serem derrubadas constantemente*) podem fazer parte do imaginário dos/as Estudantes mediando a relação entre Orientador/a-Orientando/a (Bosi, 2003), porém, no formato on-line é possível que esses estereótipos por parte dos/as

Estudantes impeçam que adentrem nas salas virtuais e experienciem os encontros de OPC, enquanto, no presencial o fato do/a Psicólogo/a dirigir-se à sala de aula, cria-se possibilidades de desconstrução desses possíveis estereótipos sobre o/a profissional e a OPC, porém, não era incomum antes da pandemia, Estudantes retirarem-se da sala de aula com a chegada do/a Psicólogo/a.

Os resultados da pesquisa realizada por Mâcedo et. al. (2015) sobre a representação social do/a Psicólogo/a contou com a participação de pessoas de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade, apontaram que o/a profissional da Psicologia é visto/a como aquele/a que vai cuidar, tratar e ajudar pessoas com doenças mentais, atua na mudança de comportamento e é considerado um/a profissional oneroso/a, informações que convergem com as análises das narrativas dos/as entrevistados/as, especialmente dos/as Educadores/as Populares e Coordenadores/as.

Entre as disparidades dos formatos presencial e on-line destaca-se que a evasão se faz presente nas duas situações, porém, de forma muito mais acentuada e grave no formato on-line chegando a impossibilitar sua realização devido a múltiplos fatores desde a falta de espaço adequado ao estudar nas residências dos/as Estudantes, quanto aos elementos constituintes da exclusão digital da população periférica e que evidenciam o espaço digital como um direito constitucional desrespeitado, violado e não garantido aos/às moradores/as das periferias.

Os encontros virtuais ocorridos em pequenos grupos foram insuficientes para uma análise profunda sobre OPC em grupos no formato on-line, e proporcionar a interação dos/as Estudantes através de tarefas grupais privilegiando suas trocas de experiências demonstrou ser *a priori* um desafio e uma reflexão necessária para o/a Orientador/a Profissional durante a elaboração das atividades e escolhas do material técnico a ser utilizado nos encontros.

Portanto, destaca-se no formato presencial os estereótipos que rondavam a imagem do/a Psicólogo/a como principais limitadores do POP, os quais estão presentes também na modalidade on-line, onde as limitações impostas pela exclusão digital superam os dois.

### **7.3. Categorias: Não Perder Oportunidades; Estudar para Trabalhar; Trabalhar é necessidade; Inspiração; Aprendizagem; Autorrealização; Emancipação; Função Social das Profissões; Mercado como Regulador das Profissões**

O terceiro objetivo específico era compreender os sentidos e significados das

aspirações sobre a escolha profissional dos/as Estudantes, relacionando-a com sua história de vida e como fruto de seu processo de desenvolvimento psicossocial.

Os indicadores agrupados nesse tópico foram: (I. 1) Trabalho desde nova e fazer faculdade vai ajudar a superar a pobreza; (I. 2) Fui fazendo minhas escolhas de acordo com o contexto da minha vida; (I. 3) Não escolhi a minha profissão foi a vida que me entregou; (I. 4) Ser inspiração para outras pessoas me motiva e dar forças; (I. 5) Não me sinto capaz de alcançar os cursos que desejo; (I. 6) O Reconhecimento Intersubjetivo é fundamental para autorrealização; (I. 7) O reconhecimento é fundamental para autorrealização; (I. 8) O trabalhar que proporciona felicidade gera aprendizagem e produz conhecimento; (I. 9) Conscientização sobre a função social das profissões é determinante de uma boa escolha; (I. 10) Orientação Profissional auxilia na construção do esperar; (I. 11) Pandemia potencializou a toxicidade e violência da minha família; e (I. 12) A pandemia obrigou a convivência em família onde cada um fica em seu canto.

As escolhas de cursos feitas por Aurora (I. 3, *Não escolhi a minha profissão foi a vida que me entregou*), Sonhadora (I. 2, *Fui fazendo minhas escolhas de acordo com o contexto da minha vida*) e Mônica (I. 5, *Não me sinto capaz de alcançar os cursos que desejo*) antes do processo de OP foram sentidas como ‘escolhas não feitas’ devido as condições do contexto sócio-histórico no qual se encontrava em épocas anteriores e convergiam com discursos ideológicos como ‘pobre não tem escolha’, cuja, a internalização produz significações à respeito das profissões e do mundo que podem reduzir ou até extinguir as possibilidades de transformação da própria realidade.

A escolha de Aurora, Meyri e Mônica por cursos de menor duração e de baixa notas de corte se aproximam dos resultados encontrados no trabalho de Whitaker e Onofre (2006) realizado com estudantes de um cursinho comunitário localizado em uma zona rural pelas preferências desses tipos de curso e que prometem uma rápida inserção no mundo do trabalho, mas ressaltamos que, para além desses critérios, Aurora considerava que estava usufruindo de uma ‘oportunidade’ ao fazer seus cursos técnicos.

‘Não perder oportunidades’ para estudar e trabalhar foram apontadas por Aurora e Sonhadora como situações imprescindíveis para a juventude periférica, porém, alertamos que lançar-se em cursos ou trabalhos de forma acrítica, sem identificação e nem planejamento pode levar a possíveis frustrações, evasão e até ao adoecimento.

Destacamos como os cursos Técnicos também reproduzem a ideia de seus/uas formandos/as serem rapidamente absorvidos pelo mercado, porém, até o momento da entrevista dessa pesquisa, Sonhadora ainda não havia atuado profissionalmente em

nenhuma das duas áreas que havia se formada, inclusive esquecendo-se de anunciar sua formação em Administração em sua ficha de informações.

Felipe ao concluir o técnico de Mecânico Automotivo viu-se descontente com sua escolha pois o país já não era o mesmo de quando havia iniciado o curso. O Brasil em 2019 registrou uma queda de 26,7% de emplacamentos de automóveis de acordo com Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fontana, 2021), demonstrando que quando a escolha profissional tem como principal critério o ‘mercado como regulador’ pode-se ulteriormente conduzir a duras frustrações.

Foi possível perceber através dos indicadores das narrativas de Meyri (I. 5, *Não me sinto capaz de alcançar os cursos que desejo*; I. 6, *O Reconhecimento Intersubjetivo é fundamental para autorrealização*) que cursar o Ensino Superior em si é sentido como mais importante do que a identificação com o próprio curso, alertamos que nessas situações a evasão e o adoecimento são situações possíveis no futuro.

Nessa pesquisa definimos sonhos como projetos construídos dialeticamente com as múltideterminações psicossociais, econômicas, culturais e ambientais do contexto sócio-histórico no qual são elaborados, e apresentamos a seguir algumas considerações sobre os sonhos dos/as Estudantes dos cursinhos participantes desta pesquisa.

Os sonhos dos/as Orientandos/as demonstrarem-se concretos, porém, as altas notas de cortes são sentidas como obstáculos que fazem os/as Orientandos/as desinteressarem-se pelos cursos almejados e produz uma imagem de serem cursos exigentes, difíceis e onerosos como apontado por Meyri e Mônica.

Aurora, Meyri e Mônica declararam em suas narrativas o sonho de adquirir uma casa própria, ambas relataram os conflitos no tocante a moradia, Aurora havia residido em diversas casas e não se sentia pertencente em sua atual residência, e Mônica atravessava um período conflituoso com a família.

Mônica tinha o sonho de ser maquiadora e ter um estúdio de beleza em cima da sua casa própria, porém, a Orientanda não trouxe para os encontros do POP on-line esses desejos revelando-os somente durante a entrevista. Entendemos que Mônica interpretou que esses não eram sonhos a serem discutidos em um processo de Orientação Profissional, por isso, entendemos ser imprescindível que o/a Orientador/a Profissional atuante em cursinhos populares busque se aprofundar em conhecer os sonhos concretos dos/as Estudantes para que com eles/as possam criar Planos de Ação na busca de realização desses sonhos.



Ana e Felipe declararam estarem realizando o curso de seus sonhos, porém, não nas instituições de ensino que almejavam, somente Felipe afirmou estar exercendo a profissão que havia sonhado.

Sonhadora através do PROUNI conseguiu uma bolsa de estudos para cursar Dança na UNICAMP, mas devido à distância, o desemprego e a falta de políticas públicas eficientes para garantir sua permanência estudantil referente a renda, alimentação e moradia, tornou-se absolutamente inviável usufruir de seu direito e realizar seu sonho, problemática já apontada pelos resultados da pesquisa de revisão bibliográfica sobre a democratização do acesso ao Ensino Superior feita por Santos e Ataíde (2019).

As dificuldades financeiras atravessaram a vida dos/as participantes de diversas formas, entre elas, empurrando-os/as para o trabalho informal ainda na puberdade (Aurora, Ana, Sonhadora, Felipe). Assim, os sonhos desse/as jovens cedem espaço ao trabalho concreto para contribuir com a renda da casa, podendo ser abandonados durante sua trajetória de vida ou resgatados no futuro como os cursos escolhidos por Sonhadora e Felipe, cujos, os sonhos retornaram em um momento de transição na vida de ambos e vieram carregados de novos sentidos e significados impulsionando-os/as na busca ativa para realizá-los.

Aurora, Sonhadora e Ana começaram a trabalhar entre 12 e 14 anos de idade, demonstrando como a necessidade de auxiliar na renda familiar pode impactar a puberdade, adolescência e o estudar, “*sempre trabalhei desde nova e. . . ah. . . e fui, fui trabalhando, né, porque eu queria conquistar os meus objetivos, meus sonhos, né, pois venho de família humilde tal*” (Sonhadora, I. 1, *Trabalho desde nova e fazer faculdade vai ajudar a superar a pobreza*).

No contexto capitalista neoliberal, o trabalhar não deixa de ser uma atividade humana de transformação da natureza e de humanização (Marx, 2011), porém, é sentido como uma necessidade fundamental para suprir necessidades básicas, ou seja, ‘trabalhar é necessidade’ (Souza, 2019). Alertamos que quando as necessidades básicas não são supridas pelo trabalhar quando esse é sentido como necessidade, essa atividade laboral pode conduzir a desumanização.

Para Sonhadora, Aurora e Meyri, o exercício de suas futuras profissões possibilitaria recursos financeiros para uma melhor qualidade de vida diferente da atual realidade marcada pelas dificuldades financeiras e o Ensino Superior seria o meio pelo qual chegaria às essas profissões, ou seja, os/as Jovens dos cursinhos populares periféricos, buscariam ‘estudar para trabalhar’ e não necessariamente ascender

socialmente como encontrado nos resultados das pesquisas de Blustein et al. (2017), Figueiredo e Barbosa (2015), S. Oliveira (2009), Santos e Ataíde (2019), e S. Silva (2014).

As análises das narrativas de todos/as os/as participantes, incluindo os/as Estudantes, Professores/as, Coordenadores/as e Psicólogos/as apontaram como a complexidade da realidade dos territórios periféricos, marcados pela violência, violação de direitos, distanciamento do centro/capital, falta de políticas públicas comprometidas com a transformação social, entre outros fatores, impactam, atravessam e produzem dialeticamente subjetividade, conforme apontado nos trabalhos de J. Almeida (2017), Freire (1983), Freire e Shor (1986), Galeão-Silva (2017), Honneth (2003), Lane (1981), Lane e Codo (1984), Macêdo et al. (2015), Mendes e Rufatto (2015), A. Oliveira (2009), F. Oliveira (2020), e R. Silva (2014).

Concordamos com Galeão-Silva (2017) que as periferias são “lugar produtor de identificações e identidades sociais de grupos que resistem e criam novas formas de expressão, memória e organização social. . . pode ser compreendida como um significante para designar locais sociais de pessoas oprimidas e desconsideradas como cidadãs” (p. 91-92).

Sentimentos negativos como não se sentir merecedor/a, baixa autoestima, inferioridade, incapacidade, individualidade e insegurança foram encontrados nas narrativas dos/as orientados/as, os quais combinados com a internalização de ideologias neoliberais podem conduzir os/as Jovens a reduzirem quantitativamente seus sonhos não vislumbrando possibilidade de realizá-lo chegando até não se permitirem sonhar, expressando dessa forma a contradição de uma sociedade que exige dos/as Jovens a escolha de uma profissão, ou seja, ser-no-mundo através da ocupação profissional, mas concomitante impossibilita a juventude periférica de sonhar devendo esses/as permanecerem no lugar psicossocial no qual se encontravam. Dessa forma, entendemos que a experiência duplicada<sup>8</sup> (Marx, 2011, Vygotsky, 1991, 2004) não se concretiza fazendo diversos/as Jovens das periferias permanecerem no plano das ideias, da imaginação, produzindo significações que podem transformar o sonho no próprio

---

<sup>8</sup> Pela perspectiva do materialismo histórico-dialético, a experiência duplicada seria o processo de reprodução mental de atividades a serem realizadas no futuro. Marx (2011) utilizou esse conceito como um dos elementos fundamentais para diferenciar os seres humanos dos animais e Vygotsky (1991, 2004) o aplicou em seu conceito de formação da consciência.

obstáculo a ser superado e de idealizações na busca acrítica de realizar os ‘sonhos podados’.

Interpretamos o empreendedorismo como uma das formas de idealização na busca de realização de sonhos e concordamos com F. Oliveira (2020) que o empreendedorismo por uma perspectiva da Psicologia Social deveria ser estudado “como uma constante chamada à ação, um processo de aprendizado imposto como inescapável” (p. 124) ao invés de ser compreendido como algo da dimensão comportamental, motivacional ou até espiritual da pessoa.

Altruísmo, solidariedade, coletividade e esperança foram sentimentos positivos encontrados nos indicadores, como fundamentais para os processos emancipatórios dos/as Estudantes (I. 4, *Ser inspiração para outras pessoas me motiva e dar forças*; I. 6, *O Reconhecimento Intersubjetivo é fundamental para autorrealização*; I. 7, *O reconhecimento é fundamental para autorrealização*; I. 8, *O trabalhar que proporciona felicidade gera aprendizagem e produz conhecimento*; I. 9, *Conscientização sobre a função social das profissões é determinante de uma boa escolha*)

Destacamos a contradição de como a renda da profissão dos sonhos é sentida no futuro por Aurora, Sonhadora e Meyri como insuficientes em suprir as necessidades básicas de sobrevivência, sendo necessário atuar em dois lugares diferentes ou até exercer duas profissões diferentes (a dos sonhos e outra) para completar renda.

Nas projeções de futuro de Aurora e Sonhadora foi possível detectar a presença do trabalho doméstico sendo realizado de forma exclusiva pelas Orientandas que se enxergavam casadas, demonstrando uma reprodução da naturalização do trabalho doméstico ao gênero feminino (Aruzza, Bhattacharya, & Fraser, 2019; Davis, 2016; Rosado & Maria, 2012), sendo, portanto, importante incluir nos encontros de OPC a discussão sobre complexidade das relações de gênero, na busca de conscientizar, desconstruir e combater as duplas e triplas jornadas de trabalho das mulheres.

Ser inspiração, referência e modelo para seus/uas familiares foram os sentidos atribuídos por Sonhadora e Aurora para estudar o curso almejado e futuramente exercer a profissão escolhida, sendo esses sentidos em si a própria motivação na busca por realizá-los. Aurora acrescentou que estudar o curso dos seus sonhos seria uma forma também de retribuir toda a ajuda voluntária e solidária que recebeu durante sua trajetória, evidenciando que “a escolha profissional de caráter individual tem natureza social” (A. Bock & S. Bock, 2005, p. 8).

Autorrealização, possibilidade de melhorias de qualidade de vida e ajudar outras pessoas foram os sentidos do trabalhar encontrados nas narrativas dos/as participantes, *“sentir completa, na minha vida profissional, na minha vida amorosa, familiar, assim feliz por completo”* (Meyri, I. 7); *“fazer essa diferença na vida das pessoas também . . . saber que eu vou poder ajudar ela de alguma forma”* (Meyri, I. 7); *“ser uma referência . . . família, os meus sobrinhos . . . eu acho que é isso que me dá força”* (Sonhadora, I. 4). Além desses, Felipe declarou a importância do trabalhar possibilitar uma aprendizagem contínua, *“aprendendo bastante no trabalho onde eu tô”* (Felipe, I. 8); foi possível perceber como para Ana e Aurora o sentido da profissão está em sua função social, na transformação de uma realidade coletiva *“a sua profissão é pelo que você pode fazer pelo outro”* (Ana, I. 9); *“como uma pessoa que vai contribuir pra a sociedade de alguma forma”* (Aurora, I. 10).

O Reconhecimento Intersubjetivo do/a Outro/a atestando a boa qualidade dos serviços prestados apareceu como elemento fundamental para autorrealização, *“vontade que pessoas me reconheçam assim, pelo que eu faço . . . elas lembrem com adjetivo bom sabe . . . eu queria muito ser um exemplo”* (Meyri, I. 7); *“ver e enxerga em mim uma referência tipo de querer estudar de querer algo melhor”* (Sonhadora, I. 4); *“ser reconhecida profissionalmente . . . quero que isso não seja uma dúvida para a outra pessoa . . . porque, as pessoas duvidam sempre da minha capacidade”* (Aurora, produção Projeto de Vida, seção 6.6.3.5).

Do ponto de vista familiar, o trabalhar também foi sentido por Aurora e Meyri como algo que afasta pais, mães, filhos/as, afrouxa os laços familiares, e a rotina pode conduzir a situações, no qual as pessoas tornam-se desconhecidas entre si, *“mãe começou a se afastar . . . basicamente ela começou a viver no trabalho . . . ficar estudando, estudando, (sorrisos), trabalhando, trabalhando, trabalhando . . . ela faltava como mãe”* (Aurora, I. 11); *“meu pai nunca tá em casa e minha mãe sempre tá trabalhando”*, porém, *“foi muito difícil lidar com a convivência deles dentro de casa”*, onde teve que *“aprender a lidar com, com estresse de todo mundo, com as alegrias, com as emoções”* (Mônica, I. 12).

#### **7.4. Categorias: Família; Dificuldades Financeiras; Territórios; Conjuntura Política; Necropolítica; Precarização do Ensino Público; Evasão Escolar; Ensino Remoto Precário; Exclusão Digital; Violências; Criminalidade; Prostituição; Homofobia; Mercado como Regulador das Profissões; Falta de Reconhecimento Intersubjetivo; Falta de Conscientização Racial**

O quarto objetivo específico foi investigar quais seriam os obstáculos que impedem a emancipação dos/as Estudantes no aqui-e-agora.

Os indicadores agrupados nesse tópico foram: (I. 1) Pandemia potencializou a toxicidade e violência da minha família; (I. 2) Me sentir burra no ensino on-line; (I. 3) Meus maiores desafios são as dificuldades financeiras, manter a cabeça saudável e não perder as esperanças; (I. 4) Trabalho desde nova e fazer faculdade vai ajudar a superar a pobreza; (I. 5) Fui fazendo minhas escolhas de acordo com o contexto da minha vida; (I. 6) A pandemia aumentou as dificuldades já existentes para conseguir emprego; (I. 7) O ensino on-line aumentou as desigualdades sociais; (I. 8) Estudar on-line durante a pandemia foi adoecedor; (I. 9) Tenho minha profissão dos sonhos, mas preciso escolher outra para ter renda; (I. 10) Foi traumático estudar durante a pandemia sem ajuda de ninguém; (I. 11) Os diversos lutos por conta da pandemia podem levar ao esmorecimento; (I. 12) Ensino remoto precário reproduz uma educação precária; (I. 13) O contexto sócio-histórico impacta dialeticamente na construção e realização dos projetos de vida; (I. 13) Etarismo e conjuntura política como determinantes para o desemprego de Jovens da periferia; e (I. 14) A distância entre a periferia e o centro é um obstáculo a ser superado cotidianamente.

Mostram-se múltiplos, diversos, complexos e transversais os determinantes que impedem a emancipação dos/as Estudantes de cursinhos populares, por essa razão, é possível encontrá-los nos tópicos anteriores.

Tendo como base de análise o materialismo histórico-dialético, entendemos que os fenômenos apontados pelos resultados da pesquisa possuem uma história que antecede as entrevistas realizadas, ou seja, analisar os obstáculos presentes no aqui-agora pela abordagem sócio-histórica é entrar em contato com situações que estão em movimento e que podem ser superadas havendo as condições necessárias para transformação da realidade. Os obstáculos apontados pelos indicadores foram:

- Na esfera familiar: dificuldades financeiras; negligência; conflitos nas relações familiares; violência parental; separação conjugal; falta de apoio familiar; cuidar dos/as irmãos;
- Na esfera pessoal: trabalhar na puberdade; ideologias neoliberais; violências; perda da saúde mental, stress; desesperança, baixa autoestima, insegurança;
- Na esfera social: trabalhar na puberdade; ideologias neoliberais, distância entre periferia e centro; violências, tráfico, prostituição, preconceitos, intolerância à diversidade; falta de conscientização racial; questões de gênero; etarismo; mercado de trabalho; falta de Reconhecimento Intersubjetivo;
- Na esfera política: ideologias neoliberais; distância entre periferia e centro; falta de políticas públicas adequadas à realidade das periferias; necropolítica do Estado; conjuntura política;
- Na esfera econômica: dificuldades financeiras; ideologias neoliberais; mercado de trabalho; primeiro emprego; desemprego;
- Na esfera educacional: ensino público deficitário; ensino remoto precário; exclusão digital; mercantilização da educação;
- Nas condições materiais: moradia; alimentação;
- No mundo virtual: Exclusão digital; falta de espaço físico adequado para estudar no formato on-line.

As vicissitudes dos conflitos existentes na socialização primária dos/as Estudantes dos cursinhos populares têm repercussão em maior ou menor grau no decorrer de todas as fases do desenvolvimento sociocognitivo-afetivo de suas vidas, impactando suas percepções *sobre si no e do mundo*, sobre seus sonhos, desejos, medos, anseios e projetos de vida e de trabalho, por exemplo: Aurora e Sonhadora buscavam traçar caminhos diferentes daqueles percorridos por seus pais.

Cuidar dos irmãos mais jovens enquanto o/a(s) responsável(is) trabalha(m) é uma responsabilidade prematura ocorrida diante da inexistência de outros recursos, podendo trazer eventuais prejuízos na aprendizagem e no desenvolvimento psicossocial.

As dificuldades financeiras impactam as diversas esferas da vida dos/as Estudantes, as famílias sofrem com a falta de renda, e os/as Jovens ainda na puberdade (ou até na infância) buscam através do trabalho informal aumentar a renda familiar, podendo causar impactos negativos em diversas áreas da vida entre elas, o estudar e a socialização. De acordo com a PNAD de 2019, a participação de dependentes no mercado de trabalho chegou a 60,1% (Gavras, 2020); no ranking latino-americano sobre Jovens de

15 a 29 inseridos em trabalhos informais o Brasil só perde para o Paraguai (Souza, 2019), demonstrando que, para muitos/as Jovens brasileiros/as, não trabalhar não é uma opção.

A conjuntura política, os constantes cortes orçamentários na Educação e a falta de investimentos contribuíram para a precarização nos níveis Fundamental e Médio do ensino público findando em uma educação deficitária com severas lacunas (Bianchi, & Costa, 2020), e os/as Estudantes atravessados por ideologias neoliberais podem tomarem para si a exclusividade da responsabilidade por sua aprendizagem, afetando sua autoestima e interação com demais colegas de sala e Professores/as, podendo levar a evasão escolar.

A evasão escolar é multifatorial (Carvalho, 2017; Mendes & Ruffato, 2015) e durante a pandemia da COVID-19 alcançou proporções colossais, porém, o desinteresse dos/as Estudantes foi apontado nas narrativas dos/as participantes (Aurora, Meyri, Sonhadora, Pandora) como um dos múltiplos motivos pelas ausências dos/as Estudantes nos encontros do POP on-line, interpretamos que esse pensamento descontextualiza o/a jovem responsabilizando-o/a pela evasão e obstaculizar os sentimentos de coletividade.

A frustração no estudar levanta um alerta, pois, a depender da frequência e da intensidade pode conduzir a individualização do sofrimento desconsiderando a dimensão social, política e sanitária da Educação em tempos de pandemia, podendo gerar sofrimentos psicossociais, sentimento de culpa, quadros de exaustão e até de doenças como depressão e ansiedade. Por essa perspectiva concordamos com o posicionamento de Veiga (2019) que diz que o “sofrimento psíquico não é da ordem da intimidade, ele é político” (p. 245).

A exclusão digital em tempos de pandemia da COVID-19 foi uma das multideterminações no aprofundamento das desigualdades sociais, demonstrando que esse é um espaço complexo e não se reduz as mídias sociais, e mesmo sendo um direito constitucional previsto na *Proposta de Emenda à Constituição* N° 8, de 2020, ainda precisa ser disputado, conquistado e ocupado pela juventude periférica.

A urgência da implantação do ensino on-line diferenciou-se entre o ensino privado e público, nesse último, o EaD tomou as características de um ensino remoto precário (Viera, Bianchi, & Costa, 2020). A falta de espaço adequado para estudar em casa, de cooperação e apoio familiar foram problemas comuns à muitos/as Estudantes, principalmente entre aqueles/as que dispunham somente do celular para estudar no formato on-line e passando serem vistos/as constantemente manuseando o aparelho

eletrônico, imagem que possivelmente para alguns pais e mães não era associada a estudar, podendo desencadear conflitos.

A evasão e a falta de recursos básicos necessário para acesso a uma internet de boa qualidade afetaram docentes e discentes nos cursinhos populares, algumas unidades encerraram suas atividades, porém, a Rede Emancipa inaugurou outros cursinhos em território nacional e internacional como em Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau, fez parcerias com UFRJ, UFMG, UFBA, Instituto Paulo Freire e Universidade de Cambridge; e realizou a campanha Solidariedade Ativa em âmbito nacional arrecadando centenas de quilos de alimentos, kit de higiene e livros.

Todas essas ações demonstraram a expansão da Rede Emancipa, porém, assim como os/as Estudantes que ficaram distantes dos cursinhos, alguns/mas docentes e Coordenadores/as não acompanharam esses avanços comprometendo o olhar holístico sobre o Movimento de Educação Popular, permanecendo focalizados/as nos cursinhos, setor da Rede Emancipa que mais sofreu com os impactos psicossociais da pandemia, levantamos a hipótese que esse olhar focalizado nos cursinhos populares pode contribuir para que Educadores/as e Coordenadores/as participantes da pesquisa ao consenso sobre a descaracterização da função social dos cursinhos durante a pandemia.

O futuro sempre se fez incerto, porém, os impactos psicossociais da pandemia somados aos discursos incongruentes, ambíguos e dúbios por parte de autoridades do Estado potencializaram as incertezas, inseguranças e medos dos/as Estudantes que se preparavam para as provas vestibulares e produziram diversas, complexas e heterogêneas problemáticas psicossociais; o direito à saúde foi atropelado pela necessidade de trabalhar da população periférica que não pode permanecer em quarentena trabalhando de forma remota; e a nova realidade insalubre proporcionou outros adoecimentos e comprometimentos à saúde mental da classe trabalhadora.

No dia 09 de novembro de 2020, a repórter Sônia Bridi apresentou uma reportagem no Fantástico sobre a falácia da meritocracia fazendo a analogia entre os esforços necessários para subir uma escada normal, uma escada rolante e tentar subir uma escada rolante que está descendo, essa última seria o lugar (psicossocial) onde estariam a maioria dos/as brasileiros/as. A repercussão da metáfora foi positiva sendo reproduzida em outros locais como forma didática para abordar as desigualdades sociais, mas ressaltamos que a população pobre antes da pandemia já encontrava-se nessas condições enfrentando forças opressoras que vinham na contramão de suas ações, podendo seus sonhos, pessoas que algum dia falaram ou apenas pensaram algo parecido como “parece



que a gente andou, andou e não saiu do lugar”, com certeza já sentiram em todos os poros da sua pele a ação dessas “forças retrógradas invisíveis”. No sistema capitalista, os territórios periféricos foram os mais letalmente afetados durante o período pandêmico escancarando as desigualdades sociais de forma que pessoas que não viviam naquele contexto somente a partir daquele momento passaram a perceber essa outra realidade.

As periferias são heterogêneas e cada território possui suas particularidades composto por uma pluralidade de realidades, o contexto de violências dentro e fora das residências e os convites para ingressar na criminalidade e/ou prostituição são constantes, sendo sentidos como caminhos naturais para alguns/as Jovens das periferias que se veem com seus sonhos podados sem a perspectiva de transcenderem sua realidade, porém, as vicissitudes psicossociais da dominação e da opressão não são homogêneas, possuindo diferentes graus de elaboração podendo conduzir a condições de submissão, adoecimento, stress, desesperança, baixa autoestima, insegurança, reprodução da violência e opressão, mas também podem conduzir ao esperançar, a resistência, coletividade, solidariedade e emancipação (J. Almeida, 2017, Freire, 1983, 1992; Freire & Shor, 1986; Galeão-Silva, 2017; Martin-Baró, 1996, 2009b).

Galeão-Silva (2017) aponta que a distância entre a periferia e o centro obedece a lógica centralizadora do capital, de poder e conhecimento; portanto, seus/uas moradores/as não estão excluídos/as da sociedade, eles/as ocupam, de modo funcional, o *seu espaço* dentro do sistema capitalista do qual fazem parte.

As periferias necessitam de políticas públicas que atendam de forma adequada suas realidades, porém, as narrativas dos/as participantes descrevem sentimentos de abandono, de falta de cuidado e de distanciamento do Poder Público revelando, assim, as artimanhas de uma necropolítica do Estado sobre os territórios periféricos (Mbembe, 2016).

As dificuldades do primeiro emprego, o desemprego e o mercado de trabalho são elementos que contribuem para a manutenção do *status quo*; incentivam a mercantilização da Educação reforçando valores neoliberais como a competitividade, a meritocracia e a responsabilização individual pela vida, contribuindo ideologicamente na idealização do empreendedorismo como forma de panaceia para as diferentes realidades periféricas, findando na produção de um exército de reserva (Marx, 2011), de acordo com PNAD divulgada em 29 de dezembro de 2020, entre agosto a outubro a taxa de desemprego chegou a 14,3%.

O mercado de trabalho, como regulador das profissões, impulsiona o sistema educacional e retira de atividade parcelas de pessoas para a devida qualificação ou obtenção de novas competências, essa diminuição do proletariado industrial e do aumento da qualificação da força do trabalho implica em um desemprego estrutural, o qual seria análogo a ideia marxista de exército de reserva, só com proporções maiores e reforça a mercantilização da Educação (S. Bock, 2010).

Chamou-nos a atenção o uso de língua estrangeira por Aurora e Sonhadora ao se referirem as suas atividades de trabalho informal, atentamos que a tradução para língua portuguesa da palavra '*freelancer*' seria algo semelhante a 'trabalhador/a autônomo/a'. Entendemos que até a década de 1990 era justamente esse o sentido empregado nessa palavra pelas pessoas que estavam na informalidade, sendo sinônimo de 'bico' ou 'viração' de acordo com F. Oliveira (2020). Porém, considerando que a língua portuguesa não é estática, estando em constante movimento e analisando as narrativas dos/as participantes dentro de seus contextos, levantamos a hipótese de que o uso da pronúncia inglesa por algumas pessoas provavelmente deve-se a internalização de uma ideologia neoliberal apoiada na flexibilização das leis trabalhistas e expressa a diferenciação entre os/as trabalhadores/as informais, podendo dificultar a identificação e o Reconhecimento Intersubjetivo dessas pessoas como pertencentes à classe trabalhadora, segregando-a e servindo aos interesses da classe dominante.

A misoginia, o patriarcado e o machismo são preconceitos que atravessam significativamente a subjetividade das mulheres das periferias desde a tenra infância e empurram para situações insalubres e de naturalização do trabalho doméstico e reprodutivo ao gênero feminino (Aruzza, Bhattacharya, & Fraser, 2019; Davis, 2016).

A homofobia pode aumentar os casos de feminicídio, de acordo com o [Mapa da Desigualdade 2020 elaborado pela Rede Nossa São Paulo \(2020\)](#), a violência contra a mulher aumentou em 64% na cidade de São Paulo entre os anos de 2016 e 2019, passando de 50.566 casos registrados para 83 mil somente na capital paulista, o índice de feminicídio também apresentou aumento de 72%, chegando a 163 casos registrados em 2019, enquanto em 2016 foram 95 casos (Jordão, 2020).

As dificuldades enfrentadas pelas mães de Ana, Aurora e Sonhadora na criação e educação dos/as filhos/as diante da negligência do ex-companheiro é também a realidade de cerca de 11 milhões de mulheres no Brasil de acordo com os dados do IBGE atualizados em 2018, onde 61% são mulheres negras e 63% encontram-se abaixo do nível da pobreza (J. Silva, 2020).

Meyri (17 anos) quando questionada sobre sua raça/etnia respondeu que até então, nunca havia pensado sobre o assunto e nem sido indagada por ninguém. Felipe (17 anos) na ficha de informações se autodeclarou pardo, mas durante a entrevista ao narrar um momento de vitória referiu-se como pessoa negra. E Sarah (31 anos) estranhou a questão sobre sua raça/etnia e respondeu ser humana, possivelmente sua branquitude pode não ter criado possibilidades de reflexão sobre si dentro dos temas das relações étnico-raciais mesmo atuando na Rede Emancipa desde 2008, não sendo incomum as pessoas brancas não reconhecerem sua raça/etnia, atribuindo essa categoria somente às pessoas negras (Bento, 2002; Davis, 2016; Fanon, 2008; Gonzales, 2020; Veiga, 2019).

A falta de conscientização racial favorece ao mito da miscigenação (e impossibilita olhar criticamente para as raízes históricas das relações étnico-raciais desde a época da escravidão e as vicissitudes de sua pseudoabolição que proporcionaram heranças diferentes e significativamente discrepantes para pessoas negras e brancas, onde as primeiras passaram a ocupar um lugar marginalizado no imaginário social e também de forma concreta nos territórios periféricos, enquanto, o segundo grupo passou a desfrutar de privilégios devido a cor de sua pele (S. Almeida, 2018; Bento, 2002; Fanon, 2008; Gonzales, 2020; Veiga, 2019).

A falta de Reconhecimento Intersubjetivo demonstrou ser um fenômeno transversal nas dimensões intersubjetivas e intrapsíquicas dos/as Estudantes e sua ausência faz emergir dúvidas, autocobrança, insegurança, baixa autoestima, sentimentos que contribuem para a manutenção do *status quo* e dificultam a transformação da realidade coletiva.

### **7.5. Uma proposta de OPC em cursinhos populares como estratégia orientada à emancipação de seus/as Orientandos/as**

O objetivo geral da pesquisa era compreender se, e como, a OPC realizada em um cursinho popular pré-universitário pode se constituir numa estratégia orientada para a emancipação de seus/suas Orientandos/as.

Todos os indicadores contribuíram em diferentes gradações na composição desse tópico destacando-se os seguintes: (I. 1) Informação, diálogo e solidariedade são armas para emancipação; (I. 2) Estou em uma fase de construção de mim, não me permitindo a sonhar; (I. 3) A Orientação Profissional me ajudou abrir a mente; (I. 4) O Reconhecimento Intersubjetivo é fundamental para autorrealização; (I. 5) A Orientação

Profissional transformou a forma como me vejo; (I. 6) A Orientação Profissional me fez criticar meus gostos para me conhecer melhor; (I. 7) Consciência crítica como determinante de uma boa escolha profissional; (I. 8) Escolha profissional como instrumento para transformação da realidade coletiva; (I. 9) Cursinho popular como instrumento para emancipação dos/as Estudantes das periferias; (I. 10) Cursinho popular como espaço psicossocial que supre lacunas do ensino público; (I. 11) Cursinhos populares salvam vidas trazendo informação e educação popular; (I. 12) Cursinhos populares ajudam na realização de sonhos; (I. 13) Orientação Profissional como instrumento para acesso à outras realidades; e (I. 14) Orientação Profissional é focada na profissão.

Os resultados da pesquisa apontaram que a OPC pode ser sim uma estratégia orientada à emancipação de seus/suas Orientandos/as, produzindo novas narrativas, e auxiliando na produção de novos sentidos e significados para o estudar, trabalhar e sobre o passado, presente e futuro. Porém, destacamos que, de acordo com os indicadores das narrativas, se faz necessário algumas particularidades nos campos teóricos, metodológicos e técnicos da OPC para sua atuação estratégica.

Relembramos que estratégia nessa pesquisa é compreendida como ‘um meio para um determinado fim’, ou seja, ela é focal e configurada como um processo composto por atividades sistematizadas, estando de conformidade com a definição de Bohoslavsky (2015) sobre estratégia ser uma “síntese interativa entre o ver, o pensar e o atuar” (p. 72).

Considerar o contexto *onde* realiza-se a OPC é de suma importância para o/a Orientador/a alcançar os objetivos almejados, e a congruência entre: i) sua visão de mundo do Orientador/a Profissional, ii) seu posicionamento ético-político, iii) sua *práxis*, com os valores, a missão e a visão de mundo do Movimento Social (ONG ou Instituição) responsável pela gestão e administração dos cursinhos pré-universitário onde atuará (na maioria das vezes de forma voluntária) são condições *sine qua non* para a elaboração de uma OPC como uma estratégia orientada à emancipação dos/as Estudantes.

A OPC ao ser integrada à grade curricular dos cursinhos, passa a fazer parte da rotina daquele local de forma indissociável deste, não sendo mais possível ser pensada de forma descontextualizada dos cursinhos, onde as vicissitudes das atividades produzidas nos encontros de OPC são concomitante os efeitos psicossociais produzidos pelas ações dos cursinhos, local onde as pessoas que ali se encontram identificam-se basicamente entre dois grupos: os/as discentes e os/as docentes, motivo pelo qual, docentes e discentes associam o signo de Professor/a ao/a Orientador/a Profissional.

Por essa perspectiva, poder-se-ia dizer que o/a Orientador/a Profissional é também um/a Educador/a Popular.

Os processos emancipatórios por serem dialéticos não estão livres da contradição e encontram-se em constante movimento, e podem ser compreendidos como um provisório processo sócio-histórico envolvendo lutas e conquistas parciais de grupos marginalizados devido a capacidade renovadora de dominação do capitalismo (J. Almeida, 2017; Freire, 1983; Freire & Shor, 1986; Galeão-Silva, 2017; Martín-Baró, 2009a).

Os trabalhos de Aguiar, Bock e Ozella (2007); Blustein, McWhirter e Perry (2005), S. Bock, (2010, 2013), Dias e Soares, (2007), Hooley e Sultana (2016), Hooley, Sultana e Thomsen (2020), Rascován (2005), Ribeiro (2020), R. Silva (2014), F. Silva (2010) e Sultana (2010, 2018), já apontavam o potencial emancipador da OPC realizada em diferentes contextos junto à população pobre ou com pessoas em condições de vulnerabilidade psicossocial.

Figueiredo e Barbosa (2015), Silva et. al. (2015), Valore e Cavallet (2012) e Whitaker (2010), em suas pesquisas realizadas com Estudantes de cursinhos populares, também destacaram como a OPC pode ser um instrumento para emancipação.

Entendermos que trabalhar com a emancipação dos/as Jovens das periferias através da OPC é uma *práxis* que não deve ser engessada dentro de uma configuração que se propõe a ser uma receita pronta e infalível a ser aplicada de forma a homogeneizar todas as práticas interventivas que compartilham do mesmo propósito.

Ressaltamos que a OPC que se propõe a atuar com a população das periferias, estará consequentemente atuando com um grupo composto majoritariamente de pessoas negras, e pensadores/as como S. Almeida (2018); Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019); Davis (2016); Fanon (2008); e Veiga (2019), defendem veementemente que as subjetividades negras possuem particularidades que a Psicologia tradicional-europeia-colonialista não se ocupa em compreender, e portanto, deve-se o/a(s) Orientador/a(es/as) Profissional(is) deve(m) buscar por outros referencias teóricos quando se propõem em atender as necessidades psicossociais dessa população.

Afim de responder aos objetivos da pesquisa de como a OPC se constitui em uma estratégia orientada à emancipação dos/as Estudantes de cursinhos populares, buscou-se reunir dialeticamente as novas categorias descritas nos tópicos anteriores, produzindo simultaneamente uma síntese dessas como um resultado/produto final de nossa pesquisa, concomitante uma proposta de uma estratégia OPC em cursinhos populares orientada à

emancipação, onde apontamos algumas condições consideradas por nós necessárias para a *práxis*:

Em relação ao/à Orientador/a profissional, recomendamos que possa:

- Contextualizar as teorias, métodos e técnicas da OPC à realidade dos/as Orientandos/as, em conformidade com sua *práxis* e valores, privilegiando teorias que supera de forma crítica a dicotomia pessoa-sociedade;
- Ter uma atuação diretiva em auxiliar na emancipação dos/as Jovens;
- Fazer uso da Informação Dialogada;
- Privilegiar as relações intersubjetivas Orientador/a-Orientando/a, Orientador/a-grupo, Orientando/a-Orientando/a e Orientando/a-grupo;
- Estar atento/a para desconstrução de possíveis estereótipos que o/a Orientando/a e/ou grupo tenha(m) sobre sua pessoa profissional;
- Refletir sobre os alcances de sua *práxis* e, se necessário, replanejar ações e/ou atividades durante o processo;
- Realizar o encerramento da OPC concomitante a separação intersubjetiva de forma gradual e dialogada;
- Acompanhar e participar sempre que possível das demais atividades produzidas no cursinho onde está atuando, entre elas, as reuniões entre Coordenadores/as e Educadores/as Populares e Estudantes;
- Acompanhar e participar sempre que possível das atividades extra dos cursinhos realizadas pelo movimento social, ONG ou Instituição, no qual esteja inserido/a;

Ainda em relação ao/à Orientador/a profissional:

- A pessoa real do/a Orientador/a profissional pode ser um instrumento na desconstrução de estereótipos e também objeto de identificação para os/as Orientandos/as;
- O Respeito e o Reconhecimento Intersubjetivo para além de uma postura ética podem ser instrumentos de intervenção; e
- Refletir sobre qual o seu papel social no cursinho, sobre como se vê (ou não) como um/a Educador/a popular.

Em relação a OPC, recomendamos que ela possa:

- Fornecer informações sobre o mundo do estudar, do trabalhar e das profissões durante o processo;

- Através da Informação Dialogada e de atividades em campo promover o acesso dos/as Orientandos/as à outras realidades;
- Auxiliar os/as Orientandos em seus processos de autoconhecimento, de Projeto de Vida, e de Planos de Ação;
- Ter como objetivo a conscientização crítica dos/as Orientandos/as sobre as multideterminações envolvidas em seus processos de escolha profissional, ou seja, tornar visíveis as correntes invisíveis que impendem a emancipação;
- Conhecer, compreender e analisar os sentidos e significados do estudar, trabalhar e das profissões para os/as Orientandos/as considerando seus contextos;
- Conhecer, compreender e analisar os sentidos e significados atribuídos aos projetos de futuro dos/as Orientandos/as para auxiliá-los/as na construção de um Projeto de Vida e de um Plano de Ação passível de realização dentro de suas realidades;
- Conhecer e compreender dentro do contexto sócio-histórico dos/as Orientandos/as seus sonhos concretos e auxiliá-los/as na elaboração de Planos de Ação passível de realização dentro de suas realidades;
- Alternar atividades em grupo e individuais dentro e fora das salas de aula;
- Abrir espaço para discussões sobre classe social, raça/etnia, gênero, orientação sexual, trabalho doméstico, trabalho reprodutivo, função social das profissões, mercado de trabalho como regulador das profissões, gravidez na adolescência, flexibilização das leis trabalhistas, informalidade, desemprego, precarização do estudar e trabalhar, criminalidade, sonhos entre outros temas presentes na realidade dos/as Orientandos/as e que o/a Orientador ache pertinente.
- Valorizar o processo em si;

Entendermos que nossa proposta atende grande parte das recomendações do Professor Marcelo Afonso Ribeiro descritas em *Comprensiones híbridas y diálogo intercultural: Dos principios básicos para la construcción de propuestas contextualizadas en orientación y asesoramiento para la carrera*, e sintetizadas aqui:

- 1) Enfrentamento da flexibilização, individualização e precarização do mundo do trabalho e das carreiras para atender às demandas sociais e de trabalho contemporâneas de forma socialmente justa.
- 2) Contextualização das teorias e práticas.
- 3) Incorporação de novas epistemes em sintonia com os avanços no campo da ciência.
- 4) Ampliação e diversificação do público atendido.
- 5) Incorporação das discussões da interseccionalidade de raça/etnia, gênero/sexualidade e classe social nas teorias e práticas em orientação.
- 6) Incorporação de projetos de transformação social em suas práticas,

como Frank Parsons propôs inicialmente (Ribeiro, 2022, p. 6).

Aproxima-se dos pressupostos epistemológicos da orientação escolar defendida por Martin-Baró (1996):

Um trabalho de orientação escolar conscientizador supõe um esforço para proporcionar a transmissão de esquemas sociais alternativos: a capacidade crítica e criativa dos alunos frente ao que a escola e a sociedade lhes oferecem, um estilo diferente de confrontar a vida social e laboral (Martin-Baró, 1996, p. 21).

E converge com a perspectiva de Hooley, Sultana e Thomsen (2020) de combate à injustiça social, por buscar promover a equidade de acesso à informação sobre o mundo do estudar e do trabalhar para os/as Estudantes de cursinhos populares.

As atividades desenvolvidas pelo POP nos formatos presencial e on-line, articuladas com o desenvolvimento da pesquisa, estão de acordo com as recomendações de Blustein, McWhirter e Perry (2005):

1. Esforço para incorporar a participação democrática de Orientadores/as e população por meio de pesquisa e intervenções;
2. Esforço para realização de pesquisas que abordem as populações mais pobres e carentes de intervenções;
3. Esforço para criar uma consciência crítica;
4. Incorporação de nossas noções de pesquisa e prática ao ativismo social;
5. Estar atento aos fatores sociais (raça/etnia, orientação sexual, deficiência, gênero) que dificultam o acesso das pessoas a trabalhos mais qualificados (p. 10).

A predominância de mulheres nos cursinhos é superior que dos homens, e discussões sobre gênero, trabalho produtivo, reprodutivo e gravidez na adolescência devem estar nas pautas de uma OPC comprometida com a emancipação, pois esses são temas transversais cujos impactos são sentidos de forma mais aguda, profunda e crônica entre as mulheres e mais acentuado nas mulheres as negras.

Rosado e Maria (2012) apontam que *“en los procesos de socialización y construcción de los estereotipos de género influyen diferentes mecanismos: la cultura, la religión, la familia, los medios masivos de comunicación y la escuela”* (p. 37); cabe, portanto, a OPC *“abre la posibilidad de la reflexión acerca del ser y el estar en el mundo; de cuestionar ciertas ideas tradicionales acerca de los roles y los espacios que la cultura asigna a las personas”* (p. 39).

Em relação aos cursinhos populares, os resultados da pesquisa apontaram que os cursinhos populares pré-universitários:



(1) São espaços de socialização, acolhimento, onde os/as Estudantes podem se identificar com a diversidade docente, democráticos, solidários, coletivos, que auxiliam no desenvolvimento psicossocial das juventudes periféricas, buscando auxiliá-los/as na realização de seus sonhos, privilegiando suas histórias de vida, valorizando o processo tanto quanto o resultado pretendido;

(2) Atuam na contramão da necropolítica, dos valores neoliberais e na desconstrução de preconceitos;

(3) Suprem as lacunas causadas pela precarização do ensino público, seja no conteúdo pedagógico ou de fazer chegar informações pertinentes para o desenvolvimento global dos/as Estudantes, por essa razão, não é incomum encontrar graduandos/as inseridos/as nas turmas com o objetivo de se apropriarem de conteúdo do Ensino Médio que ainda lhe são desconhecidos ou incompreendidos;

(4) Auxiliam na leitura crítica do mundo (Freire, 1983; Freire & Shor, 1986);

(5) Possibilitam o acesso a outros serviços, como oficinas de teatro, OPC, psicoterapia, etc.; e

(5) Também às outras realidades.

Entendemos que o conjunto dessas ações se configuram como promoção à saúde de seu público, conforme proposto por Aguiar et. al. (2007), como uma das funções da OPC junto a jovens em situações de vulnerabilidades psicossociais e cumprem o papel de serem uma resistência às forças opressoras e de dominação.

Nas rodas de conversas feitas com os Educadores/as Populares, Coordenadores/as e Psicólogos/as, houve consenso sobre as potencialidades emancipadora dos Círculos de discussão como vigorosos espaços para trocas de conhecimentos.

As narrativas dos/as Estudantes apontaram que os principais momentos de transição e transformação de suas vidas foram acompanhados/as por um/a Professor/a do ensino público ou do cursinho, demonstrando a importância da docência nos processos emancipatórios da juventude periférica e reforçam a frase de Ana que a “*Educação é um direito que viabiliza outros direitos*”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS E MAIS ALGUMAS PROPOSTAS**

O objeto de estudo dessa pesquisa foi a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) realizada em cursinho popular pré-universitário, e o nosso objetivo era compreender se, e como, a OPC poderia se constituir numa estratégia orientada para a emancipação de seus/suas Orientandos/as. E os resultados confirmaram a possibilidade.

A OPC em um cursinho popular pré-universitário, por si só, possui algumas particularidades que não são encontradas em outros contextos, o/a Orientador/a Profissional surge sem ser solicitado em uma sala de aula ocupando um local onde um/a Professor/a ali esteve e outro/a estará após o encontro de OPC, e os/as Estudantes de diversas faixas etárias (de 16 até 50 anos ou mais) passam para a condição de Orientandos/as (sempre na perspectiva do/a Orientador/a, nem sempre pela do/a Orientando/a) e são convidados/as a refletirem de forma crítica suas vidas.

O/a Orientador/a Profissional inserido em um cursinho popular está em um local psicossocial de resistência e luta *da e pela* população periférica, onde Educadores/as Populares se unem para elaborarem atividades pedagógicas e de campo tendo a emancipação dos/as Estudantes como horizonte, portanto, por essa perspectiva (e não por outras) seria uma contradição o/a Orientador/a Profissional pautar suas atividades com outro objetivo que não seja buscar a emancipação dos/as Estudantes, tentando estimular, provocar e auxiliar na conscientização crítica dos/as Orientandos/as, essa seria a contribuição do/a Orientador/a Profissional pela Libertação dos/as Estudantes.

Ao nosso ver, é fundamental, mas não em caráter obrigatório, que para atuar de forma voluntária em cursinhos populares pré-universitários o/a Orientador/a Profissional em sua *visão de mundo* enxergue as correntes das opressões que assolam a juventude periférica e que em seu posicionamento ético-político a *transformação da realidade* seja meta a ser alcançada e tenha conscientização crítica sobre sua raça/etnia, gênero, orientação sexual e classe, nessa última categoria reconhecendo-se pertencente à classe trabalhadora (ou dominante com seus privilégios).

O/a Orientador/a Profissional ao ser reconhecer como pertencente à heterogênea classe trabalhadora realiza um ato ético-político de reconhecer-se como *próprio objeto de estudo*, dessa forma suas ações por si, configuram-se como processos emancipatórios, como Paulo Freire preconizava, de nada valeria aos interesses da futura sociedade emancipada se a liberdade de uma pessoa não auxiliasse na libertação de Outros/as, o subtítulo “*ninguém liberta ninguém, ninguém se libera sozinho, os homens se libertam em comunhão*” do segundo capítulo de *Pedagogia do Oprimido* traz de forma explícita essa reflexão.

A conscientização racial e de classe possibilita que a *pessoa real* do/a Orientador/a Profissional desprovida de *estereótipos* e munido/a com os conhecimentos teóricos, técnicos e metodológicos adquiridos pelo seu estudar e repensados durante a elaboração das atividades e dos materiais a serem utilizados nos encontros da OPC, possa construir uma boa *Relação Intersubjetiva* com os/as Orientandos/as embasada na confiança, no *acreditar recíproco* e no *Respeito*, fazendo uso da *Informação Dialogada* e do *Reconhecimento*, entre outros recursos.

Entendemos que as atividades do/a Orientador/a Profissional em um cursinho popular que não tenham em seus objetivos a emancipação da juventude periférica estará sujeito a contradição, e, portanto, podendo inconscientemente servir aos interesses que são combatidos dentro dos cursinhos populares pré-universitários.

Achamos importante esclarecer que não estamos defendendo a indissociabilidade da militância política com a prática de OPC em cursinhos populares, mas ressaltando a importância da congruência entre a visão de mundo, o posicionamento ético-político do/a Orientador/a Profissional com sua *práxis*, colocando o “saber psicológico a serviço da construção de uma sociedade em que o bem estar dos menos não se faça sobre o mal estar dos mais, em que a realização de alguns não requeira a negação dos outros” (Martin-Baró, 1996, p. 23).

O/a Psicólogo/a que atua como Orientador/a Profissional dentro de um cursinho popular tem a oportunidade de desmitificar possíveis estereótipos, equívocos e distorções sobre seu trabalho e sua figura profissional ao convidar e incluir os/as colegas Educadores/as Populares nos encontros de OPC, privilegiando a multidisciplinaridade que é característica ontológica desse campo.

A OPC demonstrou capacidade estratégica para auxiliar na conscientização crítica dos/as Orientandos/as sobre si no e do mundo, e nesse processo a construção do *esperançar* dos/as Jovens pode ocorrer concomitante quando: i) proporcionar pontes à outras realidades; ii) contribuir nos processos de autoconhecimento; iii) discutir a Função Social das Profissões, iv) das artimanhas do mercado de trabalho, e v) temas do cotidiano da realidade dos/as Orientandos/as que estejam impactando seus processos de escolha e/ou que o/a Orientador/a ache pertinente para trabalhar a desconstrução dos valores neoliberais internalizados.

As análises das narrativas revelaram que a pandemia da COVID-19 e os retrocessos protagonizados pelo governo federal potencializaram as forças retrógradas que podam os sonhos da juventude periférica e dificultam a autorrealização destes/as, os

abismos das desigualdades sociais foram aprofundados; a exclusão digital dos/as Jovens revelou como esse território ainda precisa ser efetivamente ocupado pela população periférica e não de forma parcial e de acordo com os interesses capitalistas; dificuldades financeira, desemprego, conflitos familiares, conjuntura política, precarização do ensino público, violências, preconceitos, evasão escolar e negligências foram os fenômenos encontrados como os principais obstáculos nos processos emancipatórios dos/as Estudantes de cursinhos populares.

*A falta de conscientização racial* além de impossibilitar a percepção de opressões e privilégios estruturais na sociedade, pode produzir outros obstáculos, como a identificação com a branquitude e a segregação do movimento negro à medida que vai se fossilizando na intersubjetividade.

A predominância de estudantes auto identificados/as como não-brancos/as, demonstra a necessidade da OPC incluir em suas análises teóricas, técnicas e metodológicas os impactos da problemática das relações étnico-raciais nos processos de escolha profissional e de carreira.

*Estudar para trabalhar, trabalhar é uma necessidade e não perder nenhuma oportunidade* para trabalhar, foram as principais formas de resistência e enfrentamento encontradas pelos/as Jovens desta pesquisa, cujas motivações encontradas para superarem as adversidades encontradas durante suas trajetórias são: a realização dos sonhos concretos de estudar e trabalhar, *inspirar* outros/as familiares e terem *reconhecimento*.

Histórias de solidariedade e superação também se fizeram presentes nas narrativas.

Adotar o materialismo histórico-dialético como método de análise, possibilitou a experiência de construção do método concomitante com os avanços da pesquisa, por outro lado, problematiza a possibilidade de replicar a pesquisa, por entendermos que o mundo está em constante movimento dialético e as narrativas devem ser compreendidas e analisadas dentro do contexto sócio-histórico no qual são produzidas.

Spink e Lima (2013) ressaltam que o rigor metodológico em Psicologia social não se engessa na “triangulação entre replicabilidade, generabilidade e fidedignidade” (p. 79), mas sim, na descrição do “*modo*” (grifo nosso) como a pesquisa foi realizada em todo o seu processo, desde a explicitação dos passos de busca até a análise das informações obtidas, dando visibilidade ao processo metodológico e possibilitando “ao leitor identificar os passos de análise e compreender as interpretações . . . e a flexibilidade do pesquisador” (Nascimento, Tavanti, & Pereira, 2014, p. 270).

Chegando próximo a conclusão dessa dissertação, mas não do tema, pois acreditamos que o campo da OPC em cursinhos populares ainda é objeto para estudo, apresentamos algumas propostas de futuras pesquisas que foram surgindo durante o desenvolvimento dessa, como por exemplo: quais contribuições a Pedagogia da Libertação e a Psicologia da Libertação podem trazer para o campo da OPC em cursinhos populares pré-universitários ? Quais contribuições epistemológicas que a Psicologia Preta<sup>9</sup> pode proporcionar para o campo de conhecimento e intervenção da OPC em cursinhos populares? Necessidade de revisão sistemática de literatura das categorias Relação Intersubjetiva, Reconhecimento Intersubjetivo e Informação Dialogada nas produções científicas sobre OPC realizadas em contexto coletivo e individual; e considerando a configuração relacional da intersubjetividade e os relatos da Psicóloga Pandora, também propomos a realização de pesquisas qualitativas tendo a atuação do/a Orientador/a Profissional em cursinhos populares pré-universitários como objeto de investigação e o estudos científicos sobre os múltiplos determinantes responsáveis pela evasão dos/as Orientados/as de cursinhos populares.

Em tempo, convidamos Orientadores/as Profissionais (Psicólogos/as ou não) para atuarem nos cursinhos populares pré-universitários distribuídos em todo território nacional, trazendo em suas bagagens, suas histórias de vida, seu conhecimento teórico, técnico, metodológico para dialeticamente construirmos *formas de fazer*, e testar a aplicabilidade dos resultados e recomendações dessa pesquisa

Conclui-se esse trabalho com esperanças de suas possíveis contribuições para o campo, entre essas a de semear notas para uma Orientação Profissional da Libertação.

---

<sup>9</sup> De acordo com Veiga (2019), Psicologia Preta refere-se aos estudos dos impactos psicossociais do racismo sobre as subjetividades de pessoas negras, buscando compreender, analisar, acolher e tratar os efeitos do racismo, do colonianismo e embaquecimento, e também promove o resgate da ancestralidade africana. O termo *Black Psychology*, surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, a partir dos trabalhos clínicos dos Psicólogos negros Wade Nobles e Naim Akbar. O livro *Peles Negras, Máscaras Brancas* do Psiquiatra martinicano Frantz Fanon lançado em 1952 é fonte de inspiração para muitos trabalhos ulteriores que se identificam como Psicologia Preta. No Brasil, destacam-se os trabalhos da Socióloga e Psicanalista Virgínia Bicuda, da Psicanalista Lélia Gonzales, da Psicóloga e Psicanalista Neusa Santos Souza, do Psicólogo Lucas Veiga, da Historiadora Sueli Carneiro, da Filósofa Beatriz Nascimento, entre outros. Em nosso entendimento, a perspectiva crítica desses/as autores/as contribuem para o processo de uma conscientização crítica de pessoas negras e brancas brasileiras.

## REFERÊNCIAS<sup>10</sup>

- Abramo, L. (2010). Trabalho decente: o itinerário de uma proposta. *Bahia Análise & Dados, Salvador*, 20(2-3), 151-171.
- Adorno, T. W. (2000). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Aguiar, W. M. J., Bock, A. M. B., & Ozella, S. (2007). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (3a ed., 163-178). São Paulo: Cortez.
- Almeida, J. A. M. (2017). Identidade e emancipação. *Psicologia & Sociedade*, 29, 1-7.
- Almeida. S. (2018). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Alvarenga, D., & Silveira D. (2020, 04 de março). PIB do Brasil cresce 1,1% em 2019, menor avanço em 3 anos. *G1 Economia*. Recuperado em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/04/pib-do-brasil-cresce-11percent-em-2019.ghtml>
- Anistia Internacional (2020). *Los Derechos Humanos las Americas – Retrospectiva 2019*. Recuperado de <https://www.amnistia.pt/wp-content/uploads/2020/02/Annual-Report-2019-ENG.pdf>
- Aruzza, C., Bhattacharya, T., & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99%: um manifesto*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. livro digital
- Belei, R. A., Gimeniz-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, 30(1), 187-199
- Bento, M. A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 5-58.
- Bernardes, M. E. M. (2010). O Método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a Pesquisa sobre o Psiquismo Humano. *Revista Psicologia Política*, vol. 10. Nº 20, 297-313.
- Bianchi, P. (2020) in Viera, N, Bianchi, A., & Costa, M. (2020). (youtube). Aula 9: Como Pensar a Educação em Tempos de Pandemia. *Curso Entender o Mundo: Pandemia e Periferias*. Realizado pela Rede Emancipa Movimento de Educação Popular em parceria com a UERJ e a FFLCH-USP. Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=CkbvXotZfHQ&t=4699s>
- Bhargava, R. (2013). Overcoming the epistemic injustice of colonialism. *Global Policy*, 4(4), 413-417.

---

<sup>10</sup> De acordo com o estilo APA (*American Psychological Association*).

- Blustein, D. L., McWhirter, E. H., & Perry, J. C. (2005). An emancipatory communitarian approach to vocational development theory, research, and practice. *The Counseling Psychologist*, 33(2), 141-179.
- Blustein, D. L. (2011). A relational theory of working. *Journal of Vocational Behavior*, 79(1), 1-17. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2010.10.004>
- Blustein, D. L., Masdonati, J., & Rossier, J. (2017). *Psychology and the International Labor Organization: The Role of psychology in the decent work agenda*. Recuperado em: [www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---.../wcms\\_561013.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---.../wcms_561013.pdf)
- Bock, A. M. B. (2007). A psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia. In Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (3a ed., 15-35). São Paulo: Cortez.
- Bock, S. D. (2010). *Orientação profissional para classes pobres*. São Paulo: Cortez.
- Bock, S. D. (2013). *Orientação Profissional – A abordagem sócio-histórica*. (livro eletrônico) (1a ed.) São Paulo: Cortez
- Bock, S. & Bock, A. M. B. (2005) Orientação Profissional: uma abordagem Sócio-Histórica. In: *Revista Mexicana de orientação educativa*. Nº 5.
- Bohoslavsky, R. (1983). *Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (2015). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. (13a ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê.
- Brasil (2019). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Superior 2018*. Brasília. Recuperado em <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 525-535. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300011>
- Cabral, D. W. A., Ribeiro, L. L.; Silva, D. L. & Bomfim, Z. Á. C. (2015). Vygotsky e Freire: os conceitos de "consciência" e "conscientização" Vygotsky y Freire: los conceptos de "consciência" e "concientización". *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2), 412-422. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082015000200017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200017&lng=pt&tlng=pt).
- Carvalho, M. C. (Org.). (2017). *Revista Emancipa 10 anos – Educando para liberdade*.
- Castro, R.; Alves, C. V. (2012). Consciência em Vygotsky: aproximações teóricas. *IX Anped Sul*, Caxias do Sul, UCS



- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo. livro digital
- Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo, Atlas.
- Delari Jr., A. (2012). *O sujeito e a clínica na psicologia histórico-cultural: diretrizes iniciais*. Mimeo. Umuarama-PR. Recuperado de <<http://www.vigotski.net/clinica-ufms.pdf>>.
- Dias, M. S. D. L., & Soares, D. H. P. (2007). Jovem, mostre a sua cara: um estudo das possibilidades e limites da escolha profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(2), 316-331.
- Deniszczwicz, M., & Kern, V. M. (2013). Indicadores de gestão na revisão por pares: confiabilidade da revisão recíproca anônima de propostas de mestrado. *Liinc em Revista*, v.9 (1). doi: <https://doi.org/10.18617/liinc.v9i1.531>
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra Mascaras Brancas*. Salvador: EDUFBA
- Figueiredo, V. C. N., & Barbosa, A. V. (2015). Escolha e perspectiva profissional de alunos de um cursinho preparatório popular. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 173-183.
- Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1983). *Pedagogia do oprimido* (16a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P., & Shor, I. (1986). *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. ISBN 85-219-0243-3
- Fontana, G. (2021, 01 de maio) Vendas de veículos novos caem 26% em 2020 e setor tem pior resultado desde 2016. *G1*. Recuperado em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/05/vendas-de-veiculos-novos-caem-26percent-em-2020-pior-resultado-desde-2015.ghtml>
- G1 SP (2020, 29 de novembro). Em São Paulo, número de votos válidos no 2º turno é igual ao do 1º, mesmo com alta na abstenção. *G1*. Recuperado de <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2020/noticia/2020/11/29/cidade-de-sp-registra-abstencao-recorde-no-2o-turno-das-eleicoes-2020.ghtml>
- Galeão-Silva, L. G. (2017). Psicologia social crítica na periferia do capitalismo. In N. Silva Jr., & W. Zangari (Orgs.), *A psicologia social e a questão do hífen* (91-100). São Paulo: Edgard Blücher.
- Gavras, D. (2020, 15 de janeiro) Desemprego dos pais empurra filhos mais cedo para o mercado de trabalho. *Uol Economia*. Recuperado em

<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/01/05/desemprego-dos-pais-empurra-filhos-mais-cedo-para-o-mercado-de-trabalho.htm>

- Gonçalves, M. G. M (2007) Fundamentos metodológicos da Psicologia sócio-histórica. In Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia* (3a ed. 113-127). São Paulo: Cortez
- Gonzales, L. A. (2020) mulher negra no Brasil. In *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, reflexões e diálogos*. Capítulos selecionados (pp. 144-155). Rio de Janeiro: Zahar.
- González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning Editores.
- González Rey, F. L. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, (24), 155-179. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&tlng=pt)
- González Rey, F. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning Editores.
- Honneth A. (2003) *Luta por reconhecimento: gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.
- Hooley, T., & Sultana, R. G. (2016). Career guidance for social justice. *Journal of the National Institute for Career Education and Counselling*, 36, 2-11. doi: 10.20856/jnicec.3601
- Hooley, T., Sultana, R., & Thomsen, R. (2020, 23 de março). Why a social justice informed approach to career guidance matters in the time of coronavirus. *Career Guidance for Social Justice*. Recuperado de <https://careerguidancesocialjustice.wordpress.com/2020/03/23/why-a-social-justice-informed-approach-to-career-guidance-matters-in-the-time-of-coronavirus/>
- Jordão, R. (2020, 29 de outubro). Violência contra mulheres cresceu 64% em quatro anos no município de São Paulo. *Brasil de Fato*. Recuperado em <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/29/violencia-contramulheres-cresceu-64-em-quatro-anos-no-municipio-de-sao-paulo>
- Kato, D. S. (2015). O papel dos cursinhos populares nos acessos e mudanças de perspectivas de seus participantes. *Cadernos CIMEAC*, 1(1), 5-24.
- Lane, S. (1981). *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S., & Codo, W. (Orgs.). (1984). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Lop, M. R., Nau, D. R., Tiedemann, L. A., Silva, I. A. & Silva, E. A (2018) Orientação profissional como compromisso social: Relato de um projeto de extensão. In Lassance,

- M. C. P., & Ambiel, R. A. M., (Orgs). *Investigação e Práticas em Orientação de Carreira: Cenário 2018*. Porto Alegre: Associação Brasileira de Orientação Profissional
- Lucchiari, D.H.P.S. (Org.) (1993). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. (8ª ed). São Paulo: Summus
- Macêdo, C. B. V., Silva, R. A., Santos, P. P. & Soares, E. C. (2015). Representação da psicologia e do psicólogo entre as diferentes classes sociais e níveis de escolaridade, In Lima, A. F., Antunes, D. C. & Calegare, M. G. A. (Orgs) *Anais e resumos do XVIII Encontro Nacional da ABRAPSO* (221). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Mahl, A. C., Soares, D. H. P., & Neto, E. O. (Orgs.) (2005). *POPI – Programa de Orientação Profissional Intensivo: outra forma de fazer Orientação Profissional* (1a ed.). São Paulo: Vetor.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Metodologia científica* (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Maree, J. G. (2015). Poverty and life design. In L. Nota, & J. Rossier (Eds.), *Handbook of life design: From practice to theory and from theory to practice* (233-248). Boston: Hogrefe.
- Martín-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Revista Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(1), 7-27. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Martín-Baró, I. (2009a). Para uma Psicologia da Libertação. In Guzzo, R.S.L., & Lacerda, F. (Orgs). *Psicologia social para a América Latina: O resgate da Psicologia da Libertação*. (180-197). Campinas, São Paulo: Editora Alínea.
- Martín-Baró, I. (2009b). Desafios e perspectivas da psicologia latino-americana. In Guzzo, R.S.L., & Lacerda, F. (Orgs). *Psicologia social para a América Latina: O resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 199-219). Campinas, São Paulo: Editora Alínea.
- Martins, E. F. (2015). Categorias de análise dos significados e sentidos constituídos pelo pedagogo/gestor: uma reflexão necessária. Educere XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR.
- Marx, K. (2011). *O Capital: Crítica da Economia Política* (2a ed.). Ed. Boi Tempo. (Trabalho original publicado em 1867).
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios - Revista do GAV/EBA/UFRJ*, 32, 122-151.
- Mendes, M. T., & Rufato A.M. (2015). Por que não passam? Cursinhos populares e tempo curricular: uma problematização a partir de experiências da rede emancipa. *VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação* (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro)
- Molon, S. I. (2008). Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. *Revista Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, 11(1), 56-68.

- Nascimento, V. L. V., Tavanti, R. M., & Pereira, C. C. Q. (2014). O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. In M. J. Spink, J. Brigagão, V. Nascimento, & M. P. Cordeiro. *A produção de informação na Pesquisa Social* (pp. 247-272). Rio de Janeiro: Centro Edelstein. Recuperado de <http://www.bvce.org.br/LivrosBrasileirosDetalhes.asp?IdRegistro=262>
- Netto, J. P. (2016). *Introdução ao Método de Marx com José Paulo Netto* (youtube) – Aula ministrada no Programa de Pós-Graduação de Política Social no Departamento de Serviço Social na Universidade de Brasília em 19/04/2016. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>
- Nota, L., Soresi, S., Ferrari, L., & Ginevra, M. C. (2014). Vocational designing and career counseling in Europe. *European Psychologist*, 19(4), 248-259. doi: 10.1027/1016-9040/a000189
- Oliveira, F. M. U. de. (2020). A demanda por empreender: uma proposta para o estudo do empreendedorismo de acordo com a psicologia social do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 23(2), 115-128. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v23i2p115-128>
- Oliveira, A. D. S. (2009). *Os sentidos da escolha da profissão, por jovens de baixa renda: um estudo em psicologia sócio-histórica*. (Dissertação de mestrado, Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16598>
- Paludo, C. (2015). Educação popular como resistência e emancipação humana. *Cadernos CEDES*. Campinas, 35(96), 219-238.
- Pierro, G. D. (Coord.). (2019). *Caderno para Educadoras/es Tô no Rumo - 2019 jovens e escolha profissional*. Ação Educativa. Recuperado de <https://acaoeducativa.org.br/>
- Pereira, E. R., Pegoraro, R. F., & Raser, E. F. (2017). História de vida, pesquisa narrativa e testemunho: perspectivas nos estudos biográficos. *Quaderns de Psicologia*, 19(3), 277-286.
- Pereira, T. I., Raizer, L., & Meirelles, M. (2010). A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. *Revista Espaço Pedagógico*, 17(1). doi: <https://doi.org/10.5335/rep.2013.2029>.
- Organização Internacional do Trabalho. (1999). *Conferência Internacional del Trabajo 87 Trabajo decente*. Ginebra: Memoria del Director General.
- Rascován, S. E. (2005). *Orientación vocacional: una perspectiva crítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Rede Nossa São Paulo (2020). *Mapa da Desigualdade Social 2020*, Recuperado em <https://www.nossasaopaulo.org.br/arqs/mapa-da-desigualdade-completo-2020.pdf>

- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: um novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.
- Ribeiro, M. A. (2020, 05 de abril) Por que uma abordagem focada na justiça social para orientação profissional e de carreira (OPC) é importante na época do coronavírus: Reflexões a partir da América Latina – O caso do Brasil
- Ribeiro, M. A., & Melo-Silva, L. L. (2011a). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (Vol. 1). Vetor Editora Psico Pedagógica LTDA.
- Ribeiro, M. A., & Melo-Silva, L. L. (2011b). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira* (Vol. 2). Vetor Editora Psico Pedagógica LTDA.
- Ribeiro, M. A., & Fonçatti, G. O. S. (2017). The gap between theory and reality as a generator of social injustice. In T. Hooley, R. G. Sultana, & R. Thomsen (Eds.), *Career guidance for social justice: Contesting neoliberalism* (pp. 193-208). Abingdon, UK: Routledge.
- Roose, A., Gerhardt, T. E., Souza, A. C., & Lopes, M. J. M. (2006). Field diary: construction and utilization in scientific researches: bibliographic analysis. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3). Recuperado de: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/598/141>
- Rosa, H. (2010). A theory of social acceleration. In *Alienation and acceleration. Towards a critical theory of late-modern temporality* (pp. 13-33). Copenhagen: NSU Press.
- Rosado, C., & María, A. (2012). Género, orientación educativa y profesional. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 9(22), 36-41.
- Santos, A. O. (2017). Cap. 13. Conhecimento, opinião, estereótipo e o medo da alteridade. In *A psicologia social e a questão do hífen* (pp. 193-196). São Paulo: Edgard Blücher.
- Santos, G. R. dos, & Aquino, O. F. (2014). A psicologia histórico-cultural: conceitos principais e metodologia de pesquisa. *Perspectivas em Psicologia*, 18(2). Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/29471>
- Santos, R. S., & Ataíde, M. A. (2019) A democratização do ensino superior, como projeto utópico de mobilidade social para a população de baixa renda: uma revisão bibliográfica. *Revista Querubim - Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais*, 38(7), 16-25, Universidade Federal Fluminense Faculdade de Educação, Rio de Janeiro.
- Saviani, D. (2004). Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. *Crítica ao fetichismo da individualidade* (pp. 21-52). Campinas: Autores Associados.
- Schiff, B. (2012). The function of narrative: Toward a narrative psychology of meaning. *Narrative Works*, 2(1), 33-47.
- Science. C. (1994). Da lama ao caos in *Da lama ao caos*. [disco vinil].Rio de Janeiro

- Silva, D. C., Vieira, C. N. G., Cardoso, H. F. & Campos, D. C. (2015). Orientação profissional em cursinhos populares: uma revisão acerca dos estudos brasileiros. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 3(1), 138-155.
- Silva, F. F. (2010) *Construção de projetos profissionais e redução da vulnerabilidade social: subsídios para políticas públicas de orientação profissional no ensino médio*. (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-06052010-120018/pt-br.php>
- Silva, Jr, J. R. S. (2014). *A escolha profissional das camadas pobres do município de Manaus: um estudo sobre sentidos e significados*. (Dissertação de mestrado, Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Recuperado em [www.teses.pucsp.br](http://www.teses.pucsp.br)
- Silva, L. (2016). Estudo sobre a orientação vocacional e profissional-Escolhas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(2), 239-244.
- Silva, V. R., (2020, 18 de junho). Um retrato das mães solo na periferia. *Gênero e Número*. Recuperado de <https://www.generonumero.media/reportagens/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>
- Souza, E. J. (2019) No Brasil, o jovem não tem opção de não procurar emprego, In Guimarães, C. (2019, 02 de abril) *Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio-Fiocruz*, Recuperado de <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/no-brasil-o-jovem-nao-tem-opcao-de-nao-procurar-emprego>
- Souza, L. G. S., Menandro, M. C. S., Nardi, M. B., & Rolke, R. K. (2009). Oficina de orientação profissional em uma escola pública: Uma abordagem psicossocial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 416-427.
- Sultana, R. G. (2010). Career guidance and social inclusion: A challenge for Europe. *Australian Journal of Career Development*, 19, 18-23. doi: 10.1177/103841621001900105
- Sultana, R. G. (2018). Responding to diversity: Lessons for career guidance from the global South. *Indian Journal of Career and Livelihood Planning*, 7(1), 48-51.
- Spink, M. J. & Lima, H. (2013). Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. p. 71-99. In M. J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, Edição Virtual.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15(2), 18-42. Recuperado em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=p](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=p)
- Starlles, W. (2021, 25 de fevereiro). Enem 2020 acumula recordes de abstenções. *Guia do Estudante*. Recuperado de <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/enem-2020-acumula-recordes-de-abstencoes/>

- Valore, L. A., & Cavallet, L. H. R. (2012). Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 354-363.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 244-248.
- Viera, N, Bianchi, A., & Costa, M. (2020). (youtube). Aula 9: Como Pensar a Educação em Tempos de Pandemia, *Curso Entender o Mundo: Pandemia e Periferias*. Realizado pela Rede Emancipa Movimento de Educação Popular em parceria com a UERJ e a FFLCH-USP. Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=CkbvXotZfHQ&t=4699s>
- Vygotsky, L. S. (1925/1991) La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In *Obras Escogidas*. Tomo I. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia. p. 39-60.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. (4a ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2001a) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2001b). *Pensamento e Linguagem*. Edição eletrônica. Ed Ridendo Castigat Mores.
- Vygotsky, L. S. (2004). *Teoria e método em psicologia*. (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S.; Luria, A. R. & Leontiev, A. N. (2010). *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. 11a edição. São Paulo: Ícone. Coleção Educação Crítica.
- Whitaker, D. C. A. (2010). Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a Orientação Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 289-297.
- Whitaker, D. C. A., & Onofre, S. A. (2006). Representações sociais em formação sobre os vestibulares dos estudantes de um cursinho comunitário na zona rural. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1), 45-55.
- Yamamoto, O. (2020) Aula 1: Marx e o Método (youtube). *Curso Psicologia e Marxismo*. Realizado pelo grupo *Psicologia e Ladinidades e a ABRAPSO*. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=GK5XhoK6-R4&t=105s>

## **ANEXOS**



## **ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **(Responsável por menor de idade)**

Seu/Sua filho/a está sendo convidado/a a participar como voluntário(a), em uma pesquisa de mestrado intitulada **“Processo de Orientação Profissional e de Carreira On-line (OPC-line) como estratégia emancipatória para justiça social de cursinhos populares pré- universitários: limites e possibilidades”**, sob orientação do(a) Prof(a). Marcelo Afonso Ribeiro.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Caso tenha dúvidas, teremos prazer em esclarecê-las. Se concordar fale seu nome completo e RG ao final da leitura deste documento, que está em duas vias. Sua colaboração será muito importante para nós. Mas, se quiser desistir a qualquer momento, isto não causará nenhum prejuízo, nem a você, nem a seu/sua filho/a.

Objetivo da pesquisa é compreender se e como o Processo de Orientação Profissional pode fazer emergir nos estudantes de cursinho populares uma consciência crítica da realidade e de si mesmo. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: serão realizadas duas entrevistas requisitado pelo pesquisador responsável, uma no início e outra na conclusão do processo de orientação profissional do cursinho do Vladimir Herzog da Rede Emancipa de Movimento de Educação Popular.

A entrevista deve durar 40 minutos, dependendo da sua disponibilidade e será gravada em áudio, sendo que as gravações ficarão arquivadas em poder do pesquisador com acesso restrito e sem identificação dos(a) entrevistados(a) e caso haja necessidade de mais entrevistas, ficaram sujeitos à sua disponibilidade.

Todo o material da entrevista será posteriormente transcrito e entregue para apreciação do/a seu/sua filho/a, para concordância ou correção, após o material será analisado pelo pesquisador e o orientador responsável e novamente encaminhado para a sua apreciação e eventuais apontamentos.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição e de seu/sua filho/a.

Vale salientar que a participação é voluntária, e você e seu/sua filho/a tem toda a liberdade de deixar de participar a qualquer momento, assim, como a não autorização para uso de parte ou de todo o material para pesquisa. Você e seu/sua filho/a poderá pedir os esclarecimentos que desejar a qualquer momento.

Garantimos a plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

O seu nome e de seu/sua filho/a não serão divulgados em nenhum momento e suas informações serão analisadas junto com as de outros participantes.

A pesquisa não lhe trará nenhuma vantagem financeira. Você e seu filho/a não terão nenhum gasto e também não receberam nada para participar desta pesquisa, mas há a garantia de ressarcimento das despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes.

O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou revista científica, mas, novamente, reforçar-se o sigilo, pois em nenhum momento sua identidade de seu/sua filho/a será revelada.

A pesquisa apresenta riscos mínimos ao seu/sua filho/a, principalmente desconfortos em relação aos temas abordados e os benefícios referem-se a ampliação do atendimento da Orientação Profissional junto a estudantes de cursinhos populares. Se for necessário um encaminhamento para algum atendimento, ele será feito pelo(a) pesquisador(a) e será oferecido de forma gratuita. Qualquer dúvida, entrar em contato e-mail marcelopsi@usp.br ou diretamente no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 - Cidade Universitária – São Paulo, SP– fone: (11) 3091-4182 - e-mail: ceph.ip@usp.br).

---

Pesquisador Executor  
**RODRIGO SILVA SANTOS**  
 Aluno da Pós- Graduação (regular)  
 Instituto de Psicologia da USP

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA NA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado/a, concordo de livre e espontânea vontade que meu/minha filho(a) \_\_\_\_\_ nascido(a) em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ seja participante do estudo **“Processo de Orientação Profissional e de Carreira On-line (OPC-line) como estratégia emancipatória para justiça social de estudantes de cursinhos populares pré-universitários: limites e possibilidades”**,

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador Rodrigo Silva Santos sobre a pesquisa, os objetivos, os procedimentos nela envolvidos, assim, como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do meu filho/a, tudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

## **ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, fale seu nome completo e RG no final da leitura deste documento. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Será realizada uma entrevista como parte da pesquisa de mestrado intitulada “**Processo de Orientação Profissional e de Carreira On-line (OPC-line) como estratégia emancipatória para justiça social de estudantes de cursinhos populares pré-universitários: limites e possibilidades**” sob orientação do(a) Prof(a). Marcelo Afonso Ribeiro e tem como objetivo compreender se e como o Processo de Orientação Profissional pode fazer emergir nos estudantes de cursinho populares uma consciência crítica da realidade e de si mesmo.

O objetivo dessa entrevista é estritamente acadêmico e para fins didáticos, não havendo nenhuma outra finalidade.

A entrevista deve durar 40 minutos, dependendo da sua disponibilidade, que é o que será requisitado pelo pesquisador e será gravada em vídeo/áudio, sendo que as gravações ficarão arquivadas em poder do pesquisador com acesso restrito e sem identificação dos(a) entrevistados(a).

Vale salientar que a participação é voluntária e a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento, assim como a não autorização para uso de parte ou de todo o material para pesquisa. Você poderá pedir os esclarecimentos que desejar a qualquer momento. Garantimos a plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Além disso, o sigilo está garantido e sua identidade não será revelada sob nenhuma hipótese.

O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou revista científica, mas, novamente, reforçar-se o sigilo, pois em nenhum momento sua identidade será revelada. A pesquisa apresenta riscos mínimos a você, principalmente desconfortos em relação aos temas abordados e contribuirá para ampliação do atendimento da Orientação Profissional junto a estudantes de cursinhos populares. A pesquisa não lhe trará nenhuma vantagem financeira. Se for necessário um encaminhamento para algum atendimento, ele será feito pelo pesquisador e será oferecido de forma gratuita. Haverá a garantia de ressarcimento das despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes. Qualquer dúvida, entrar em contato pelo e-mail do Prof. Marcelo marcelopsi@usp.br ou diretamente no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, pelo telefone: (11) 3091-4182 ou e-mail: [ceph.ip@usp.br](mailto:ceph.ip@usp.br), e o endereço fica na Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 - Cidade Universitária – São Paulo, SP

---

Pesquisador Executor  
**RODRIGO SILVA SANTOS**  
Aluno da Pós- Graduação (regular)  
Instituto de Psicologia da USP

### **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA NA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, Rg N° \_\_\_\_\_ abaixo assinado, concordo em participar do estudo “**Processo de Orientação Profissional e de Carreira On-line (OPC-line) como estratégia emancipatória para justiça social de estudantes de cursinhos populares pré-universitários: limites e possibilidades**”. Fui devidamente informado(a) e esclarecido pelo(a) pesquisador Rodrigo Silva Santos sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

## **ANEXO III - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(participantes menores de 18 anos)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, fale seu nome completo e RG ao final da leitura deste documento.

Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Será realizada uma entrevista como parte da pesquisa de mestrado intitulada “**Processo de Orientação Profissional e de Carreira On-line (OPC-line) como estratégia emancipatória para justiça social de estudantes de cursinhos populares pré-universitários: limites e possibilidades**”, sob orientação do(a) Prof(a). Marcelo Afonso Ribeiro e tem como objetivo compreender se e como o Processo de Orientação Profissional pode fazer emergir nos estudantes de cursinho populares uma consciência crítica da realidade e de si mesmo.

O objetivo dessa entrevista é estritamente acadêmico e para fins didáticos, não havendo nenhuma outra finalidade.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: serão realizadas duas entrevistas requisitado pelo pesquisador responsável, uma no início e outra na conclusão do processo de orientação profissional do cursinho do Vladmir Herzog da Rede Emancipa de Movimento de Educação Popular.

A entrevista deve durar 40 minutos, dependendo da sua disponibilidade e será gravada em áudio, sendo que as gravações ficarão arquivadas em poder do pesquisador com acesso restrito e sem identificação dos(a) entrevistados(a) e caso haja necessidade de mais entrevistas, ficaram sujeitos à sua disponibilidade.

Todo o material da entrevista será posteriormente transcrito e entregue para a sua apreciação para concordância ou correção, após o material será analisado pelo pesquisador e o orientador responsável e novamente encaminhado para a sua apreciação e eventuais apontamentos.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Vale salientar que a participação é voluntária, ninguém pode forçar você a participar deste estudo e você tem toda a liberdade de deixar de participar a qualquer momento, assim como a não autorização para uso de parte ou de todo o material para pesquisa. Você poderá pedir os esclarecimentos que desejar a qualquer momento.

Garantimos a plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Seu nome e o nome de seus pais/responsáveis não serão divulgados em nenhum momento e suas informações serão analisadas junto com as de outros participantes.

A pesquisa não lhe trará nenhuma vantagem financeira. Você não terá nenhum gasto e também não receberá nada para participar desta pesquisa, mas há a garantia de ressarcimento das despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes.

O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou revista científica, mas, novamente, reforçar-se o sigilo, pois em nenhum momento sua identidade de seus pais/responsáveis será revelada.

A pesquisa apresenta riscos mínimos à você, principalmente desconfortos em relação aos temas abordados e os benefícios referem-se a ampliação do atendimento da Orientação Profissional junto a estudantes de cursinhos populares. Se for necessário um encaminhamento para algum atendimento, ele será feito pelo(a) pesquisador(a) e será oferecido de forma gratuita.

Qualquer dúvida, entrar em contato e-mail marcelopsi@usp.br ou diretamente no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 - Cidade Universitária – São Paulo, SP– fone: (11) 3091-4182 - e-mail: ceph.ip@usp.br).

---

Pesquisador Executor  
**RODRIGO SILVA SANTOS**  
 Aluno da Pós- Graduação (regular)  
 Instituto de Psicologia da USP

## CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA NA PESQUISA

Eu \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado/a tendo o termo de consentimento do meu responsável já sido assinado, declaro que concordo em participar de livre e espontânea vontade do estudo **“Processo de Orientação Profissional e de Carreira On-line (OPC-line) como estratégia emancipatória para justiça social de estudantes de cursinhos populares pré-universitários: limites e possibilidades”**, e que recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador Rodrigo Silva Santos sobre a pesquisa, os objetivos, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação, tudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXO IV - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA (ESTUDANTES DO CURSINHO)**

**DADOS PESSOAIS**

Nome completo ou nome social: \_\_\_\_\_

Nome fictício escolhido pelo/a participante: \_\_\_\_\_

RG Nº \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_ Raça: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Filhos/as: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_

Renda mensal familiar \_\_\_\_\_

Reside com \_\_\_\_\_

**CONSTELAÇÃO FAMILIAR**

Nome do Pai: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_ Escolaridade \_\_\_\_\_

Nome da Mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_ Escolaridade \_\_\_\_\_

## **ANEXO V - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA (ESTUDANTES DO CURSINHO)**

Pergunta disparadora:

- Me conte, como escolheu a sua futura profissão?

**Temas a serem aprofundados:**

- História de Vida (Pessoal, Familiar, Escolar, Trabalho);
- Dificuldades e superações;
- Investigar quais os obstáculos que impedem a emancipação no aqui-e-agora;
- Sentidos e significados das aspirações sobre a escolha profissional;
- Processo de Orientação Profissional (consciência crítica de si, do mundo e do futuro);

**ANEXO VI - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS/AS  
PARTICIPANTES DA PESQUISA (COORDENADORES/AS,  
PROFESSORES/AS DO CURSINHO)**

Pergunta disparadora:

- Como a Rede Emancipa auxilia na emancipação dos/as seus estudantes?

Temas a serem aprofundados:

- Investigar quais seriam os obstáculos que impedem a emancipação dos/as estudantes no aqui-e-agora;
- Ações da Rede Emancipa / Possibilidades e Limites;
- Percepção sobre Processo de Orientação Profissional;



**ANEXO VII - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS/AS  
PARTICIPANTES DA PESQUISA (COORDENADORES/AS,  
PROFESSORES/AS DO CURSINHO)**

Pergunta disparadora:

- Como a Rede Emancipa auxilia na emancipação dos/as seus estudantes?

Temas a serem aprofundados:

- Investigar quais seriam os obstáculos que impedem a emancipação dos/as estudantes no aqui-e-agora;
- Ações da Rede Emancipa / Possibilidades e Limites;
- Percepção sobre Processo de Orientação Profissional;